

KÁSSIO VINICIUS CASTRO GOMES

A ESCALADA EM BELO HORIZONTE - MG: um estudo sobre a constituição do *subcampo* esportivo da escalada e as transformações do *habitus*

Belo Horizonte
Universidade Federal de Minas Gerais
2009

KÁSSIO VINICIUS CASTRO GOMES

A ESCALADA EM BELO HORIZONTE - MG: um estudo sobre a constituição do *subcampo* esportivo da escalada e as transformações do *habitus*

Dissertação apresentada ao Programa Multidisciplinar de Pós-graduação – Mestrado em Lazer, da Universidade Federal de Minas Gerais, como pré-requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lazer.

Área de concentração: Lazer, Cultura e Educação

Linha de Pesquisa: Lazer, Cidade e Grupos Sociais

Orientador: Dr. Silvio Ricardo da Silva

Belo Horizonte
Universidade Federal de Minas Gerais
Julho de 2009

G633e Gomes, Kássio Vinicius Castro
2009

A escalada em Belo Horizonte - MG: um estudo sobre a constituição do subcampo esportivo da escalada e as transformações do *habitus*. [manuscrito] / Kássio Vinicius Castro Gomes – 2009.
121 f., enc.: il.

Orientador: Silvio Ricardo da Silva

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.
Bibliografia: f. 102-107

1. Lazer - Teses. 2. Belo Horizonte (MG) - Teses. 3. Esportes - Teses. 4. Natureza - Teses. I. Silva, Silvio Ricardo da. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8

Ficha catalográfica elaborada pela equipe de bibliotecários da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais.



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Mestrado em Lazer
Área Interdisciplinar

Dissertação intitulada *A escalada em Belo Horizonte – MG: um estudo sobre a constituição do subcampo esportivo da escalada e as transformações do habitus* de autoria do mestrando **Kássio Vinícius Castro Gomes** defendida e aprovada em 22 de julho de 2009, na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais e submetida à banca examinadora composta pelos professores:

Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva (Orientador)
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Dr. Giuliano Gomes de Assis Pimentel
Centro de Ciências Biológicas
Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Hélder Ferreira Isayama
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Universidade Federal de Minas Gerais

Aos meus filhos Ian e Heitor, e minha esposa Simone Caixeta,
amiga e companheira, inseparáveis ao longo deste caminho
longo, árduo e repleto de sorrisos e lágrimas.

“Amor dos meus amores, sangue da minha alma...”

AGRADECIMENTOS

Ao orientador Silvio, responsável por me conduzir nesta difícil empreitada, me dando a segurança necessária para alcançar o cume desta via. Não foram poucas as palavras de estímulo, às vezes duras, mas sinceras. Obrigado por ser bem mais que um *Currículo Lattes*. Obrigado por ser o amigo que é.

Aos meus pais Maurílio e Duzinha indispensáveis em minha vida. Obrigado pelo zelo, afeto, sabedoria e dignidade necessários na minha formação.

Aos amigos Itambacurienses que na infância e juventude partilharam experiências, emoções e valores que me permitiram sair da 'roça' sem jamais deixar que a 'roça' saísse de mim.

As minhas tias Lete e Tana e as vovós Dindinha e Irene, minhas palavras jamais serão capazes de expressar o carinho que sinto por vocês.

Aos irmãos Maurilinho e Têca, pelo amor compartilhado, especialmente a irmã Sandra, que talvez hoje descubra o quanto foi importante na minha formação moral e política.

As famílias Castro e Gomes, aos tios, primos, sobrinhos (Isadora, Clara e Miguel) e "agregados" (Flávia, Robin e Mauro) que enchem nossa casa e corações de alegria.

A família Caixeta, especialmente ao meu sogro Aleixo e minha sogra Dercy, que me acolheram como parte da família.

Aos amigos, vizinhos, parceiros e parentes, Alexandre e Ivone.

A minha família do coração, Rodrigo, João Pedro, Gabi e a Raquel 'Sam', amiga de fé irmã camarada.

Aos amigos e parceiros de escalada, aos quais confio à ponta da corda dos meus filhos, Rodrigo, Renata, Tatá e Nizier.

Aos eternos amigos e 'malas', André Poá, Daniel Goiaba, Alex, Ciro, Andrézão (Schetino), Adiléia e a Jak, essenciais neste processo.

A amiga e companheira Ivana "P"olvo, de tão presente, só lembrei aos 47 minutos do segundo tempo.

As instituições públicas de ensino (Escola Afonso Pena, HAGROPE, UFV e UFMG), Patrimônio brasileiro.

A Chris, Helder, Silvio e Victor pela coragem, profissionalismo e determinação à frente do CELAR, sem me esquecer da grande companheira Cinira.

Aos colegas do mestrado João, Cleide, Léo, Tatá, Claudinha, Gabi e Ricardo, pela partilha das dores e sabores deste caminho.

Aos alunos da UNIVALE, especialmente aos monitores, extensionistas, jovens e moradores das comunidades atendidas pelos projetos PROGERI – Projeto de Geração de Emprego e Renda da Ibituruna e PROAGE – Projeto Agroecologia e Ecoesporte, o meu muito obrigado à “Comunidade do Brejaúba”, onde tudo começou.

Ao Nietzsche e a Lou Salome, protagonistas do amor platônico que inspira minha vida.

“Sabe o que eu queria agora, meu bem...?
Sair chegar lá fora e encontrar alguém
Que não me dissesse nada
Não me perguntasse nada também
Que me oferecesse um colo ou um ombro”

**Onde Deus Possa me Ouvir
Vander Lee**

RESUMO

Este estudo trata da constituição do subcampo esportivo de escalada na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. A partir de meus estudos e vivências como escalador, entendo a escalada como prática esportiva caracterizada pelo ato de subir em obstáculos naturais ou artificiais com o emprego apenas de equipamentos não mecânicos. Busquei compreender como este subcampo esportivo se constituiu, destacando: seus conflitos internos, alterações sofridas, e permanências dos postos de poder simbólico que transformam o *habitus* desta estrutura. Para desenvolver a pesquisa, optei por uma abordagem sócio-antropológica a partir do conhecimento praxiológico bourdieusiano. Foram empregadas técnicas de revisão bibliográfica, entrevistas semi-estruturadas, observação participante e análise de documentos. A fim de desvelar o *habitus* dos escaladores em suas relações, o *lócus* da pesquisa se caracteriza pelos espaços mais freqüentados pelos praticantes de Belo Horizonte. Com a aproximação aos termos e categorias desenvolvidas e abordadas na pesquisa, a escalada foi compreendida como possibilidade de lazer na urbanidade, sendo tratada como esporte distinguindo-se do emprego do termo “Atividades Físicas de Aventura na Natureza” - AFAN's. Para explicar e consolidar a posição acerca da escalada como prática esportiva geradora de um *habitus* comum aos escaladores de Belo Horizonte, foi recuperado o histórico do montanhismo mundial e nacional. Assim, (re)construindo a história de constituição do subcampo esportivo da escalada e as transformações do seu *habitus*. Concomitantemente às categorias de 'campo' e *habitus*, estas foram sendo gradativamente desveladas e articuladas com as noções de poder, capital e violência simbólica, consideradas vitais para a compreensão das motivações dos conflitos e busca de distinção no interior deste subcampo. Assim, concluí que: o subcampo esportivo da escalada de Belo Horizonte permanece em constante movimento de transformações em seu *habitus*, dialeticamente se construindo e reconstruindo a partir das disputas provocadas entre os que lá estão em posições consolidadas e os que chegam com o desejo de ocupar espaços diferenciados neste subcampo. É necessário considerar que estas reconstruções se configuram como um processo ininterrupto de estruturação e reestruturação de forças em seu interior, em que os escaladores novatos pretendentes a ter e exercer poder disputam com e contra os escaladores dominantes, objetivando consolidar posições e impor seus valores.

Palavras-chave: Esportes da natureza. Escalada. Lazer. Belo Horizonte. Campo. *Habitus*.

ABSTRACT

This dissertation explores the constitution of the sportive sub-field of climbing in the city of Belo Horizonte, Minas Gerais. From my studies and experience as a climber, my understanding of climbing is as a sportive practice characterized by the action of scaling natural or artificial obstacles with the use of only non mechanical equipment. This dissertation considers how the sportive subfield was constituted, moreover it examines its internal struggles, the changing or maintaining of positions of symbolic power that alters the *habitus* of its structure. In order to develop this research, I chose a socio-anthropological approach from Bordieu's *praxiological* knowledge. The methodology applied consisted of a literature review, semi structure interviews, participant observation and analysis of documents. In order to review the *habitus* of the climbers and their relationships, the place of the research was characterized by areas most visited by the climbers in Belo Horizonte. The approach to terms and categories of climbing was viewed as a possibility for leisure in the urbanity, being treated like sport differing from the use of the term AFAN's – "Physical activity of nature adventure". To explain and consolidate climbing as a sporting practice and generator of a *habitus* common to the Belo Horizonte climber's community, the history of mountaineering was reviewed at a national and international level. Concomitantly, the categories field and *habitus* were gradually revealed and articulated together with notions of power, capital and symbolic violence. Those categories were vital for the comprehension of the motivation behind the struggles and the search for the distinction in the interior of this sub-field. This dissertation ends with the conclusion that the sportive sub-field of climbing in Belo Horizonte remains in constant transformations in its *habitus*. This sub-field dialectically builds and rebuilds from the struggles between those who have a consolidated position and those who arrive with the wish of occupying differentiated spaces. It is central to consider that this reconstruction represents a continuous process of structuring and restructuring of power in its interior, where novice climbers are claimants to obtain and exercise power to compete with the dominant climbers. Thus leading them to consolidate their positions and impose their values.

Key words: adventure sports. Climbing. Leisure. Belo Horizonte. Field. *Habitus*.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Tabela de características dos esportes em diferentes épocas	38
FIGURA 2: Conquistadores do dedo de Deus	55
FIGURA 3: Emblemas do Centro Excursionista Brasileiro – CEB	58
FIGURA 4: Anuncio de prestação de serviço veiculado no Boletim Informativo do CEB.....	60
FIGURA 5: Anuncio publicitário das Lâminas Gillette fazendo analogia entre: a segurança na escalada e a segurança no barbear.....	61

SUMÁRIO

1. A Primeira ‘Enfiada’.....	11
1.1 A Linha da Minha ‘Via’.....	12
2. Construindo a Trilha.....	23
3. Desatando ‘Nós’.....	32
3.1 A Escalada como Conteúdo Físico/Esportivo.....	32
3.2 Lazer, Urbanidade e Escalada.....	41
4. O ‘Nó’: montanhismo/escalada e a constituição de um novo subcampo esportivo.....	50
4.1 Era a ‘Pedra’ no Caminho.....	54
4.2 O Dedo de Deus.....	54
4.3 O Primeiro Lance: O CEB institucionalizando o subcampo.....	56
4.4 Novos Tempos, Novos Lugares, Velhas ‘Práticas’.....	63
4.5 A Geração MEPA.....	69
4.6 Nas Montanhas de Minas.....	75
4.6.1 Senhores Passageiros com destino a Belo Horizonte, ocupem seus lugares e boa viagem.....	77
4.6.2 O Morro da Pedreira.....	78
4.6.3 Do Grupo III para a Lapinha.....	81
4.6.4 A ‘Mentalidade Suburbana’ como manifestação do <i>habitus</i>.....	89
5. Rapelando para a base da via.....	97
Referências Bibliográficas	102
Anexos	108

1. A Primeira Enfiada

Na escalada a rota a ser seguida durante uma ascensão é chamada de via, e esta pode ter as mais variadas extensões, definidas por critérios técnicos, pelas condições particulares da rocha ou pelo simples desejo do escalador que conquista a via. Quando uma via possui dimensões acima de 25 ou 30 metros, dizemos que ela tem duas ou mais enfiadas. Ao término de cada enfiada temos uma parada, que é assim conhecida por se tratar de um local na via que possibilita ao escalador fixar-se, parando para descansar antes de prosseguir com a escalada, ou aguardar a chegada do seu companheiro.

Assim sendo, apropriado e ressignifico o sentido de 'primeira enfiada', associando-a ao nome deste primeiro capítulo do texto, buscando dizer metaforicamente que se trata do início ou da apresentação do meu trabalho. O sentido de começo de uma escalada ao qual convido o leitor a me acompanhar partiu do início da minha trajetória no esporte e posteriormente passando pelas questões e problematizações vindas à tona pelo meu fazer acadêmico.

Concomitantemente, perpassam pelo texto noções e categorias que busquei desatar, tais como os escaladores fazem com os nós, estes tão necessários à prática da escalada, mas, por vezes, demasiadamente justos. Em seguida procurei "re" construir a história de constituição do subcampo esportivo da escalada e apresentar o conceito e as transformações do seu *habitus*.

A partir daí segui para o cume, ou melhor, me engajei em desatar os nós dos objetivos propostos neste trabalho, para, nas considerações finais, rapelar sã e salvo desta empreitada!

1.1. A linha da minha 'Via'

A linha de uma via corresponde ao traçado que ela segue pela rocha até um determinado ponto chamado parada¹ ou *top*, ou seja, seu fim. A seguir buscarei traçar esta linha que uniu minha trajetória pessoal e profissional ao objeto desta pesquisa.

Antes disso, convido o leitor a 'vivenciar' a escalada através da lembrança, esperando que o mesmo recupere em sua memória lembranças do universo da infância, suas experiências primeiras ou dos seus pares com a altura e a sensação de risco proporcionada pela escalada. Isto mesmo, escalada enquanto ato de subir em objetos, sejam eles naturais, como árvores, cipós, blocos de pedra e barrancos, ou artificiais, como sofás, cadeiras, escadas, janelas, muros e telhados. Com isso provocar lembranças de que outrora foi um escalador, sendo ao longo do seu processo educativo 'persuadido' (*'desce daí menino', 'você vai cair', 'eu já te avisei, se cair e machucar não adianta chorar'...*) a deixar de sê-lo.

Há uma década estabeleci minhas primeiras relações com o universo da escalada esportiva. Embora já acumulasse experiências em várias atividades englobadas pelo excursionismo², minha primeira ascensão marcou definitivamente meu vínculo com o esporte³. A aquisição de saberes técnicos e equipamentos aconteceu de forma crescente e gradativa, na medida em que aumentava meu envolvimento com a mesma. O estabelecimento de vínculos e a constituição de parcerias contribuíram sobremaneira para diminuir as barreiras para a prática da

¹ Na escalada tradicional, é uma ancoragem reforçada onde o guia para no final de uma enfiada de corda. As ancoragens de parada são à base de todo o sistema de segurança. Por isso, recomenda-se que elas sejam montadas com equalização em múltiplos pontos. <http://www.escalada.esp.br/glossario.htm> Acesso em: 27/04/09.

² "O excursionismo é uma atividade que engloba diversas outras como, por exemplo, o campismo, a espeleologia, a canoagem, a caminhada por trilhas, o mergulho e também o montanhismo. Geralmente, o termo excursionismo pode substituir o termo montanhismo. Isto geralmente acontece e um exemplo claro disso são os nomes das associações de excursionistas onde a atividade de escalar montanhas prevalece." <http://paginas.terra.com.br/esporte/campodealtitude/textos/textomontanhismo.htm> (André Zancanaro) Acesso em: 20/02/08.

³ O emprego do termo esporte para categorizar o que vem a ser a escalada esportiva será justificado no decorrer do capítulo 4.

escalada. Ao compartilhar transporte e acesso aos lugares, equipamentos e técnicas, a vivência da escalada foi se tornando facilitada.

A descrição acerca do meu vínculo com a escalada possibilita observar algumas afirmações que sugerem elementos posteriormente discutidos neste trabalho. Destaco a escalada “esportiva” como esporte, como experiência prática primordialmente social e delineada por estilos que demandam tecnologia; esta última na constituição dos equipamentos ou no aprimoramento das técnicas específicas para sua prática e distinção de estilos.

É importante ressaltar que não existe apenas uma forma de escalar, apenas uma possibilidade de fruição desta atividade física e esportiva, assim como o futebol, o voleibol e tantas outras atividades que oferecem múltiplas formas de vivência. Mas aqui trato da escalada que nos diversos processos históricos constituintes, teve sua vertente esportiva, aqui, reconhecida e atualmente amplamente difundida como escalada esportiva.

A constituição de um acervo minimamente necessário para a prática da escalada configura-se como o primeiro grande obstáculo a ser rompido por quem pretende se iniciar nesta atividade. A aquisição e a seleção de saberes, muitos destes complexos, estão diretamente relacionadas aos parceiros e ao grupo no qual se insere. Portanto, superar esta etapa de aquisição de saberes esteve para mim e está para aqueles que se iniciam no esporte relacionado dialeticamente à inserção em um grupo. Ser integrante de um grupo em que circula uma gama de conhecimentos sobre como, onde e com quem se joga ou se pratica o jogo da escalada configura-se numa tarefa duplamente complexa para quem deseja iniciar a prática do esporte.

Ao longo do texto o emprego do termo jogo não ficará restrito à experiência prática da escalada, ao significado de brincadeira, da forma pela qual se brinca, ou melhor, se escala. Frequentemente seu significado aparecerá associado, sobretudo, às relações simbólicas de poder e às disputas ocorridas no interior do ‘campo de jogo’. No caso em questão, campo esportivo e a escalada como um sucampo. Por hora simplificarei o conceito de campo como:

esse espaço onde as posições dos agentes se encontram a priori fixadas. O campo se define como lócus onde se trava uma luta

concorrencial entre os atores em torno de interesses específicos que caracterizam a área em questão. (ORTIZ, 1983, p.19)⁴

Na perspectiva bourdieusiana o jogo se faz presente como prática social de constituição, tensões e transformações no interior dos campos. No caso em questão trataremos do campo esportivo e seu subcampo⁵ escalada, sendo este um palco dotado de disputas (NOGUEIRA & NOGUEIRA, 2006) entre dominantes e pretendentes, veteranos e novatos ou estabelecidos e *outsiders*⁶ (ELIAS & SCOTSON, 2000). O agente que joga, joga um jogo num campo social, por isso Bourdieu entende que o termo jogo seja o mais apropriado para as disputas simbólicas ocorridas no interior dos campos, sendo assim:

[...] Pode-se falar de jogo para dizer que um conjunto de pessoas participa de uma atividade regrada, uma atividade que, sem ser necessariamente produto da obediência à regra, obedece a certas regularidades. O jogo é o lugar de uma necessidade imanente, que é ao mesmo tempo uma lógica imanente. Nele não se faz qualquer coisa impunemente. E o sentido do jogo, que contribui para essa necessidade e essa lógica, é uma forma de conhecimento dessa necessidade e dessa lógica. Quem quiser ganhar nesse jogo, apropriar-se do que está em jogo, apanhar a bola, ou seja, por exemplo, um bom partido e as vantagens a ele associadas, deve ter o sentido do jogo. [...] Para construir um modelo do jogo que não seja nem o simples registro das normas explícitas, nem o enunciado das regularidades, mas que integre umas e outras, é preciso refletir sobre os modos de existência diferentes dos princípios de regulação e regularidade das práticas: há, naturalmente, o *habitus*, essa disposição regrada para gerar condutas regradas e regulares, à margem de qualquer referência a regras; e, nas sociedades onde o trabalho de codificação não é muito avançado, o *habitus* é o princípio da maior parte das práticas. (BOURDIEU, 1990, p.83-84)

Desta forma, o jogo que se joga no subcampo escalada é peculiar, dotado de saberes que extrapolam os objetivos e fins dos esportes tradicionais, como, por exemplo, fazer um gol, marcar um ponto, vencer um *game* ou partida. Lograr êxito,

⁴ Embora a categoria campo tenha sido amplamente trabalhada e difundida por Pierre Bourdieu, nesta sua primeira apresentação no texto, utilizo uma releitura a priori simplificada feita por um dos seus revisores. Posteriormente a categoria campo será aprofundada, sendo retomada em vários momentos do texto.

⁵ Ao empregar no texto a expressão subcampo a mesma corresponderá a uma subdivisão do campo esportivo que é o objeto deste trabalho, especificamente do subcampo esportivo escalada.

⁶ Sobre a denominação dos agentes como veteranos e novatos, estabelecidos ou *outsiders*. A princípio tratarei o conceito de estabelecido como detentor de poder e outsider não detentor de poder. Estes dois termos serão retomados no Capítulo 4.

ter méritos em uma escalada, transcende os fins de se chegar ao cume ou ao *top* de uma via. Como se deu a experiência da ascensão, os parceiros envolvidos nesta empreitada, quais foram às técnicas empregadas (saberes), sobretudo se o praticante subiu e principalmente se desceu bem e com vida, é que constituem alguns fios desta rede de significados do êxito e dos méritos da escalada propriamente dita.

Doravante, trataremos estes preceitos éticos, estéticos, técnicos e suas internalizações e externalizações como o *habitus*, particularmente deste subcampo da escalada. Para que a lógica interna deste subcampo funcione, é necessário às pessoas aptas a jogar o jogo da escalada conhecerem suas regras e estarem dispostas a jogá-las, assim estando “*dotadas do habitus que implica o conhecimento e o reconhecimento das leis imanentes do jogo, das paradas em jogo, etc*” (BOURDIEU, 2003, p.120)

Em certa medida, diferentemente dos esportes ditos tradicionais, os preparativos para a escalada (viagem, transporte, comida, lugar, parceiros...), o processo da escalada (estilo de escalada, logística de equipamentos ou a forma como a via foi escalada...), a forma como se chegou ao cume ou *top* (vacando⁷, roubando, descansando...) e o retorno à base, compõem o conjunto de significados particulares a esta prática. Por princípios é - ou deveria ser - primordialmente coletiva, favorecendo o estabelecimento de vínculos de parceria muito fortes, pois, sua vida está “por um fio”, ou seja, pela corda, e esta passa literalmente pelas mãos do parceiro.

Visto que esta atividade favorece e necessita do estabelecimento de vínculos de ligação, no primeiro momento entendia que o caminho mais curto para alcançar o meu objetivo de escalar deveria ser o convencimento de alguns amigos a participarem de um curso básico de escalada. Afinal, se a minha vida estaria por um fio, que estivesse então nas mãos de alguém de minha confiança. Esta percepção inicial mais tarde, com o decorrer da pesquisa, se mostrou coerente com os relatos dos entrevistados e observações no campo. Em certa ocasião, na Sala de Justiça⁸

⁷ Queda severa sofrida pelo escalador que ocorre durante o processo em que o mesmo se desprende da rocha, ficando preso pela corda guia.

⁸ Local tradicional de escalada no Grupo III no Morro da Pedreira – Serra do Cipó / MG, com grande número de vias, em sua maioria de alto grau de dificuldade.

ao observar uma dupla de escaladores (um veterano e sua segurança, uma novata) o veterano 'MG' diz:

Não vou escalar esta via, pois você não está pronta pra dar 'a cega'⁹, a saída da via é delicada, o 'cruix'¹⁰ está no começo e eu não me sinto seguro na 'sua cega', se eu cair posso me machucar.

Se não basta superar barreiras econômicas, inseguranças, preconceitos e acessos aos saberes, constituir ou fazer parte de um grupo para a prática do esporte também é uma tarefa árdua. Não basta apenas encontrar alguém que goste de escalar ou que possa compartilhar equipamentos, mas pessoas às quais pudesse creditar a ponta da corda, ou seja, a vida e seus sentimentos mais mundanos com as tensões, medos, angústias, fraquezas, vaidades e, claro, prazeres. Visto a amplitude e profundidade que esta prática proporciona, expondo sentimentos ora guardados comedidamente, ser aceito, fazer parte como dito acima é tarefa difícil, principalmente se os vários agentes já constituem um grupo.

Sem muito sucesso nos momentos de lazer, foi no trabalho que meu desejo de escalar se realizou. Ao ser convidado para trabalhar em uma instituição de ensino superior, atuando com a disciplina de 'Esportes da Natureza e Lazer Ecológico' e fomentando projetos de extensão na área, a escalada passou a ser uma realidade no meu cotidiano.

Meu novo trabalho exigiu a ampliação das leituras técnicas e do campo das ciências sociais, auxiliando-me a compreender este fenômeno social que preconiza a busca pela prática de esportes e atividades de 'aventura'. Naturalmente, passei a freqüentar alguns lugares comuns a estes praticantes, como diria Magnani (1984), o pedaço¹¹ em especial dos escaladores de Belo Horizonte. Passei a conhecer e reconhecer vários membros deste subcampo, alguns escaladores, donos de lojas, academias e bares.

⁹ O mesmo que segurança. É o ato de dar proteção ao escalador guia (aquele que inicia a escalada levando a corda ao topo da via) por meio de técnicas e equipamentos de segurança, como freios.

¹⁰ Ponto, passagem, lance mais difícil de uma via. Na escalada não tem relação com a altura que se encontra.

¹¹ "(...) um componente de ordem espacial a que corresponde uma determinada rede de relações sociais" E ainda, "(...) uma referência altamente concreta e estável para as pessoas, é um reconhecimento muito forte, inclusive em relação às mudanças e crises do ambiente urbano". Magnani (1984, p.137).

Neste processo de conquista por espaço, ou melhor, sentimento de pertencimento entre os escaladores, a distância geográfica impunha restrições quanto ao meu tempo de contato e convívio, dividido ora na busca de fruição junto aos escaladores, ora na qualificação profissional. Neste período de condição de não integrante, a distância e as leituras favoreceram minha percepção e observação acerca da comunidade de escaladores, possibilitando de forma incipiente verificar a complexidade da cultura existente no interior deste subcampo.

Ao deparar com o texto do guia 'Escaladas de Minas' (MELO JUNIOR & MARIANO, 1999) tive um estranhamento provocado pelo instigante desabafo dos autores. Este estranhamento perpassava desde os estudos correlacionados ao meu olhar acadêmico sobre a escalada, quanto ao fato de não saber sequer se era parte dos membros desta família que havia crescido e contribuído para que algo se 'perdesse'. Segue passagem do texto que mais me sensibilizou:

Há algum tempo, numa época não muito distante, era comum ao chegarmos às montanhas darmos um grito: Hêooo!!! Rapidamente este grito se repetia em várias bases de vias por todo o vale. Este grito, uma saudação entre os escaladores, alegrava-nos e enchia de entusiasmo a nossa alma, pois nos fazia sentir parte de uma grande família: a família dos amigos das montanhas. Pois é, o tempo passou, o esporte cresceu e contamos hoje com muito mais escaladores do que havia há alguns anos; mas sentimos que alguma coisa se perdeu.

Através da fala dos autores percebo que a palavra família poderia estar objetivamente ligada ao sentido aconchegante e afetivo de vínculo a um grupo. Para compreensão deste significado, compartilho com Galliano (1981) o entendimento de grupo como interações entre pessoas que compartilham direitos e obrigações, uma identidade em comum, onde cada um se identifica como parte constituinte do grupo.

Por isso, a dúvida e o estranhamento me instigam à indagação: aceitar simplesmente o fim da família me autodenominando órfão, ou contestar seu fim, entendendo que as transformações fazem parte do processo de expansão e ocupação de outros espaços e tempos pelo esporte? Opinar em situações de crises e divergências é optar por opiniões constituídas e sustentadas por grupos, logo escolher opiniões é ao mesmo tempo uma escolha por grupos, assim, opiniões são

forças e as relações de opiniões são conflitos de forças entre grupos. (BOURDIEU, 2003, p.242)

Os autores do 'Escaladas de Minas', ao adjetivarem a família como 'grande', sugerem um número amplo de membros e, por inferência, de grupos. Assim, a grande família é compreendida como um subcampo, pois é natural que o crescimento de um grupo possibilite o surgimento algo mais amplo, mas que corresponda às características do grupo, descrito por Göran Rosenberg citado por Bauman (2001, p.16) como "círculo aconchegante", onde buscamos simpatia e ajuda. O subcampo pode ser constituído de vários grupos, mas estes guardam particularidades comuns a todos os outros. As semelhanças os unem no interior de um campo e suas diferenças ou desejos de distinção/poder estimulam o jogo de disputas no interior deste campo.

Por isso, o "círculo aconchegante" é uma falsa impressão necessária para que se tenha, ou melhor, que se pense ter uma paz interna num campo ou mesmo no grupo, pois, segundo Bourdieu (2007) *"o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem"*. (p.7-8) Este poder é *"quase mágico, que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário"*. (BOURDIEU, 2007, p.14)

Desta forma questiono: com o passar do tempo e o crescimento desta atividade física e esportiva, o que haveria se perdido? Poderia afirmar que o crescimento/desdobramento do grupo de praticantes, teria constituído um subcampo esportivo da escalada em Belo Horizonte – MG, produzindo efeitos maléficos ou simplesmente intensificado as disputas em seu interior?

O ingresso no Programa de Mestrado em Lazer da UFMG impulsionou e contribuiu para a sistematização da minha reflexão acerca deste tema. Outras questões foram acrescidas e reformuladas em minha pesquisa a partir da aproximação teórica com a obra de Pierre Bourdieu e sua 'teoria da prática'. Categorias e objetivos puderam ser definidos através do conhecimento do método denominado por ele como praxiológico que tem como objeto,

[...] não somente o sistema das relações objetivas que o modo de conhecimento objetivista constrói, mas também as relações dialéticas entre estas estruturas, e as disposições estruturantes nas quais elas se atualizam e que tendem a reproduzi-las, isto é, o duplo processo de interiorização da exterioridade e de exteriorização da interioridade [...] supõe uma ruptura com o modo de conhecimento objetivista [...] dos limites do ponto de vista objetivo e objetivante que apreende as práticas de fora enquanto fato acabado, em lugar de construir seu princípio gerador situando-se no próprio movimento de efetivação. (BOURDIEU, 1983, p.47)

A passagem acima possibilita iniciar a reflexão acerca do sentimento descrito pelos escaladores veteranos e também por Melo Junior & Mariano (1999). O campo, ou seja, o subcampo esportivo da escalada, está sob tensão, há lutas no seu interior e, à primeira vista, pensava que estas fossem provocadas entre os que lá estão em posições consolidadas e os que chegam com o desejo de ocupar espaços diferenciados neste campo. Isto não seria o fim de um processo, mas a constante estruturação e reestruturação de forças em seu interior, em que os pretendentes a ter e exercer poder, escaladores novatos¹², e os dominantes, escaladores veteranos detentores de poder, buscam consolidar suas posições, impondo seus valores.

É importante salientar que os valores aqui mencionados ou

(...) o 'Valor' (grifo do autor) designa algo diferente do ser, algo que, distinto da verdade científica, que é universal, varia muito com o meio social e até no seio de uma sociedade dada não só com as classes sociais, mas também com os diferentes setores de atividade e experiência. (DUMONT, 1985, p.241)

Os significados, por sua vez, são concepções que estão vinculadas aos símbolos; estes podem ser objetos, atos ou acontecimentos (GEERTZ, 1989). Por isso, estas possíveis transformações em função do surgimento das diferentes concepções, valores e significados acerca da escalada é que poderiam ter levado os autores do Guia Escalada de Minas a pensarem no fim da 'grande família', quando poderíamos dizer que são disputas de posição, buscas de distinção ou desejo de poder.

¹² Na pesquisa utilizamos o termo veteranos para corresponder ao agente (escalador) dito por Bourdieu (2007 a) como 'Dominante' e novato ao agente 'Pretendente' que disputam posições de poder através dos seus capitais no interior do subcampo esportivo da escalada.

A 'grande família' na perspectiva de Melo Junior & Daniel Mariano (1999) poderia ser compreendida como um emaranhado de redes sociais constituintes de um subcampo, em que a rede aparece como uma estrutura na qual,

seus integrantes se ligam horizontalmente a todos os demais, diretamente ou através dos que os cercam. O conjunto resultante é como uma malha de múltiplos fios, que pode se espalhar indefinidamente para todos os lados, sem que nenhum dos seus nós possa ser considerado principal ou central, nem representante dos demais. Não há um "chefe", o que há é uma vontade coletiva de realizar determinado objetivo. (WHITAKER, 2007, p.1)

No entanto, não seria razoável acreditar que no interior de um campo seus agentes, grupo ou grupos não se organizem de forma hierarquizada, ou mesmo que não exista chefe detentor de poder/capital. Não se trata de um chefe com referência a uma estrutura organizacional formal ou cosmológica como em sistemas tribais, mas de um ou mais agentes que, no interior de um campo, detém um poder, um capital reconhecidamente, em certa medida, como superior. *"Para referir a este poder advindo da produção, da posse da apreciação ou do consumo de bens culturais socialmente dominantes, Bourdieu utiliza, por analogia ao capital econômico, o termo capital cultural"*. (NOGUEIRA & NOGUEIRA, 2006, p.40-41)

Logo os agentes ou instituições que agregam um valor elevado de capital cultural ocupam posições privilegiadas, em detrimento dos demais agentes de um grupo. Os detentores tendem a exercer o que, segundo Nogueira & Nogueira, (2006), Pierre Bourdieu chama de violência simbólica. Como dito anteriormente, tanto a imposição como a aceitação desta violência pode ocorrer pela cumplicidade entre os agentes do grupo. Estes grupos se configuram como partes integrantes de um determinado campo e, como tal, denominado por Bourdieu como campo de poder. Seus ocupantes estabelecem relações de força buscando estabelecer um *quantum* de força social ou de capital, conquistado através das lutas e estabelecendo um monopólio de poder. (BOURDIEU, 2007 a)

Portanto, se o campo é delimitado pelos valores ou formas de capital que lhe dão sustentação, seu estado de equilíbrio tende a ser mais ou menos constante a partir das estratégias adotadas pelos seus agentes. O que pode ocorrer por atos de *"boa vontade cultural"* ou por movimentos *"heréticos"*. Ao primeiro ato, Bourdieu considera que o agente reconhece a superioridade da cultura dominante e busca se

aproximar ou converter-se a ela; o segundo refere-se às tentativas de contestação e subversão das estruturas hierárquicas. (NOGUEIRA & NOGUEIRA, 2006)

A dinâmica social no interior de cada campo é regida pelas lutas em que os agentes procuram manter ou alterar as relações de força e a distribuição das formas de capital específico. Nessas lutas são levadas a efeito /estratégias/ não conscientes, que fundam no /habitus/ individual e dos grupos em conflito. (THIRY-CHERQUES, 2006, p.31)

Nesta perspectiva, a manutenção ou subversão das estruturas hierárquicas pode confirmar que algo se perdeu na escalada. Não se trata aqui de desconsiderar a 'grande família', mas de entendê-la no contexto do campo esportivo, mais especificamente o subcampo esportivo da escalada, no qual emergem lutas que disputam posições de distinção e hegemonia de poder.

Estas e outras questões me motivaram para, ao longo deste trabalho, tentar respondê-las, não com um sonoro "Hêooo", como membro desta família, mas no papel de pesquisador, efetivando um processo de investigação que possibilitou esclarecer como se constituiu o subcampo esportivo da escalada em Belo Horizonte, suas lutas internas alterando ou mantendo os postos de poder simbólico que transformam o *habitus* desta estrutura.

Logo, este estudo foi relevante para que, juntamente com Lima (1993), Marinho (2001) e Dias (2007) trouxesse uma compreensão mais profícua, para que o campo esportivo da escalada no Brasil e suas características peculiares entre os vários *habitus* existentes nele pudessem ser traçados.

Afinal, os estudos antropológicos de Roberto Lima (1993) fazem um recorte espaço/temporal acerca da escalada em áreas naturais do Paraná, Alcyane Marinho (2001) por sua vez, através de estudos socioculturais, investiga a escalada urbana indoor em Campinas – SP, Cleber Dias (2007) segue pelo caminho da história comparada, analisando e comparando os esportes: escalada e surf no contexto urbano, ambas como práticas de esportes na natureza da cidade do Rio de Janeiro – RJ.

Coube-me trabalhar com detentores de poder (veteranos) e pretendentes ao poder (novatos) membros da comunidade de escaladores de Belo Horizonte, investigando a internalização de exterioridades e a exteriorização de internalidades

transformadoras do *habitus* e constituintes do subcampo da escalada na cidade de Belo Horizonte.

Desta forma, este estudo buscou desvelar alguns elementos catalisadores das lutas vivenciadas no subcampo esportivo da escalada. A compreensão de como ocorrem às estratégias intra e inter grupos de conservação e transformação dos postos de poder contribuiu para o aprofundamento desta parcela emergente e significativa do campo esportivo.

Penso que o entendimento das motivações que mobilizam as pessoas a buscarem estes esportes não tradicionais pode contribuir tanto com os gestores de políticas públicas e organizações esportivas, quanto com os praticantes e pesquisadores da área, possibilitando o contato com elementos/pistas para uma reflexão ampliada sobre ações direcionadas ao campo esportivo.

Tais reflexões assumem caráter relevante na medida em que pode se constituir num importante instrumento de compreensão desta complexa rede que mobiliza pessoas a se organizarem em torno de objetivos comuns pela busca de um esporte, em questão, a escalada. Pois a compreensão acerca do surgimento, constituição e transformações ocorridas em um determinado subcampo podem sugerir elementos para fazermos alusão a outros campos e subcampos. Ainda no que se refere à área temática, o conhecimento está pouco consolidado e carente de pesquisas. Conhecer os grupos constituintes da comunidade de escaladores de Belo Horizonte pode trazer à tona elementos que contribuam para a compreensão da formação destes e outros grupos urbanos que buscam as mais variadas práticas de lazer na natureza e na cidade.

Tais contribuições possibilitam a ampliação dos estudos do lazer e suas interfaces com os diferentes conteúdos culturais, pois a escalada é uma entre tantas práticas físicas/esportivas que constituem este interesse de lazer. Desta forma, falar, pesquisar sobre a escalada é, sem dúvida, contribuir para a compreensão do lazer como fenômeno moderno com ampla difusão e alto grau de pluralidade em nossa sociedade.

2. CONSTRUINDO A TRILHA

Ao iniciar esta pesquisa sobre escalada em uma área multidisciplinar de estudos, mais especificamente do lazer, estavam colocadas inúmeras possibilidades de abordagens metodológicas. No entanto pelas características do problema e os objetivos propostos, a pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem sócio antropológica.

Ao submeter o projeto para a banca, consistentes considerações foram feitas, inclusive sobre a pretensão de trabalhar com a categoria *ethos*. Na sutileza das considerações feitas pelo orientador e pela banca, vinha o indicativo para que eu me aproximasse, sobretudo, da produção de Pierre Bourdieu e Nobert Elias. Com o desenvolvimento do trabalho de campo, categorias e noções foram acrescidas, na medida em que aprofundava e diversificava minhas leituras sobre as obras destes autores.

Algumas categorias e noções foram substituídas, em alguns casos citações que outrora subsidiavam argumentos passaram a ser contestadas. Foi assim, fruto da ida ao campo da pesquisa e do aprimoramento teórico, que percebi ser necessário não trabalhar com a categoria *ethos*. Mas, inevitavelmente com a articulação das categorias *ethos*, *eidos* e *hexis* reunidas em uma só categoria, o *habitus*. Demorou até que estas estivessem na pauta do dia e, no entanto, elas transformaram radicalmente minha percepção e compreensão acerca do objeto deste trabalho como se,

através de fendas no tempo, quando estamos distraídos ou em ocasiões em que um livro puxa outro numa cadeia, que só pode se estabelecer se nosso interesse se mantém vivo ou se esses livros estão à mão. Podemos acrescentar: com certos autores nos detemos sempre em um lugar, em um trecho, em certa página. E se avançamos, pode ocorrer que tenhamos a impressão de que já havíamos passado por ali. (Gonzáles, citado por CATANI, 2002, p.1).

Estava posto no campo de pesquisa disputas por postos de poder e estas ocorriam no interior do campo esportivo, mais especificamente no interior do subcampo da escalada. Assim, uma tarefa ainda mais árdua estava colocada: apropriar-me do conhecimento praxiológico.

Não se trata de um método original, pois sua construção se faz na rejeição de algumas idéias e na absorção de outras.

Segue a tradição de Saussure e de Levi-Strauss, ao aceitar a existência de estruturas objetivas, independentes da consciência e da vontade dos agentes. Mas deles difere ao sustentar que tais estruturas são produto de uma gênese social dos esquemas de percepção, de pensamento e de ação. Que as estruturas, as representações e as práticas constituem e são constituídas continuamente. (THIRY-CHERQUES, 2006, p.28)

Ao optar pelo referencial teórico e aos seus preceitos metodológicos, a pesquisa trilhou o caminho do conhecimento praxiológico, negando em certa medida análises puramente fenomenológicas e objetivistas, ou seja: por um lado,

[...] evitar que a sociologia restrinja-se, tomando-o como independente, ao plano da experiência e consciência prática imediata dos sujeitos, às percepções, intenções e ações dos membros da sociedade, e, por outro, que ela se atenha exclusivamente ao plano das estruturas objetivas, reduzindo a ação a uma execução mecânica de determinismos estruturais reificados (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2006, p.23).

Neste sentido, o problema da constituição do subcampo esportivo da escalada e as transformações do *habitus* em seu interior foram pensadas a partir deste conhecimento praxiológico. Isto possibilitou entender como ocorrem as interiorizações das exterioridades e as exteriorizações das interioridades. Em outras palavras, como os escaladores internalizam os capitais disponíveis nas estruturas sócio-econômicas e culturais, produzidas no interior do subcampo e ou fora dele. Ainda, como a própria estrutura ou campo de poder é internalizada e, posteriormente, quais e como estas internalizações são externalizadas através de respostas práticas e inconscientes.

Transitando por várias fronteiras das Ciências Sociais, Bourdieu defendeu ao longo de sua obra que o pesquisador deve lançar mão das diferentes técnicas (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2006, p.11). Assim, abordei conceitos, termos e categorias através da revisão bibliográfica, conjugando-a com as informações obtidas através da observação participante e das entrevistas semi-estruturadas.

Estas técnicas forneceram elementos importantes e imprescindíveis ao processo de investigação, análise e considerações, produto desta pesquisa.

Na busca por contemplar os objetivos da presente proposta de estudo, foi realizado o aprofundamento no referencial teórico que balizou a compreensão acerca da escalada, sobre o entendimento de 'campo', *habitus*, capital, poder e distinção, além de lazer, urbano e aventura.

Foi necessária uma breve análise documental a partir de *sites*, *e-mail's* e vídeos documentários. No que se referem aos documentos, estes são considerados "*quaisquer materiais escritos que possam ser usados como fonte de informação sobre o comportamento humano*". (Phillips, citado por LÜDKE, 1986, p.38)

[...] incluem desde leis e regulamentos, normas, pareceres, cartas, memorandos, diários pessoais, autobiografias, jornais, revistas, discursos, roteiros de programas de rádio e televisão até livros, estatísticas e arquivos escolares. (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p.38)

Por se tratar de uma técnica exploratória, Lüdke e André (1986) referem-se a um elemento de grande relevância desta técnica, pois, "*(...) a análise documental indica problemas que devem ser mais bem explorados através de outros métodos. Além disso, ela pode complementar as informações obtidas em outras técnicas de coleta*" (p.39). Estes problemas ocorreram durante o processo investigativo e durante a fase de análise dos dados, tendo sido identificadas versões diferentes acerca de um mesmo episódio, sendo necessário confirmar e aprofundar as informações coletadas empregando outras técnicas.

A opção pelas técnicas metodológicas teve relação direta com o foco da investigação, pois entendi que a escolha da aplicação de entrevistas semi-estruturadas seria adequada aos diversos sujeitos constituintes do grupo pesquisado, o que mais tarde se mostrou eficaz. Estas entrevistas fluíram como uma conversa informal, embora tenha utilizado tópicos e temas que orientaram as questões no decurso da entrevista. Esta estratégia deu aos escaladores, veteranos e novatos, sem distinção, a oportunidade de desenvolver suas respostas, além de me conceder a possibilidade de formular e reformular questões no decorrer da entrevista (BURGUES, 1997, p.112).

A observação participante somou-se as demais técnicas, sendo empregada nos espaços escolhidos como campo da pesquisa. Aconteceram durante as

vivências dos entrevistados, me possibilitando voz e vez junto aos sujeitos da pesquisa, sendo que houve momentos em que vivenciei a escalada com alguns entrevistados, sem perder de vista as tarefas do observador.

O observador participante reúne dados porque participa na vida cotidiana do grupo ou da organização que estuda. Ele observa as pessoas que estuda de forma a ver em que situações se encontram e como se comportam nelas. Ele estabelece conversa com alguns ou todos os participantes nestas situações e descobre a interpretação que eles dão aos acontecimentos que observa. (BURGUES, 1997, p.89).

A fim de coletar maiores e melhores informações acerca da realidade da escalada em Belo Horizonte, foi definido um público alvo para a pesquisa, composto por quatorze praticantes da escalada. Eles foram escolhidos intencionalmente, sem seguir princípios de razões estatísticas.

Junto às publicações e aos membros da comunidade escaladora de Belo Horizonte¹³, obtivemos informações sobre os escaladores entrevistados, suas vias¹⁴, locais preferenciais procurados por eles para a prática da escalada, seus parceiros e algumas curiosidades e informações que facilitaram a aproximação.

Assim, foi dado o início à pesquisa, através do estudo exploratório, buscando nesta fase os elementos necessários que permitissem o contato com o grupo desejado. Sendo assim, me aproximei dos informantes e publicações que me possibilitaram delinear os grupos e seus agentes a serem pesquisados. O acúmulo de experiências e conhecimento prévio de pessoas que compunham a comunidade de escaladores de Belo Horizonte contribuiu decisivamente na seleção e organização das fontes e na escolha das técnicas e processos metodológicos.

Foi uma decisão planejada e, posteriormente, vista como acertada buscar junto aos guias de escalada, donos de academias, lojas e com os membros da própria comunidade os nomes dos escaladores da pesquisa.

No primeiro momento o grupo de quatorze escaladores escolhidos para pesquisa apresentava uma subdivisão interna, de escaladores veteranos e novatos.

¹³ Entendo esta comunidade escaladora como o conjunto de atores que atuam neste subcampo esportivo da escalada, escaladores, guias de escalada, donos de lojas, membros de grupos e associações de escaladores e excursionismo.

¹⁴ Via é o termo empregado para os caminhos a serem seguidos em uma escalada para se chegar a um ponto previamente determinado pelo seu conquistador.

Isso porque inicialmente pensava que as disputas de poder ocorriam polarizadas entre dois grupos antagônicos. No decorrer da pesquisa, mediante processos sistemáticos de construção e reconstrução do objeto através das informações coletadas, esta hipótese se mostrou demasiadamente frágil.

Pois, como será visto a frente na discussão sobre a constituição do subcampo esportivo da escalada no Brasil, estas disputas pelos postos de poder não obedecem necessariamente uma lógica temporal. Não que esta não contribua, no entanto ela ocorre, sobretudo, pelo acúmulo de bens culturais ‘capitalizados’ pelos agentes dominantes e pretendentes.

Como o estudo trata da constituição do subcampo esportivo da escalada, as lutas travadas entre os detentores e pretendentes contribuem nas transformações do *habitus*. Neste processo de manutenção do *habitus*, por vezes os detentores exercem um violência simbólica, buscando permanecer nos postos de poder no interior do subcampo. Como dito anteriormente consolidam esta posição através da ‘boa vontade cultural’; no entanto há pretendentes que buscam subverter estas estruturas hierárquicas no interior do subcampo através de movimentos chamados por Bourdieu como heréticos (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2006, p.37-38).

A realidade pesquisada tratava especificamente dos agentes constituintes do subcampo esportivo da escalada em Belo Horizonte; no entanto isso não se refletiu em uma relação direta com a origem e ou residência destes escaladores. Os limites espaciais deste subcampo não se restringem aos limites geográficos da cidade. Na maioria das vezes a vivência da escalada ocorre em diferentes e distantes áreas, que são apropriadas pelos praticantes e a elas atribuídas significados. A pesquisa envolveu escaladores de diferentes grupos e gerações, mulheres e homens residentes e não residentes na cidade de Belo Horizonte, mas com estreito vínculo com o subcampo esportivo da escalada belorizontina.

Foram priorizadas a observação e a realização das entrevistas com os escaladores nos espaços prediletos, estes escolhidos por eles para a vivência da escalada nos seus momentos de lazer com a escalada. Eventualmente um ou outro foi abordado em intervalos de treinamento ou trabalho com a própria escalada.

Foram escolhidos pelos entrevistados como espaços preferenciais para a prática da escalada nos momentos de lazer o ‘Sítio do Rod em Lagoa Santa – MG’, ‘Grupo III na Serra do Cipó – MG’, ‘Academia das Pedras em Belo Horizonte – MG’,

‘Academia Rokas em Belo Horizonte – MG’, ‘Academia Tortons em Belo Horizonte – MG’. Por ocupar um papel significativo na busca pela organização e institucionalização da escalada em Minas Gerais o ‘Centro Excursionista Mineiro – CEM em Belo Horizonte - MG’, também foi freqüentado por mim durante a pesquisa de campo.

O Sítio do Rod é um importante campo escola de escalada na região metropolitana, com acesso facilitado por carro ou ônibus (coletivo intermunicipal). Conta com vias para diferentes níveis técnicos dos escaladores e o preço é acessível: R\$2,00 (dois reais). É importante ressaltar que o acesso à base das vias é tranqüilo, com caminhada curta de aproximadamente 300 metros em trilha limpa. Embora tenha uma boa estrutura de camping com preços módicos, os escaladores, em sua esmagadora maioria, não costumam pernoitar na área, fazem um “bate e volta” como gostam de dizer. Estas peculiaridades fazem do Sítio do Rod um local de grande freqüência e rotatividade de escaladores.

O Grupo III juntamente com outros quatro grupos compõe o afloramento de calcário do Morro da Pedreira onde foi aberto o primeiro campo escola de escalada da região metropolitana de Belo Horizonte (ILHA, 2002). Seu surgimento esteve diretamente ligado à chegada da escalada já inserida em uma perspectiva esportiva. (ILHA, 1983). Os escaladores envolvidos nestas primeiras empreitadas abriram dezenas de vias utilizando os recursos naturais e característicos daquela rocha, para conquistar vias de escalada móvel¹⁵ a partir de uma concepção de escalada limpa. (ILHA, 1983)¹⁶

No entanto eles próprios já prenunciavam a chegada de uma segunda fase com a escalada dita atlética, ou mais comumente conhecida e difundida na atualidade como escalada esportiva. O Grupo III, pela sua diversidade de vias com os mais variados graus, ficou reconhecido, em nível local e nacional, como um dos principais pontos de escalada. É no Grupo III que se encontra a ‘Sala da Justiça’, nome que faz alusão ao lugar onde se reuniam os principais super-heróis do desenho ‘Liga da Justiça’. A Sala da Justiça ficou conhecida pela comunidade

¹⁵ Escalada que utiliza apenas equipamentos de proteções móveis que podem ser retirados da rocha ao fim da escalada.

¹⁶ Os textos: “Manifesto da escalada natural”, “Pontos de Apoio” e “A ‘Descoberta’ do Morro da Pedreira”, todos de autoria do Escalador André Ilha, encontram-se disponíveis integralmente nos anexos, pois são determinantes na compreensão da constituição do subcampo esportivo da escalada brasileira e belorizontina. Todos em versão mimeo de fontes do arquivo pessoal do autor.

escaladora do Brasil, pois lá se encontram algumas das mais difíceis e disputadas vias de escalada do país, como: 'Sinos de Aldebaran', 'Ética Decomposta', 'O Inquilino', 'Heróis da Resistência' e 'Linha da Vida'.

Pela concentração de vias muito difíceis, a Sala da Justiça se tornou um lugar 'sagrado' um 'templo' de ritos de passagem, ou melhor, dizendo de busca de distinção. Os que *encadenam* suas vias, ou seja, conseguem subir sem sofrer quedas, ou *vacas* (*termo empregado pelos escaladores*), são reconhecidamente distintos. Estes empoderados, detentores de técnica, força física e psíquica, acumulam capital cultural que pode ser convertido em poder durante as disputas pelos postos de poder no interior do subcampo. Por isso a escolha do local para observação e entrevistas.

Já as academias se mostraram lugares privilegiados para o contato com os possíveis entrevistados, pois são os espaços com maior diversidade e frequência de escaladores, que buscam no espaço *in-door* estruturas que se assemelhem as condições da rocha na natureza. Estes espaços tentam reproduzir as vias de escaladas e suas exigências técnicas, através de estruturas fabricadas artificialmente. Segundo Marinho (2001) este espaço possibilita ainda aos,

[...] participantes, aprender e praticar o esporte em um ambiente controlado e seguro. Uma outra característica, igualmente importante, desses tipos de ambientes artificiais é a acessibilidade. Normalmente eles têm uma localização central nas cidades, permitindo um rápido e fácil deslocamento aos participantes. (p.31)

Neste sentido, ao oferecerem um ambiente controlado e seguro, certamente ampliam o perfil das pessoas dispostas a praticar a atividade, desde que sem se expor ao risco e às imprevisibilidades da natureza. Ainda existe o fator localização, que é o caso das academias de escalada Das Pedras e *Rokas*, situadas na região centro-sul da cidade, a primeira no bairro Santo Antônio e a segunda na *Savassi*. Academia Das Pedras foi segunda academia a ser construída na cidade e ainda hoje é a mais tradicional; seu público é variado, sendo freqüentada por veteranos, novatos, atletas e interessados no esporte. O local é apropriado para aqueles que querem, nos seus momentos de lazer, ser iniciados no esporte, pois o espaço oferece também os equipamentos básicos para a vivência.

A academia de escalada *Tortons* está localizada na região norte da cidade, nas proximidades da lagoa da Pampulha, região histórica da capital mineira. Embora seja distante do centro, é muito comum que alguns escaladores, freqüentadores de outras academias, compareçam durante a semana para ver e escalar com amigos freqüentadores da *Tortons*.

Diferente do que a princípio eu mesmo esperava encontrar nestes espaços, imaginando que os mesmo estariam restritos às gerações de escaladores iniciantes, constatei que diferentes grupos praticantes de várias modalidades de escalada (clássica, *big wall*, *boulder*, esportiva e até alta montanha)¹⁷ aproveitam estas estruturas para treinar, encontrar amigos e, às vezes, simplesmente bater um bom papo, caracterizando ainda mais as academias como equipamentos de lazer. Entendo a academia de escalada como um espaço especificamente projetado para a prática do lazer, por isso entendido como equipamento de lazer. (MARCELINO, 2002, p.32.)

Por ultimo, a escolha do CEM se deu por se tratar de uma organização não governamental fundada por veteranos da escalada de Belo Horizonte. A sede foi adquirida com recursos próprios dos seus membros fundadores, entre os quais alguns que foram decisivos na história e difusão da escalada em Belo Horizonte, Minas Gerais e no Brasil. É importante salientar o nome do membro fundador Antônio Carlos Magalhães o “Tonico”, que juntamente com o escalador André Ilha e outros difundiram a prática da escalada natural pelo país. Esta dupla é responsável pela formação do primeiro grupo de escaladores mineiros da geração dos anos oitenta, que conjuntamente abririam o campo escola do Morro da Pedreira na Serra do Cipó – MG. Foram também responsáveis pela consolidação do campo escola de escalada na Serra do Lenheiro em São João Del Rey – MG, possivelmente o primeiro centro de escalada limpa do Brasil.

No entanto é importante salientar, que alguns dos escaladores entrevistados foram categóricos em registrar que não era necessário ocultar seus nomes. Justificaram não ter nada a esconder, que suas opiniões eram manifestadas publicamente e grande parte delas estão disponíveis através dos artigos publicados por eles, inclusive em sites pessoais. Esta posição foi exclusivamente posta pelos mais experientes e empoderados, indo ao encontro da hipótese acerca da

¹⁷ Todas estas são modalidades de escalada, variações de um mesmo esporte.

manutenção e ou tentativas de alteração dos postos de poder no interior do subcampo.

Mas, por se tratar de uma pesquisa qualitativa envolvendo seres humanos, sendo coletadas informações para alcançar os objetivos propostos, fez-se necessário atender plenamente aos procedimentos éticos da pesquisa. Foram seguidas as orientações conforme o tratado de Helsinque em sua resolução 196/96, sendo o projeto de pesquisa com sua proposta metodológica (métodos e técnicas de pesquisa) registrado no Conselho de Ética em Pesquisa vinculado ao Conselho Nacional de Ética em Pesquisa - CEP-CONEP e posteriormente submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa – COEP da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG sendo aprovado (Parecer número: ETIC 490/08).

Seguindo os parâmetros estabelecidos na pesquisa com seres humanos e resguardando os entrevistados de possíveis transtornos aos quais a divulgação dos seus nomes pudesse trazer, foi atribuído a cada colaborador da pesquisa uma sigla ou nome fictício. Estrategicamente a escolha do nome foi amarrada ao processo de investigação, pois ficou a cargo do escalador entrevistado a escolha do codinome. A partir das escolhas dos codinomes era perguntado o porquê daquele nome escolhido, possibilitando coletar uma série de informações acerca do próprio escalador entrevistado, suas preferências, valores e significados atribuídos à escalada.

3. DESATANDO 'NÓS'

A palavra 'nó' aparece no título deste capítulo sendo empregada de maneira dual, associada aos significados de “*laço apertado que se dá em [...] cordéis e ponto crítico de uma questão*” (XIMENES, 2000, p.661). Assim como para a escalada os nós se fazem demasiadamente importantes, a aproximação aos referenciais teóricos, sobretudo neste capítulo, ocupam espaço lugar de mesma grandeza.

Buscando tomar os devidos cuidados no processo de esforço intelectual demandado por esta pesquisa, me remeto à seguinte advertência de Bourdieu (2007):

Se 'a imigração das idéias', como diz Marx, raramente se faz sem dano, é porque ela separa as produções culturais do sistema de referências teóricas em relação aos quais idéias se definiram, consciente ou inconscientemente, quer dizer, do campo de produção balizado por nomes próprios ou por conceitos em-ismo para cuja definição elas contribuem menos do que ele as define. (p.7)

Assim, espero no decorrer deste capítulo minimizar e se possível evitar que conceitos, noções, categorias e idéias dos autores abordados nesta e nas demais passagens do texto não sejam danificadas ou distorcidas. Pretendo subsidiar minhas considerações, produto desta investigação, em obras que dêem aporte teórico e possibilitem dialogar sobre os temas referentes à pesquisa. Algumas noções e categorias já foram introduzidas, umas integralmente e outras parcialmente discutidas.

3.1. A escalada como conteúdo físico/esportivo do lazer

O caminho percorrido em minhas aproximações com as categorias escolhidas nesta pesquisa se iniciou pelas “Atividades Físicas de Aventura na Natureza” – AFAN's em detrimento da categoria esporte.

Nestas últimas décadas, juntamente com o crescimento da busca por experiências de lazer na natureza, multiplicaram-se a oferta de modalidades de atividades de aventura em terra, ar e água. (PIMENTEL, 2005, p.11)

Equipamentos, serviços e lugares para estas vivências, bem como a produção teórica nesta área, vêm acompanhando também de maneira vertiginosa o movimento de crescimento destas atividades, o que torna extremamente complexa a tarefa de conceituar tais práticas de forma consensual.

Embora sejam comuns as seguintes expressões: 'Esportes da Natureza', 'Esportes na Natureza', 'Esportes de Aventura', 'Esportes de Risco Calculado', 'Esportes de Aventura na Natureza', 'Ecoesporte' e 'Esportes Radicais'¹⁸, em nosso país o termo AFAN's vem sendo muito difundido através de publicações científicas como livros e periódicos. A adoção desta terminologia foi proposta por Javier Betran (1995) e vem crescentemente sendo difundida na literatura nacional da área como em: Marinho e Bruhns (2003), Uvinha, (2005), Pimentel (2005), Marinho e Bruhns (2006), Schwartz (2006), entre tantos outros.

No entanto é chegada a hora de me posicionar objetivamente, esclarecendo porque trato a escalada como esporte, como parte integrante do campo esportivo, mais especificamente como um subcampo esportivo, sendo improvável reduzi-la a uma atividade física, jogo ritualístico ou recreativo/festivo.

Considero imprescindível abordar alguns aspectos da história social de constituição do esporte a partir de questões postas por Jean-Marie Brohm citado por PRONI (2002). Embora este construa sua obra "*Sociología Política del Deporte*" fundamentada no materialismo dialético de Marx e no estruturalismo de Levi-Strauss (PRONI, 2002, p.33), distinguindo do conhecimento praxiológico eixo norteador deste trabalho, é necessário considerar suas contribuições, da mesma forma que farei com as contribuições de Allen Guttmann citado por Pilatti (2002).

Partindo do pressuposto de que as origens do esporte moderno encontram-se na Europa em consonância com a consolidação do modo de produção capitalista do estado Burguês, durante os séculos XVIII e XIX houve o desenvolvimento do 'esporte patrocinado'. O críquete foi à primeira modalidade a ter uma organização institucional, ainda no século XVIII; posteriormente, em meados do século XIX,

¹⁸ No que se refere à expressão Esportes Radicais, cabe destacar que é pouco utilizada pelos estudiosos da área devido aos sentidos e significados associados à expressão, embora seja bastante disseminado pela mídia de massa e pelo senso comum.

foram registradas as organizações institucionais das principais modalidades esportivas praticadas na Inglaterra, entre elas: o futebol, o atletismo, a natação, o rúgbi, o ciclismo, o remo, o boxe, o hóquei, o tênis de campo e a esgrima. (Brohm citado por PILATTI, 2002, p.37-38)

Os registros acerca das primeiras organizações esportivas apresentados por Brohm citado por Pilatti (2002), desconsideram o montanhismo.¹⁹ A fundação das primeiras organizações ligadas ao montanhismo precederam a maioria dos demais esportes. Em 1821 foi fundada a primeira e mais prestigiada associação de guias de montanha do mundo, a “*Compagnie des Guides de Chamonix*” e em 1857 em Londres o “*The Alpine Club*” (DAFLON & DAFLON, 2007, p.13), ambos anteriores a criação da Associação Britânica de Futebol, criada 45 anos após a *Compagnie*. É importante registrar que a conquista do *Mont Blanc* foi estimulada pela oferta de patrocínio; posteriormente esta prática foi incorporada aos demais esportes modernos.

Outrossim, o império Britânico espalhou pelo mundo os esportes da sua aristocracia e no Brasil não foi diferente; no entanto a difusão do “Alpinismo” ocorreu em escala e velocidade diferentes dos demais esportes. Os *raider's*²⁰ e passeios estimularam a criação dos clubes excursionistas e a partir deles o “alpinismo” cresceu. No capítulo seguinte veremos como se deu esta constituição do campo da escalada.

É imprescindível registrar que a passagem do jogo, sobretudo dos jogos tradicionais das sociedades pré-capitalistas, se deu para o desporto através das reservadas escolas das elites. Diferentemente dos jogos nas camadas populares, os exercícios corporais se encontram neste período ausentes das ocasiões festivas das elites, pois a escola burguesa preconiza o *fair play*, ou seja, jogar o jogo sem deixar esquecer que é apenas um jogo, pois seu fim se encontra em si próprio. Foram as *Public Schools* responsáveis pela automatização da racionalização dos esportes pelos jovens, bem como a universalização de suas regras, possibilitando a disseminação entre diferentes instituições escolares e posteriormente entre regiões e até países. (BOURDIEU, 2003, p.183-184) Assim, as escolas burguesas das elites

¹⁹ O montanhismo teve suas origens nos Alpes, fronteira da França com a Itália, e o marco de sua difusão foi à conquista do Mont Blanc. Sendo conhecido e difundido como “Alpinismo” por décadas, inclusive no Brasil, onde os dicionários da língua portuguesa tratam como sinônimos.

²⁰ Corridas competitivas onde os participantes passam por lugares e obstáculos predeterminados e que se assemelham em certa medida às corridas de aventura da atualidade.

inglesas e européias tiveram papéis determinantes na difusão dos esportes pelo mundo.

Aqui lanço uma questão que até então não havia me ocorrido: se o 'alpinismo' emerge deste cenário de modernidade, produção capitalista, transmutações das práticas e jogos populares em esportes de elite, criando instituições organizadas e se difundindo através das escolas burguesas, porque ele não se difundiu tal quais os demais esportes da época? Arrisco sugerir um somatório de elementos que contribuíram para que o processo de difusão do 'alpinismo' naquela período não transcorresse com a mesma velocidade dos demais esportes modernos. Diferente das demais práticas esportivas da época, o 'alpinismo' não encontrava nas escolas as mesmas condições de infra estrutura, equipamentos e subsídio técnico por parte dos professores, sobretudo o risco de vida associado a esta atividade, vinha de encontro aos objetivos e a racionalidade esportiva daquele período.

Na época ele ainda não continha um regramento que pudesse orientar a conduta desejada aos jovens burgueses (o importante eram os fins, chegar ao cume). Suas peculiaridades ambientais eram restritivas e a possibilidade de uma reprodução *in-door* só viria um século à frente. Neste período ele era praticado exclusivamente por adultos jovens, vigorosos e heróicos e suas restrições tecnológicas, fossem de equipamentos ou de técnicas, constituía-se como uma barreira ao seu acesso, bem como limitava sua difusão/popularização, sobretudo pelos riscos que a atividade apresentava naquela época.

Ainda sim, ampliando minhas considerações sobre a escalada enquanto prática esportiva, invoco quatro fatores descritos por Brohm citado por Pilatti (2002) como responsáveis pelo desenvolvimento dos esportes modernos:

- (a) o aumento do tempo livre e o desenvolvimento do ócio (que ocupa um lugar de destaque na civilização do lazer);
 - (b) a universalização dos intercâmbios mediante os transportes e os meios de comunicação de massa (o esporte converte-se em "mercadoria cultural" graças a sua natureza cosmopolita);
 - (c) a revolução técnico-científica (que se reflete na busca da eficiência corporal, nos novos materiais e equipamentos, inclusive no surgimento de novas modalidades esportivas);
 - (d) e a revolução democrático-burguesa e o enfrentamento das nações no plano internacional (isto é, a dinâmica político-ideológica).
- (p.38)

Acerca destes fatores podemos estabelecer relações diretas com o desenvolvimento da escalada. Ao concebermos a escalada como esporte, o mesmo pode ser entendido como um interesse físico/esportivo do conteúdo cultural do lazer (MARCELLINO, 2002). Sendo assim, pode circunstancialmente ser consumido e ou fruído como lazer.

Esta universalização tardia, no caso da escalada, veio, de certa forma, possibilitar que um grande número de pessoas pudesse acessá-la sem necessariamente querer ou mesmo poder usufruir da experiência concreta, digo vivencial. Isto ocorreu e ainda hoje acontece devido à massificação da informação e concomitantemente mercadorização do esporte, inclusive da escalada. Os avanços tecnológicos contribuíram e muito para a criação de espaços *in-door*, ampliação dos equipamentos e técnicas levando segurança aos seus praticantes.

É importante não confundir esta universalização com acesso à experiência. Os meios de comunicação de massa, em certa medida, a imagem e a informação, estão cada vez mais disponíveis a um número cada vez maior de receptores, seja através da TV, rádio, cinema, jornais e revistas (WERNECK et al., 2001), mas isso não se traduz na mesma proporção ao número correspondente de consumidores da experiência. Compartilho aqui com Jorge Larrosa Bondía o significado de experiência sendo que: “A *palavra experiência vem do latim experiri, provar (experimentar). A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova*”. (BONDIA, 2002, p.25) Assim, este autor nos possibilita questionar a riqueza da “experiência” esportiva midiática, disponível nos botões dos controles remotos, mas,

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. (p.21)

Neste sentido, compartilho com o autor que a experiência seja a ação concreta, praticada, fruída, ou seja, vivenciada. Logo, o esporte que em grande parte nasce dos jogos populares, produzidos e vivenciados pelo povo, retornam sob a forma de espetáculos produzidos para o povo. Os homens comuns são reduzidos a fãs, espectadores vocacionados a uma participação imaginária, que nada mais é

que uma compensação ilusória do desapossamento em benefício dos entendidos. (BOURDIEU, 2003, p.193)

Nestes termos Bourdieu (2003) explicita a expropriação da posse da experiência esportiva em detrimento do consumo passivo do espetáculo, heranças nostálgicas do esporte aristocrático sob novas roupagens, vide espetáculo. Sobre o manto da revolução democrático-burguesa em que as nações utilizam o esporte-espetáculo na dinâmica das disputas políticas e ideológicas, Bourdieu se aproxima de Brohm.

O desporto-espetáculo apareceria mais claramente como uma mercadoria de massa, e a organização de espetáculos desportivos como um ramo entre outros do show business, se o valor coletivamente reconhecido à prática dos desportos (sobretudo a partir do momento em que as competições desportivas se tornam uma das medidas da força relativa das nações, e portanto uma parada em jogo político) não contribuísse para mascarar o divórcio entre a prática e o consumo e, no mesmo lance, as funções do simples consumo passivo. (BOURDIEU, 2003, p.191)

Nesta perspectiva a escalada inclui-se nas disputas políticas e ideológicas travadas pelas nações via esportes, e isto pode ser constatado pelas inúmeras competições existentes onde os atletas representam seus países e o mérito da conquista tende a ser elevado ou transferido a sua nação. Há mais de uma década discute-se a inclusão do esporte nos Jogos Olímpicos; estes movimentos são muito fortes, sobretudo nos países em que há uma concentração de atletas com potencial real de lograr êxito na disputa por medalhas olímpicas. As grandes conquistas no esporte como a superação de um grau, a conquista de um cume virgem ou a primeira ascensão sem oxigênio em alta montanha sempre esteve associada à nacionalidade do escalador.

Sobre êxitos, méritos e conquistas, tratarei nos capítulos seguintes a escalada como esporte, estilo de vida e o gosto pela experiência como possibilidade de distinção, mas por hora é importante ressaltar que estes aspectos relacionados ao esporte espetáculo caem como uma luva sobre a escalada.

Apresentarei a seguir a tabela elaborada por Guttman (1978) citado por Pilatti (2002) com as características dos esportes em diferentes épocas; daí buscarei

interrelacionar as características dos esportes modernos tecendo analogias com a escalada e suas disputas por continuidades ou mudanças no interior do seu 'campo'.

Dessa argumentação, temos que um programa de práticas esportivas não é o mesmo no decorrer de diferentes décadas, ou seja, ele é marcado, na sua objetividade, nas suas representações, pelas apropriações de que foi objeto e pelas especificidades impostas nas disposições dos agentes sociais nele inserido. (JUNIOR, 2002, p.95)

Assim, retomando o fio condutor do debate acerca das características do esporte e conseqüentemente a defesa da escalada enquanto modalidade do campo esportivo. Observemos a tabela:

FIGURA 1

	Esportes Primitivos	Esportes Gregos	Esportes romanos	Esportes Medievais	Esportes modernos
Secularidade	Sim e Não	Sim e Não	Sim e Não	Sim e Não	Sim
Igualdade	Não	Sim e Não	Sim e Não	Não	Sim
Especialização	Não	Sim	Sim	Não	Sim
Racionalização	Não	Sim	Sim	Não	Sim
Burocracia	Não	Sim e Não	Sim	Não	Sim
Quantificação	Não	Não	Sim e Não	Não	Sim
Recordes	Não	Não	Não	Não	Sim

Tabela de Características dos esportes em diferentes épocas
Fonte: Guttman (1978) citado por Pilatti (2002, p.73)

Ao caracterizarmos os esportes modernos, determinados aspectos acabam provocando reflexões, pois o conceito por vezes não consegue abranger a riqueza do fenômeno social e acompanhar a velocidade das transformações. Como observei acima, a escalada em seus primórdios (alpinismo) não foi difundida da mesma forma que outras práticas esportivas, isto porque talvez existam distintos graus de incorporação da 'modernidade', (PRONI, 1998, p.26-27) as mudanças ocorriam nas diferentes esferas da sociedade e em maior ou menor grau acionadas ou não pelos interlocutores de cada um dos campos de poder. Assim, na constituição do campo

esportivo não poderia ser diferente; o que era prática ou jogo popular e o que viria a ser esporte moderno dependeria das lutas que ocorriam em diferentes campos e no interior daquele que viriam a ser um subcampo esportivo.

Sobre alguns elementos constituintes do quadro de análise sociológica do esporte, podemos dizer que algumas características não são absorvidas igualmente pela diversidade de práticas esportivas constituintes do campo. Podemos aceitar que na maioria dos esportes modernos a noção de igualdade é muito superior que nas práticas da antiguidade, em boa parte pelas regras transformadas no curso da história de cada esporte. (PILATTI, 2002, p.75)

No entanto,

A história das práticas esportivas só pode ser uma história estrutural, levando em conta as transformações sistemáticas acarretadas, por exemplo, pelo surgimento de um esporte novo (os esportes californianos) ou a difusão de um esporte como o tênis. Parênteses: uma das dificuldades na análise das práticas esportivas reside no fato de que a unidade nominal (tênis, esqui, futebol) (...) mascara uma dispersão, mais ou menos forte, conforme os esportes, as maneiras de praticá-los, e no fato de que essa dispersão cresce quando o aumento do número de praticantes (...) é acompanhado de uma diversidade social desses praticantes. (BOURDIEU, 1990, p.209-210)

Neste sentido poderíamos dizer que a escalada assim como os demais esportes cuja prática se constitui pela busca da aventura na natureza, que por sua vez oferece um risco calculado, contribuiu para a reorganização do sistema de esportes, possibilitando um novo paradigma acerca dos seus sistemas de regras e ofertas de igualdade. Segundo Featherstone (2000),

Tanto o alpinismo como a corrida de iate tem regras formais definindo o que constitui jogo limpo dentro dos limites da atividade esportiva. São determinadas pelas convenções e expectativas informais de comportamento adequado – não trapacear, ajudar colegas alpinistas ou marinheiros em perigo -, que de certo modo são derivações do ‘código de cavalheirismo’ encontrado em muitos esportes (vide Elias e Dunning, 1986). (p.53)

Todo campo, inclui-se aqui o esportivo, contém certo grau de autonomia, assim sua existência depende da definição de objetivos, interesses e valores que se tornam objetos de disputas de poder. A formação do *habitus* de cada uma das

práticas esportivas é que vão definir os contornos, os limites pertinentes a cada prática esportiva. Aos seus agentes cabe a responsabilidade de acomodar ou provocar mudanças com maior ou menor grau e velocidade levando o campo a processos de transformação e acomodação.

Retomarei as características identificadas por Guttmann (1978), especificamente a racionalização, burocratização, especialização, quantificação e recordes no capítulo seguinte. A meu ver estas características estão estreitamente ligadas ao *habitus* desta prática esportiva. Assim, são mais facilmente identificadas pelos praticantes do esporte e em grande parte passam despercebidas aos não praticantes.

Pimentel (2006) aborda uma passagem do texto de Betrán, (1995) acerca do caráter hedonista nas AFAN onde, *“os autores percebem o hedonismo nas AFAN por serem práticas recreativas nas quais não existiria um recorde ou um benefício a ser alcançado para além da própria vivência da aventura (...).”* (p.12) Aproveito a passagem acima para afirmar que não compartilho que a escalada, assim como tantas outras práticas esportivas peculiares ao ambiente natural, fossem reduzidas a atividades físicas desprovidas de significados que extrapolam o hedonismo.

Estas práticas, compreendidas aqui como esportes, estão impregnados pela modernidade, e no interior de seus campos estão os agentes em constantes lutas pelo mérito individual ou coletivo. Estas disputas são travadas a partir dos seus capitais acumulados e que servem como instrumentos de poder na busca pela distinção, seja quebrando recorde, ‘encadenando’ ou conquistando vias.

No entanto, ainda que de maneira incipiente, aproveito para posicionar-me sobre a relação entre esporte e lazer. Pois, penso que à medida que o esporte seja vivenciado objetivando as características especialização, racionalização, burocracia, quantificação e recordes, tende a se distanciar do esporte enquanto possibilidade de fruição de lazer. Esta discussão não aparece como uma verdade demasiadamente consistente e fundamentada, demandando um maior exercício teórico e intelectual no futuro.

3.2. Lazer, urbanidade e escalada

O lazer enquanto campo de estudo multidisciplinar possibilita interlocuções que transcendem a Educação Física e, se por um lado torna complexa a missão do pesquisador, por outro, oferece uma diversidade de elementos para análise. Na contemporaneidade a polifonia provocada pelo lazer e suas inter-relações explicitam os conflitos vividos pelos sujeitos, em especial no cotidiano das cidades.

Na medida em que me refiro ao lazer faz-se necessário elucidar qual perspectiva de lazer adotarei para trilhar este caminho. Afinal, dentre os estudiosos da área, compartilho da idéia daqueles que concebem que o lazer é gerado historicamente nas sociedades modernas urbano-industriais. Tal perspectiva é conhecida como crítica ou crítica-histórica. Acreditamos que algumas considerações acerca do lazer produzidas por Dumazedier (1979, 1973), posteriormente revisadas criticamente por Marcellino (1998) são imprescindíveis para seu entendimento neste trabalho.

Há autores que o entendem como:

Cultura vivenciada (praticada, fruída ou conhecida), no tempo disponível das obrigações profissionais, escolares, familiares, sociais, combinando os aspectos tempo e atitude. Essa posição baseia-se no concreto da sociedade urbano-industrial – tal como é, e não do devir, ou seja, como deveria ser. (Dumazedier 1979, 1973 citado por MARCELLINO, 1998, p.38)

É importante ressaltar a visão que prevalece nessas sociedades, que o lazer diferentemente do trabalho, não encontra fim em si mesmo. Ao trabalho é dado um valor superior, atribuindo-se ao lazer um caráter secundário, o tempo para sua fruição é sempre o tempo restante após suas atividades de trabalho remunerado, o que não quer dizer que o tempo do lazer esteja garantido. Afinal, ainda temos as atividades de trabalho privado e administração familiar, repouso, provimento das necessidades fisiológicas, sociabilidade e só aí nos sobram tempo para atividades miméticas ou jogo, o lazer propriamente dito. (ELIAS & DUNNING, 1995)

Mediante a extensa lista de atribuições presentes na agenda dos sujeitos modernos, seja a escalada ou qualquer outro esporte que dependa ou pelo menos

preconize a prática na natureza, estes se deparam com uma dupla barreira para a vivência do lazer, tempo e espaço.

Diferentemente dos esportes tradicionais, estes esportes “*são uma tendência social a fazer coisas fora do comum e escapar às pressões urbanas das grandes cidades, numa intenção de recuperar o contato com a natureza*” (FEIXA, 1995, p.36). Ironicamente se busca escapar das grandes cidades. Este por si mesmo, já é um grande desafio, seja pelas distâncias entre a cidade e a natureza, seja pelo trânsito, seja pela demanda de tempo necessária para usufruir deste contato.

A busca do espaço natural leva os praticantes à quebra da rotina espacial e como a prática da escalada é primordialmente social, visto que sua fruição na maioria das vezes depende da parceria com outros, a atividade acaba possibilitando que vários conteúdos culturais sejam vivenciados. Mesmo considerando a atividade da escalada pertencente ao campo de domínio físico/esportivo, é inegável seu potencial social devido ao relacionamento com um grupo ou pelo menos com um parceiro, e também o conteúdo turístico pela ruptura tempo/espacial. (MARCELLINO, 2002, p.17-18)

Retomando aspectos relacionados à sua constituição,

o lazer gerado historicamente e, dele, podendo emergir, de modo dialético, valores questionadores da sociedade como um todo, e sobre ele também sendo exercidas influências da estrutura social vigente. (MARCELLINO, 2002, p.39)

Subsequentemente no terceiro aspecto observamos o lazer como:

um tempo que pode ser privilegiado para vivência de valores que contribuam para mudanças de ordem moral e cultural, necessárias para solapar a estrutura social vigente. (MARCELLINO, 2002, p.39)

O ponto acima imediatamente nos remete a pensar as transformações ocorridas no subcampo esportivo da escalada. Transformações de ordem cultural, pois a sua prática esteve, por muitos anos, restrita ao ambiente natural, “*oportunidades desiguais na apropriação do espaço também constitui uma das barreiras mais importantes para o acesso ao lazer.*” (MARCELLINO, 2002, p.24) Assim, a impossibilidade de estar nestas áreas específicas levou a criação de

espaços *indoor* (academias) onde o espaço da natureza foi reproduzido possibilitando o acesso à prática da escalada em dias de chuvas torrenciais e de sol escaldante. Adicionado ao cenário reproduzido para a escalada, estes espaços agregaram o conforto, segurança e comodidade, provocando uma importante transformação no *habitus* do subcampo esportivo da escalada.

No entanto, como nem sempre o lazer é um elemento de transformação, faz-se necessário pensar que o lazer como parte desta estrutura social vigente pode servir para reproduzir valores e manter o *status quo*, o que designa esta forma como anti-lazer ou algo que se contrapõem às características do lazer (MARCELLINO, 2002, p.48-49), embora vivenciado no tempo disponível e muitas vezes permeado pelo lúdico. É comum, sobretudo nas sociedades urbano-industriais mais ‘avançadas’, que o controle social e a preconização do autocontrole ocorra buscando restringir experiências de excitação agradável na forma de lazer. (ELIAS & DUNNING, 1995, p.101-102)

A relação entre controle social da excitação no lazer traz elementos importantes para este estudo, pois os esportes e atividades de aventura, praticados na cidade ou na natureza estão entre estas práticas, nas quais os sujeitos buscam sensações de excitação. Entre estas práticas, a escalada, recorte deste estudo, aparece como uma possibilidade de lazer que venha transgredir este controle social. Em certa medida, a escalada é uma atividade que expõem ao risco o seu praticante, e contraditoriamente este risco em parte é o que mobiliza os sujeitos à prática no tempo disponível para a fruição do lazer. Isto leva a refletir: quais transformações ocorreram no interior do campo, através de transformações no *habitus* da comunidade escaladora com o surgimento da escalada *indoor*? Esta questão aparecerá, mesmo que ainda incipientemente, no capítulo seguinte.

Por ultimo, o lazer é: “*portador de um duplo processo educativo – veículo e objeto de educação, considerando-se, assim, não apenas suas possibilidades de descanso e divertimento, mas também de desenvolvimento pessoal e social*”. (DUMAZEDIER, 1979, 1973 citado por MARCELLINO 1998, p.39). Neste sentido, podemos verificar o interesse das sociedades/estado mais ‘avançadas’ em controlar as ofertas de lazer; assim, é possível ajustar ou pelo menos, tentar controlar a conduta dos sujeitos nos seus tempos, nos espaços e nas suas atividades de lazer.

Aqueles que rompem com os níveis esperados de condutas excitantes nos tempos de lazer, podem estar sujeitos aos hospitais ou prisões, ou pelo menos a repreensões dentro dos seus grupos e comunidades de convívio. Daí a idéia de radicalidade extrema e risco, associados às práticas de esportes e atividades de aventura.

Os aspectos relacionados ao lazer descritos acima como: tempo, atitude e lúdico contribuíram na formulação de vários conceitos produzidos pelos autores da área, mas Christianne Luce Gomes, a meu ver, avança em relação aos conceitos construídos anteriormente quando associa aos elementos Tempo, Manifestações Culturais/Ações e o elemento *“Espaço-lugar, que vai além do espaço físico por ser um ‘local’ no qual os sujeitos se apropriam no sentido de transformá-lo em ponto de encontro (consigo, com o outro e com o mundo) e de convívio social para o lazer”*. (GOMES, 2004, p. 124) Assim, acreditamos que seu conceito é o que melhor expressa nosso entendimento acerca do lazer,

Em síntese, entendendo o lazer como uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espaço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo. (GOMES, 2004, p. 125)

Assim, a autora nos permite entender como o lazer está intrincado nas diversas dimensões da nossa vida cultural, estabelecendo diálogo direto com o contexto social. Como dito anteriormente, podemos entender que o lazer pode atuar no mascaramento das contradições sociais, bem como se apresentar como uma alternativa a isto, possibilitando o questionamento e a resistência à lógica excludente desta sociedade.

Ao pensarmos o lazer nesta sociedade de conflitos e contradições sociais, é de se esperar a existência dos tensionamentos entre os sujeitos e as relações que estes estabelecem entre o tempo e os espaços de lazer e trabalho, em nossa sociedade. Cabe destacar que isto tem relação direta com a forma como está organizada a cidade e o trabalho na sociedade capitalista, bem como a oferta do lazer como mercadoria nesta sociedade do consumo. Todavia, concordo que:

(...) o lazer não se restringe ao consumo alienado, proporcionado por meio das oportunidades que padronizam gostos e preferências, que tratam sujeitos como se fossem meros objetos desprovidos de histórias de vida singulares e que ignoram as questões culturais, políticas e sociais mais amplas que nos constituem. (WERNECK, 2002, p.33)

O lazer é um elemento constituinte tanto da cidadania quanto do conjunto das necessidades humanas, que vem cada vez mais se constituindo como um espaço de resistência e contestação. Por isso, os aspectos relacionados ao consumo e consumismo no lazer são importantes para que não tratemos as atividades e os esportes de aventura como meras opções ou imposições do mercado aos sujeitos. É possível encontrar quem adere a estas práticas devido à cultura do consumo, que vem enaltecer a estetização da vida cotidiana por meio do desenvolvimento da propaganda, do imaginário e da publicidade. (Featherstone, 1997 citado por MARINHO, 2001, p.95) Mas, não é exceção depararmos com grupos de praticantes que buscam estas práticas como forma de fruição 'desinteressada',²¹ de contestação ou articuladamente como fruição e contestação a esta sociedade de consumo homogeneizante. A busca por estas experiências é na verdade para eles a busca por distinção em uma sociedade que busca a pasteurização da cultura.

No contexto das cidades modernas, a exacerbação das formas de controle do lazer, imprimindo uma oferta massiva e padronizada, ou, o não atendimento à pluralidade dos interesses culturais do lazer pelo poder público, produz um movimento por sua busca, e também interações sociais em prol de interesses em comum, que podem ser pelo lazer. Esta busca tem seu movimento efervescente no seio das cidades e, sobretudo das metrópoles, com o seu crescimento vertiginoso de deslocamento da população do campo, aumentando e agravando as tensões sociais.

Conforme vimos anteriormente, é a cidade que abarca este movimento de causa e efeito entre sujeitos e seus grupos que surgem no tensionamento cotidiano. Neste sentido, conforme Izabel Oliveira,

Os problemas urbanos não são novos. Fazem parte do cotidiano de nossas cidades e cada vez mais se avolumam: periferias longínquas

²¹ O desinteresse aqui expressa a idéia de adesão livre e espontânea à atividade sem nenhum outro interesse que não seja a fruição garantida pela atividade.

e desprovidas de serviços e equipamentos urbanos essenciais; favelas, invasões são constantes; o adensamento e a verticalização sem precedentes pode ser verificado com freqüência; a poluição de águas, do solo e do ar assume grandes proporções; dentre outros variados e negativos aspectos. (OLIVEIRA, 2001, p.2)

Esta lógica impressa às cidades pode, por um lado, gerar pelo menos dois movimentos antagônicos de promoção e fruição no lazer. O primeiro expressa a idéia de alienação produzida pela organização das cidades e a oferta de lazer pautado pela visão funcionalista²². Esta concepção é apresentada por Ana Pellegrini,

Essas condições favorecem um lazer restrito, de consumo rápido e possibilidades ínfimas, se comparado às suas potencialidades, onde dificilmente haverá satisfação e, menos ainda, desenvolvimento pessoal e social dos praticantes; não se observa uma preocupação em facilitar a convivência e a troca de experiências entre pessoas, assim como o seu acesso aos equipamentos, ou proporcionar conforto e segurança no deslocamento pela cidade. (PELLEGRINI, 1996, p. 35)

Não obstante, a urbe, ou seja, a cidade apresenta também a resistência, mesmo que esta se desenvolva no “pedaço”²³. Seja na urbe ou em parte dela, no pedaço, o lazer em contraposição ao movimento de consumo padronizado e esvaziado de significados, pode surgir como possibilidade através dos grupos. É no lazer, por meio do seu duplo processo educativo, que a realidade é percebida através dos seus objetivos consumatórios e instrumentais.²⁴ Assim, o duplo processo educativo do lazer consiste em permitir que os sujeitos se eduquem para as vivências e através delas, seja no futebol ou na escalada. A este respeito encontramos considerações em Marcellino (1987, 2002), Gomes (2004), Dumazedier (1973), Mascarenhas (2003), Requixa (1980) e Marcassa (2004, in: Gomes). Segundo Marcellino (1990),

[...], pois é no tempo de lazer, onde se procura a vivência de alguma coisa pela escolha e satisfação, o encontro com pessoas ou com o

²² Visão funcionalista, entendida aqui como o anti-lazer, busca manter a paz social e a manutenção do *status quo* vigente, onde o lazer é instrumento de controle e coerção social, estando assim, em contraposição à visão crítica de lazer. (Marcellino 1987, 2002).

²³ Ver MAGNANI (1984).

²⁴ São estes objetivos consumatórios que equivalem ao relaxamento e prazer propiciados pela prática ou pela contemplação, quanto aos objetivos instrumentais, no sentido de contribuir para a compreensão da realidade (...). (MARCELLINO 2002, p.50).

“novo” e o “diferente”, que se encontram possibilidades de questionamento dos valores da estrutura social e, inclusive, das relações entre sociedade e espaço. As diferenças criam “espaço” para o conflito, o que pode provocar dúvidas e reflexões.²⁵ (p. 83)

Este movimento crítico dos sujeitos provocado pelo lazer, ou, pela sua busca, ganha corpo ao possibilitar a associação de alguns sujeitos junto a outros imbuídos na mesma causa. Maffesoli denomina este poder dos sujeitos e suas redes de socialidade em ‘potência de socialidade’, *“para qual esta pode se manifestar, subvertendo a ordem estabelecida na forma do silêncio, da astúcia, da luta, da passividade, do humor ou do escárnio, resistindo à imposição do poder”*. (MAFFESOLI, 1987, p.5)

Neste “movimento” de subversão ou de potência de sociabilidade, promovido por pessoas que se reúnem em grupos nas cidades, é que vamos observar como eles se organizam para buscar práticas de lazer na natureza, especificamente na escalada. Esta tendência foi verificada por Jofre Dumazedier (1980), que já na década de 70 constatou *“um aumento da preferência das pessoas pelas ‘atividades esportivas ao ar livre’, praticadas em espaços abertos, inclusive no meio aquático, em oposição aos locais fechados’ de uma cidade”*. (p.11)

É importante estar atento a esta pretensa busca pela natureza, sobretudo do jovem urbano. Embora este fato possa ser observado facilmente na atualidade, outro fenômeno interesse de reprodução e simulação da natureza nas cidades cresce vertiginosamente. Hoje não são poucos os clubes, hotéis e pousadas, ginásios e academias que oferecem instalações que simulam elementos da natureza como: rochas, circuitos suspensos em árvores, cavernas, e vários outros atrativos comuns às áreas naturais no meio urbano. Esta busca pela paisagem natural ou pelo cenário, reprodução do real, talvez possa ser entendido pelo afastamento da humanidade da natureza orgânica devido às condições de vida características das grandes cidades. (WIRTH, 1973, p.90)

Por isso, ao investigar os possíveis fatores de transformação dos valores e significados da comunidade de escaladores da cidade de Belo Horizonte, será necessário abordar os diversos aspectos co-relacionados a esta prática. Assim, será prudente debater a relação da escalada com a cultura urbana, sem furtar ao debate

²⁵ Os grifos em “novo”, “diferente” e “espaço”, foram feitos pelo referido autor.

desta articulada a uma cultura jovem produzida especialmente nas grandes cidades. Afinal, se a escalada enquanto atividade esportiva moderna se apresenta como uma possibilidade de lazer, sua imagem é facilmente associada à idéia de juventude, radicalidade e busca de afirmações através do risco ou da percepção do mesmo. (MARINHO, 2001)

É importante, antes de prosseguirmos com o debate acerca da escalada como constituinte de certa cultura urbana, distinguir cidade de cultura urbana, ou melhor, de urbanismo, pois os sujeitos da pesquisa são constituintes de uma comunidade que esta inserida em uma cidade, Belo Horizonte e suas adjacências. Assim, cidade para Louis Wirth seria um *“núcleo relativamente grande, denso e permanente, de indivíduos socialmente heterogêneos”* (WIRTH, 1973, p.96), e ele nos adverte sobre os riscos de caracterizarmos cidades apenas tomando como base o tamanho,

As influências que as cidades exercem sobre a vida social do homem são maiores do que poderia indicar a proporção da população urbana, pois a cidade não somente é, em graus sempre crescentes, a moradia e o local de trabalho do homem moderno, como é o centro iniciador e controlador da vida econômica, política e cultural que atraiu as localidades mais remotas do mundo para dentro de sua órbita e interligou as diversas áreas, os diversos povos e as diversas atividades num universo. (WIRTH, 1973, p.91)

Em direção a constatação do crescimento da cidade para além de suas fronteiras físicas, num explosivo crescimento científico e tecnológico, contribuindo para transformações nos hábitos e costumes da nossa civilização moderna e ocidental, Lewis Mumford traduz esta explosão das cidades:

Essa explosão tecnológica produziu uma explosão semelhante na própria cidade: a cidade arrebentou-se e se espalhou, em órgãos e organizações complexas, por toda a paisagem. O recipiente urbano murado, na verdade, não apenas se rompeu: em grande parte, foi também desmagnetizado, dando, em resultado, o fato de estarmos assistindo a uma espécie de degeneração do poder urbano num estado de ocasionalidade e imprevisibilidade. Em suma, nossa civilização está perdendo o controle (...). (MUMFORD, 2001, p.42)

Tais considerações ajudam a entender que, para além dos limites físicos da cidade e do modo de vida peculiar a elas, há uma extensão desta cultura urbana que

transcende seus aglomerados. Considero pertinente um debate sobre juventude e cultura jovem. Reconheço que estes temas implicam na formação e transformação do *habitus*, mas eles não fazem parte dos recortes que delineiam os objetivos desta pesquisa. Por ora, restrinjo-me a advertir o leitor que juventude não se circunscreve por divisões arbitrárias entre idades. (BOURDIEU, 2003, p.151)

Reafirmando as palavras do autor: ser jovem transcende faixas etárias e pretensas divisões de classes, se sobrepondo umas sobre as outras em camadas de uma única peça. Vários *habitus* individuais articulando-se e formando um *habitus* da escalada. O moto boy punk que escala nos fins de semana com a 'patricinha' da zona sul, o professor e o ourives, o geólogo e o atendente de loja, a auxiliar de escritório e o desempregado, pai, filho e neto e tantas outras conjunções pouco comuns as olhares menos atentos. Estas parcerias não são meras especulações fictícias, mas parte dos agrupamentos identificados durante a pesquisa, o que torna a apropriação do *habitus* dos escaladores de Belo Horizonte ainda mais complexa.

4. O 'Nó': montanhismo/escalada e a constituição de um novo subcampo esportivo

Mais uma vez, ao longo do texto emprego a palavra nó, buscando chamar a atenção do leitor para que o mesmo perceba o quão delicado e ao mesmo tempo importante será este capítulo para a compreensão deste trabalho. No cabedal técnico da escalada, inúmeros são os nós com os mais variados empregos, sendo o conhecimento prévio destes um requisito imprescindível para prática da escalada, tal qual este capítulo na articulação e compreensão deste trabalho em sua totalidade.

Advirto o leitor de que esta empreitada estará, em boa parte, amarrada com a discussão feita no capítulo anterior sobre a categoria esporte e principalmente sobre a minha compreensão de que a escalada é uma pratica constituinte deste campo. Se anteriormente busquei esclarecer características pertinentes ao fenômeno esporte, busco agora consolidar esta posição construindo o caminho de constituição do subcampo esportivo escalada e o seu *habitus*.

Desta forma entendo ser possível explicar o porquê da escalada como esporte, as transformações ocorridas em seu subcampo (campo de poder), naturalmente a partir de disputas pelas hierarquias de postos de poder, controle e disseminação de capitais culturais, sociais e a violência simbólica inter e intra grupos no interior do subcampo.

Como dito anteriormente, se o 'campo' é espaço de posições sociais, estas posições são ocupadas por alguém. No nosso caso, este agente ocupante de posições são os escaladores. Ainda, se no campo se produz, consome e classifica um bem, estes se referem à cultura particular deste campo, tal qual o conhecimento técnico, equipamentos, a linguagem e o comportamento o qual a escalada produz, consome e classifica. Logo: *"o limite de um campo é o limite dos seus efeitos ou, em outro sentido, um agente ou uma instituição faz parte de um campo na medida em que nele sofre efeitos ou que nele os produz"*. (BOURDIEU, 2007, p.31) Assim, compreender a gênese social de um campo é apreender o que faz a necessidade da crença que o sustenta, seu *habitus*, compreendido aqui como:

sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturantes, isto é, como princípio que gera e estrutura, as práticas e as representações que podem ser objetivamente 'regulamentadas' e reguladas sem que por isso sejam o produto de obediência de regras, objetivamente adaptadas a um fim, sem que se tenha necessidade da projeção consciente deste fim ou domínio das operações para atingi-lo, mas sendo, ao mesmo tempo, coletivamente orquestradas sem serem o produto da ação organizadora de uma maestro. (ORTIZ, 1983, p.15)

Neste sentido, é no *habitus* do escalador que joga seu jogo de linguagem, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram, orientando suas ações sem que ele controle racionalmente:

cada agente, quer saiba ou não, quer queira ou não, é produtor e reproduzidor de sentido objetivo porque suas ações e suas obras são produto de um *modus operandi* do qual ele não é o produtor e do qual ele não possui o domínio consciente; as ações encerram, pois, uma 'intenção objetiva' como diria a escolástica, que ultrapassa sempre as intenções conscientes. (ORTIZ, 1983, p.15)

Neste sentido lanço-me no desafio de historicizar o objeto, pois é necessário resgatar a história do campo, para percebermos como respostas 'práticas' dadas no cotidiano dos escaladores são construídas e reproduzidas como produto da relação dialética entre a situação e o *habitus*. (ORTIZ, 1983, p.19)

Assim sendo, busco ir ao encontro da perspectiva apresentada abaixo por Bourdieu, onde:

O objeto da história é a história dessas transformações da estrutura que só são compreensíveis a partir do conhecimento do que era a estrutura em dado momento (o que significa que a oposição entre estrutura e transformação, entre estática e dinâmica, é totalmente fictícia e que não há outro modo de compreender a transformação a não ser a partir de um conhecimento da estrutura). (BOURDIEU, 1990, p.210)

Muito embora este trabalho não tenha como princípio a pesquisa histórica como marco teórico metodológico, a busca de aporte teórico na história do montanhismo contribui determinadamente na observação e compreensão dos processos de descontinuidade, ruptura, inovação técnica e tecnológica, pelo qual o montanhismo passou até a constituição de um *habitus* da escalada, constituindo-se como um subcampo esportivo. Pois, *habitus* e campo estão sempre entrelaçados,

sendo um o meio e a consequência da outro. (VANDENBERGHE, 1999 citado por THIRY-CHERQUES, 2006, p.32)

Assim, apresentar um breve histórico do montanhismo, sobretudo carioca, passando pela constituição da escalada como subcampo esportivo e chegando ao montanhismo/escalada mineira se apresenta como o desafio a seguir. Abreviar este caminho poderia levar o leitor a um falso entendimento acerca da produção e transformação do *habitus* da escalada mineira e concomitantemente a uma distorção do emprego do conhecimento praxiológico.

4.1. Era a 'Pedra' no caminho

Alguns autores buscaram incessantemente determinar com precisão a origem do montanhismo, a meu ver uma busca inócua, visto que os registros dos primeiros seres humanos a ascender uma montanha se confundem com a própria existência humana e seus instintos de sobrevivência.

Na atualidade a distinção entre o que vem a ser uma escalada técnica²⁶ e uma caminhada não pode ser aplicada a diferentes épocas, pois as permanentes evoluções técnicas e tecnológicas dos materiais puderam transformar uma escalada difícil de tempos remotos em uma simples escalaminhada.²⁷ Posteriormente o homem persistiu subindo as montanhas, seja caminhando ou escalando, por múltiplas razões que transitam desde o culto ao sagrado, fins bélicos e explorações científicas.

Não obstante, as diferentes motivações que ao longo da história levaram os homens ao cume das montanhas, fomentaram a conquista do Mont Blanc²⁸ no ano de 1786. Esta conquista é aceita por um significativo número de autores como: Barros (2005); Daflon e Daflon (2007); Faria (2006); Krakauer (1999); Pereira (2007)

²⁶ “Consiste em subir paredes rochosas usando os apoios naturais, como agarras, buracos, chaminés. Ou mesmo subir em rochas lisas, usando apenas a aderência do solado dos calçados. Necessita-se força nas mãos e nos pés e equilíbrio. Usa-se material de segurança apenas para evitar quedas longas. [...]”. (FARIA, 2006, p. 74).

²⁷ Caminhada de nível de dificuldade média para difícil que por vezes faz-se o uso das mãos para ascender.

²⁸ Ponto culminante dos Alpes (4.808m de altitude), na fronteira da França com a Itália.

e escaladores como marco zero do montanhismo mundial, como pode ser observado pelos argumentos de Daflon & Daflon a seguir:

O que faz esta primeira escalada ao *Mont Blanc* ser considerada como marco zero do montanhismo é que, antes dela, nada mudara no mundo em função das ascensões conhecidas, já que elas não geraram nenhum movimento. Até então, só o vento, os dragões e os deuses reinavam nas alturas. Após o *Mont Blanc*, as montanhas deixaram de ser reinos terríveis, onde ninguém sobrevivia, nem mesmo por uma só noite, e passaram a ser exploradas e conhecidas de fato. (DAFLON & DAFLON, 2007, p. 11)

A ascensão aos cumes outrora marcadamente relacionados aos interesses citados acima, agora inserida num contexto pós renascentista²⁹ de valorização do homem e da natureza, teve como marca diferencial uma crescente motivação de subir montanhas proporcionada pelo prazer de se chegar ao cume. Este traço marcado pela alcunha do lúdico fomentou um movimento mundial de ascensão às montanhas.

O alpinismo, na primeira metade do século XIX, teve forte motivação científica. A alta montanha era um universo absolutamente novo, que despertava a curiosidade de pesquisadores dos mais diversos campos do saber. Depois, a partir de 1850, o alpinismo deixou a aura científica e passou a ser visto e praticado como um jogo, um esporte. Foi aí que ele viveu o que ficou conhecido como os anos dourados do alpinismo. [...] Para se ter uma idéia, somente nos Alpes, entre 1863 e 1865, foram registradas primeiras ascensões de mais de 100 cumes principais. (DAFLON & DAFLON, 2007, p. 13)

Não podia ser diferente, sem neve, mas repleto de montanhas com as mais diferentes formações geológicas, o Brasil entrou na rota das conquistas dos cumes virgens. Durante todo o século XIX foram registradas ascensões realizadas principalmente por Europeus ou descendentes de Europeus, como nos casos do Pão de Açúcar (Rio de Janeiro) pela inglesa Henrietta Carsteirs em 1817, Pedra do

²⁹ O termo Renascimento é comumente aplicado à civilização europeia que se desenvolveu entre 1300 e 1650. (...) O ideal do humanismo foi sem dúvida o móvel desse progresso e tornou-se o próprio espírito do Renascimento. Trata-se de uma volta deliberada, que propunha a ressurreição consciente (o re-nascimento) do passado, considerado agora como fonte de inspiração e modelo de civilização. Num sentido amplo, esse ideal pode ser entendido como a valorização do homem (Humanismo) e da natureza, em oposição ao divino e ao sobrenatural, conceitos que haviam impregnado a cultura da Idade Média. <http://www.historiadaarte.com.br/renascimento.html> Acesso em: 16/03/09.

Sino (Teresópolis /RJ) pelo escocês George Gardener 1841, Monte Roraima (Roraima) pelo inglês Everard Im Thurm em 1879. (FARIA, 2006, p.66-67)

No entanto, não encontrei registros que comprovem que estas ascensões tenham efetivamente colaborado para a disseminação de uma 'cultura da montanha', influenciando as pessoas a formarem grupos e ou agremiações que produzissem um novo estilo de vida. A seguir, abordarei a escalada do Dedo de Deus e suas influências para a constituição do subcampo esportivo da escala e conseqüentemente o surgimento de um *habitus* particular a este subcampo.

4.2. O Dedo de Deus

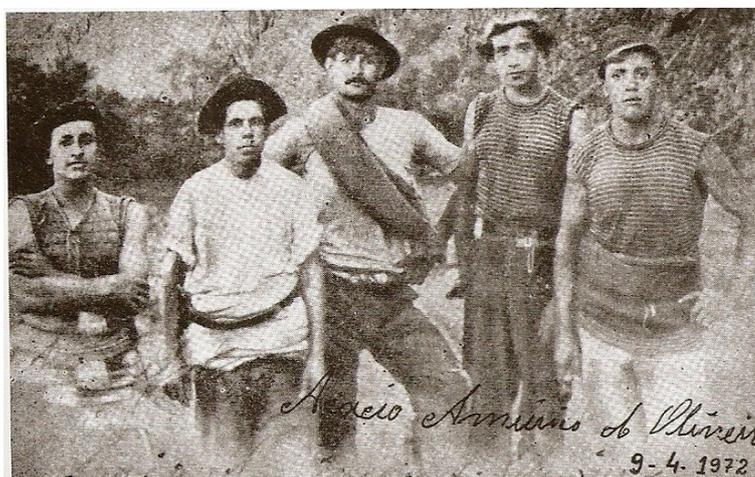
No final do século XIX e começo do XX a fama da montanha impossível de ser escalada corria a Europa. Vários foram os grupos de Europeus que buscaram lograr êxito nesta investida sem obter sucesso, mas nenhum fracasso foi tão construtivo quanto o do grupo de escaladores alemães. Estes, após fracassarem neste intento, afirmaram que se eles não conseguiram mais ninguém conseguiria.

Esta presunçosa afirmação mexeu com os brios do pernambucano José Teixeira Guimarães, do caçador Teresopolitano Raul Carneiro e os irmãos Alexandre, Américo e Acácio de Oliveira. A notícia corria pela cidade, alimentos, cobertores e palavras de encorajamento muniam os cinco conquistadores. Na bagagem, brocas, cordas, martelos e grampos confeccionados pelo próprio Teixeira. Ainda hoje, seus grampos encontram-se fixos nas paredes do Dedo de Deus. (LUCENA, 2006, p.28-29)

Embora extensa, citarei na íntegra o relato da conquista do Dedo de Deus, pesquisada e editada por Waldecy Mathias Lucena, em que o autor ainda registra a existência de controvérsias acerca da data da conquista, mas considera como a mais aceita o dia 9 de abril de 1912. Veja a seguir a descrição da conquista e a foto dos conquistadores.

O Primeiro dia da empreitada foi consumido pela caminhada. No segundo dia, em virtude da chuva que caía, nada pôde ser feito. A escalada em si começou apenas no terceiro dia. Para vencerem o primeiro paredão, hoje conhecido como Villela, os escaladores fixaram dois grampos e amarraram um tronco a eles. No segundo

paredão, eles fizeram uma pirâmide humana e conseguiram chegar a base da chaminé horizontal. Por esta chaminé, conseguindo chegar à passagem hoje conhecida como Passagem Leser. Novamente usaram um tronco amarrado a três grampos, vencendo esta passagem. O árduo trabalho daqueles cinco homens prosseguia, dia a dia, acompanhando por uma fina garoa. Ao cair da tarde, eles sempre desciam até um acampamento improvisado na base do paredão Villela para retomar, no dia seguinte, o grande desafio que se elevava à sua frente. Suas dificuldades eram muitas. Um deles, Alexandre foi seguro à beira de um abismo por seu irmão Acácio e por Teixeira. Os escaladores tinham seus joelhos e mãos ensangüentados e tiveram que improvisar almofadas para protegerem estas partes de seus corpos cansados. Prosseguindo a escalada, chegaram à chaminé Arranca-Botões onde colocaram mais três grampos, atingindo, assim a chaminé em “V”. Nesta Chaminé, usaram mais dois grampos para, finalmente, atingir o último platô antes do cume. Colocaram um grampo na base deste platô e outro no paredão à sua frente, a um metro e meio de altura. Mais uma vez, usaram o tronco e amarraram a estes dois grampos. Os cinco heróis estavam agora muito perto do topo da montanha. Uma pirâmide humana e um último grampo os separavam de seu objetivo final. Alexandre de Oliveira, o mais leve dos cinco, foi o último a subir na pirâmide, e foi ele quem colocou o grampo por onde passaria a corda, que, finalmente, os levaria ao cume do Dedo de Deus. Estes homens escreveram páginas extremamente importantes da história do montanhismo no Brasil. Ao escreverem esta história, cada um de seus movimentos é marcado por coragem, ousadia e criatividade. (LUCENA, 2006, p.30-31)



005 - Os conquistadores do Dedo de Deus, logo após a conquista. Da esquerda para direita, Américo de Oliveira, Raul Carneiro, José Teixeira Guimarães, Alexandre de Oliveira e Acácio de Oliveira. Foto comemorativa dos sessenta anos da conquista. Reparar a assinatura de Acácio Oliveira, então o único conquistador vivo

Figura 1: Conquistadores do Dedo de Deus
Fonte: LUCENA, 2006, p.31

A meu ver, citar esta passagem na íntegra auxilia o leitor a compreender o fio condutor que traço expondo as transformações ocorridas na constituição do subcampo esportivo da escalada e na formação do seu *habitus*, bem como os processos de distinção entre grupos através das imposições de poder simbólicos que discutirei no capítulo a seguir. Antecipo, no entanto, aspectos relacionados ao trabalho coletivo desempenhado pelo grupo para alcançar êxito na escalada, a precariedade técnica e de equipamentos e o ímpeto de coragem do grupo ao lançar-se na aventura frente ao desconhecido. Estes aspectos juntamente com o prazer da experiência e a marca de distinção provocada pelo mérito da conquista³⁰ estimularam, nas décadas seguintes, a prática do montanhismo, sobretudo no Rio de Janeiro.

Assim, pensei ser necessário abordar o surgimento do montanhismo e sua escalada no mundo ocidental, onde os acontecimentos pós *Mont Blanc* irradiaram em terras tupiniquins. No Brasil, este marco de importância nacional se dá com a conquista do Dedo de Deus e posteriormente com a criação do Centro Excursionista Brasileiro – CEB -, como veremos a seguir.

4.3. O primeiro lance: O CEB institucionalizando o subcampo

A idéia de criação do CEB surge a partir da iniciativa dos participantes do ‘*Raid Pedestre Rio de Janeiro x Petrópolis*’, que ocorreu no dia 12 de outubro de 1918. Esta história é recontada por Waldecy Mathias Lucena a partir de relatos e boletins do próprio centro, sob a autoria de Jayme Quartin Pinto Filho e também dos textos do sócio fundador Lyses Melgaço. (LUCENA, 2006, p.32-34)

Segue uma passagem descrita por Eschynes Guabyraba, datada de 15-05-1919, e publicada posteriormente no boletim do CEB relatando o *raid* e a idéia de criação do CEB com este nome, antes mesmo da data de sua fundação.

Em 3 de maio de 1919, um grupo de amigos, empregados públicos, industriais, estudantes e empregados do nosso alto comércio, promoveram entre si, um passeio a pé, do Rio a Petrópolis, [...], se

³⁰ Na ocasião da conquista o então Presidente da Republica, Marechal Hermes da Fonseca, tomou conhecimento do feito e mandou um telegrama de congratulações. (LUCENA, 2006. Op. Cit., p.32.)

entusiasmarão tanto que animaram Alberto Fleischhauer a lançar a idéia da fundação de uma sociedade no gênero desportista do excursionismo. [...]. Que, *dora avante*, esse valente grupo de denodados companheiros não arrefeça e outras excursões sejam empreendidas com a mesma resolução e coragem para o engrandecimento do Centro Excursionista Brasileiro. (LUCENA, 2006, p.36-37)

É notório na descrição acerca do grupo de amigos que fundam o CEB, que este grupo não se constituía de pessoas das diferentes classes sociais, mas de jovens da elite carioca. Não se trata a princípio de um grupo formado por Antônios, Josés e Franciscos, mas por Adolpho, Lyses, Cesário, Eschynes e outros nomes e sobrenomes que auxiliam a refletir sobre as raízes familiares destes jovens que pensavam e articulavam as organizações esportivas no início do século XX.

Diferentemente da conquista do Dedo de Deus, a criação do CEB se faz por jovens das escolas burguesas e das elites econômicas do Rio de Janeiro em perfeita consonância com a lógica de criação das organizações esportivas da época, como no caso do futebol e remo³¹. Isso nos possibilita perceber que o campo esportivo compartilha propriedades universais que atestam sua constituição, mas ao ajustarmos as lentes sobre este campo, visualizamos as propriedades específicas próprias que o constituem. Ao aprofundarmos tais observações, encontramos as especificidades que delimitam os seus subcampos como o futebol, vôlei, remo e no caso em questão do montanhismo/escalada. Faço a opção pelo emprego das palavras montanhismo/escalada para, em certa medida, possibilitar ao leitor perceber que um e outro se encontram, ainda neste período, intimamente ligados; posteriormente empregarei apenas escalada, pois é ela que virá se consolidar como subcampo esportivo. Gradativamente a escalada, assim como outras atividades advindas do montanhismo como: o *mountain bike*, o vôo livre, a espeleologia, ganharam autonomia e *status* de esporte com o sua eespecialização e regramento próprio. Ao perguntar os entrevistados sobre o que seria o montanhismo ou se existia uma diferença entre eles, muitas foram a alusão metafórica, filosófica e por vezes espiritual, distanciada da lógica esportiva. Talvez, ao montanhismo restasse a tarefa de resistência aos ditames racionais da esportivização.

³¹ Sobre a história do remo e futebol no Brasil consultar Leonardo Pereira (1998) e Victor Melo (1999).

Com o CEB é dado o primeiro passo para a burocratização do montanhismo/escalada, e em sua composição estão presentes a lógica de administração burocrática burguesa/capitalista. Na ocasião da reunião de fundação foi discutido e aprovado o estatuto, a flâmula, os uniformes e a diretoria, que era composta por presidente, secretário e tesoureiro.

Posteriormente a estas decisões, no ano de 1920 foi apresentado e aprovado pelos filiados o emblema do CEB, sendo mais tarde incluída a imagem do Dedo de Deus e sua cadeia de montanhas, reforçando minha tese sobre a importância da conquista do Dedo de Deus no contexto do montanhismo brasileiro e, conseqüentemente, na criação do CEB. Ainda sobre o emblema e sua razão social, na década de 40 o CEB viu-se obrigado a retirar a palavra 'Brasileiro' do nome e do emblema, passando temporariamente a se chamar Centro dos Excursionistas, pois somente a entidade máxima de cada esporte poderia ter a palavra 'Brasileiro' em seu nome, e com a criação da União Brasileira de Excursionismo – UBE, que nascia da tentativa de regulamentar o esporte, cabia a ela tal título. No entanto os esforços de Hugo Blume (ex-presidente do CEB) junto ao 'Conselho Nacional de Desportos', permitiu mais tarde o uso da antiga sigla. (LUCENA, 2006, p.43)



012 - Primeiro emblema usado pelo CEB. Foi aprovado em 31 de outubro de 1920



013 - Segundo emblema do CEB, usado a partir de 26 de junho de 1931



014 - Terceiro emblema do CEB, modificado em 19 de maio de 1944

Figura 2: Emblemas do Centro Excursionista Brasileiro - CEB
Fonte: LUCENA, 2006, p.43

A interferência jurídica do Conselho Nacional de Desportos atesta como naquela época as atividades excursionistas e de montanhismo já eram compreendidas como esportes, não apenas pelas autoridades, mas também pelos seus praticantes. Neste período os clubes excursionistas sucumbem paulatinamente à prática da escalada partindo do genérico (excursionismos) para o específico

(montanhismo/escalada), em detrimento da tradição do pedestrianismo.³² Embora os clubes excursionistas na década de quarenta ultrapassassem a casa dos cinquenta só no Rio de Janeiro, o emprego do termo escalada bem como a predileção pela atividade ganhava cada vez mais projeção. (LUCENA, 2006, p.213)

Com a consolidação do campo e com a produção de bens culturais que ocorre em seu interior, técnicas, equipamentos e repertório de façanhas (viagens, conquistas de cumes e repetições de vias) passaram a ser uma moeda cada vez mais disputada entre os escaladores para a distinção e posicionamento nos grupos. É importante:

lembrar que há leis de formação dos preços e lembrar que o valor de uma competência particular depende do mercado particular no qual é aplicada e, mais exatamente, do estado das relações nas quais se define o valor atribuído ao produto [...]. (BOURDIEU, 2003, p.130)

Isso nos possibilita observar que cada um destes bens produzidos no interior deste subcampo, passa a ter um valor simbólico de capital que, ao longo da história, leva aos processos de distinção daqueles que os possuem ou não, concomitantemente definindo os postos de poder inter e entre grupos.

No que se tange à produção de capitais no subcampo, o desenvolvimento de técnicas e equipamentos, bem como a publicidade destes, passam a ser incorporados. Observemos o *slogan* do anúncio a seguir, constante no boletim informativo do CEB: “*A segurança de tua vida está nos cravos de tuas botas*”. O valor atribuído aos produtos ou aos serviços de reformas, sejam estes, valores econômicos ou simbólicos para os produtos de escalada, transcendem a tecnologia e o custo de produção. A estes é atribuído um valor simbólico advindo da vida daqueles que os utilizam, pois qual seria o preço de um equipamento que garante a sua vida?

³² “*Esporte em que se efetuam grandes marchas a pé*”. (XIMENES, 2000, p.709).

MONTANHISTA PROCURA HOJE MESMO
KURT KLAUSNER

RUA DA GLORIA, 10.

PHONE 22-8973

A segurança de tua vida
 está nos cravos de tuas botas

Variado sortimento de pregos,
 collocados por profissionaes
 competentes



082 – Anúncio de reformas em botas cardadas veiculados em informativos do CEB de 1937

Figura 3: Anúncio de prestação de serviço vinculado no boletim informativo do CEB.

Fonte: LUCENA, 2006, p.31

Assim, para o mercado justifica incrementar o preço dos produtos e ou serviços, pois neles está implícito um valor simbólico da vida de quem o consome. Isto em certa medida restringiu e ainda hoje restringe o acesso dos diversos segmentos da sociedade à prática da escalada, o que reconheço como uma barreira para o lazer daqueles que gostariam de praticá-la, mas se vêem impedidos pelos custos.

Como havia dito acima, existem propriedades de um campo que estão associadas a outros, logo tecnologia e mercado são propriedades de intercessão de diversos campos. Ainda na década de 40 o campo da publicidade inicia a exploração das sensações provocadas pela experiência de escalar, buscando associá-las a imagens de produtos que buscam ampliar seus nichos de mercado. O Boletim abaixo traz inúmeros elementos constituintes de um *habitus* que vem se formando, e nele o montanhismo/escalada aparece como esporte, como meio para obtenção de saúde, emoção e o emprego de técnicas para se garantir a segurança, assim como o produto anunciado.

Sport
factor de SAÚDE

MONTANHISMO

O rebordo das solas deve ser bem estreito, para maior firmeza.

Posição correcta das mãos para agarrar-se a um rebordo e para apoiar-se.

Passagem da corda dupla pelo corpo, numa descida.

Subindo por uma fenda estreita: uma perna inserida, outra livre.

LAÇOS

Subindo aos ombros de um companheiro. As mãos já apoiadas no rebordo.

Laço para a guia e o ultimo escalador.

Nó corredio para escalador intermediario.

Laçada para unir duas cordas.

Subindo por uma "chaminé". Corpo apoiado nas duas paredes, no dorso e nos pés.

Subindo uma aresta: acção dos joelhos e pegada divergente das mãos.

Modo de galgar um espigão.

Fenda estreita. Posição de mãos e pés.

Gillette
Caixa Postal 1797 - Rio de Janeiro

IA-407

008 - Propaganda veiculada nos boletins dos clubes no início dos anos 1940

Figura 4: Anúncio publicitário das lâminas Gillette fazendo analogia entre a segurança na escalada e a segurança no barbear.

Fonte: LUCENA, 2006, p.245.

O anúncio ainda vincula a imagem do corpo e vestimenta do que deve ser ou é de um escalador e trás também informações técnicas pertinentes ao movimento de especialização e racionalização comuns ao campo esportivo, no caso específico do folheto sobre a escalada. Acrescento aos comentários anteriores acerca do anúncio, mais uma significativa contribuição aos meus argumentos acerca da conquista do *Mont Blanc* como marco do que viria a se constituir como o subcampo esportivo da escalada, como está escrito no próprio anúncio das lâminas Gillette.

Retomando as ocorrências históricas deste período referentes à constituição do subcampo, a disseminação dos clubes excursionistas e em especial do Centro Excursionista Rio de Janeiro – CERJ,³³ está entre um dos mais importantes fatos, por se tratar de um movimento dissidente do CEB. Sua origem foi marcada pelas disputas de poder entre associados novatos e membros veteranos da diretoria. Como é de se esperar um *“campo vive o conflito entre agentes que o dominam e os demais, isto é, entre os agentes que monopolizam o capital específico do campo, pela via da violência simbólica (autoridade) contra os agentes com pretensão à dominação.”* (BOURDIEU, 2003, p. 120)

Observemos abaixo a passagem da ata da reunião do dia 16 de dezembro de 1938 quando:

O sr. Presidente informa que recebeu do S.r Oscar Azambuja Faustino participação de que está organizando um novo clube mas que não o fez dentro do Centro ou, por outra, não aliciou elementos dentro do centro, e nem fora. O sr. Ford acha que a diretoria deve tomar imediatas providências contra os sócios que já se acham ligados ao novo clube. O Sr. Blume pede a palavra e contesta o Sr. Ford dizendo que o centro só terá a ganhar com a retirada destes sócios porque são elementos que não nos podem interessar. (LUCENA, 2006, p.157)

Acredito que esta dissidência esteja entre uma das mais significativas para o subcampo da escalada, pois ela inaugura uma era de disputas formalizadas e institucionalizadas entre e inter grupos. Alguns tentam capitalizar seus capitais sociais buscando a manutenção legítima em seus postos de poder, outros tentam acumular capitais culturais se distinguindo através da aquisição de novas técnicas, equipamentos e da realização de façanhas, assim tornando-se dignos dos postos de poder, pois,

[...] sabemos que em qualquer campo descobriremos uma luta, cujas formas específicas terão de ser investigadas em cada caso, entre o novo que entra e tenta arrombar os ferrolhos do direito de entrar e o dominante que tenta defender o monopólio e excluir a concorrência. (BOURDIEU, 2003, p.119-120)

³³ O CERJ nasce com o nome de “Clube Brasileiro Excursionista”, sofreu alteração após interferência do Conselho Nacional de Desportos.

Este movimento constante de lutas presentes no interior dos campos, nada mais é que processos de incorporação de um *habitus* gerador pelos agentes e seus grupos, pois este pode variar no tempo e no espaço. (BOURDIEU, 1990, p.22) Na constituição do subcampo esportivo da escalada, constantes transformações ocorreram e ainda hoje ocorrem formando seu *habitus* estabelecido e sustentado por quem dele se beneficia. No entanto ao longo da história deste campo penso não ter prevalecido a 'boa vontade cultural', mas sim as atitudes 'heréticas' que estão presentes em toda essa trajetória de constituição do subcampo.

4.4. Novos tempos, novos lugares, velhas 'práticas'

Tais lutas, inter e entre grupos foram e são alimentadas pela constante busca de distinção a qual os escaladores incessantemente buscaram e ainda hoje buscam, através da superação dos feitos dos outros e dos seus próprios feitos. Muitas gerações de escaladores e agremiações ostentam a insígnia dos feitos históricos para o desenvolvimento da escalada como esporte.

Alguns autores atribuem a um único período e a uma geração específica o marco da esportivização da escalada no Brasil, como se houvessem ocorrido processos de ruptura entre o que era e o que passou a ser. Entre os que defendem esta posição estão Weid (2006) e Dias (2007). Estes autores apontam para o Clube Excursionista Carioca – CEC e a geração de Ricardo Menescal tal responsabilidade.

A meu ver, esta posição de Weid e Dias está equivocada, pois entendo que estas transformações não ocorreram isoladamente ou de forma abrupta e inesperada promovendo uma ruptura, mas sim como parte do *continuum* da história de formação deste subcampo, pois,

Todo agente, indivíduo ou grupo, para subsistir socialmente, deve participar de um jogo que lhe impõe sacrifícios. Neste jogo, alguns de nós nos cremos livres, outros, determinados. Mas, para Bourdieu, não somos nem uma coisa nem outra. Somos o produto de estruturas profundas. Temos, inscritos em nós, os princípios geradores e organizadores das nossas práticas e representações, das nossas ações e pensamentos. Por este motivo Bourdieu não trabalha com o conceito de sujeito. Prefere o de agente. Os indivíduos são agentes à medida que atuam e que sabem(−) que são

dotados de um senso prático, um sistema adquirido de preferências, de classificações, de percepção. (THIRY-CHERQUES, 2006, p.34)

Neste sentido persisto na contestação da afirmativa que atribui a um único grupo de agentes em um dado tempo e espaço a autoria do subcampo esportivo da escalada. Não foram poucos estes agentes, excursionistas, montanhistas, escaladores e seus respectivos grupos, que através de suas ações criaram fatos produzindo estas 'estruturas profundas' ao longo do século XX. Inúmeras conquistas marcaram a história do CEB desde sua fundação.

A conquista da Agulha do Diabo na Serra dos Órgãos em Petrópolis – RJ, pela geração de Giuseppe Toselly na década de 40, foi uma das principais marcas do CEB. No final da década de 30 e início da década de 40, com a fundação do CERJ, surge a primeira escola de guias do Brasil e toda a geração de Silvio Mendes. Este, considerado um dos maiores de todos os tempos, ousado e autodidata, criou técnicas e equipamentos, entre eles os famosos grampos 'pé de galinha' cravados até hoje em algumas vias do Rio de Janeiro e Espírito Santo. (Lucena 2006, p.213) Posteriormente vieram as contribuições do Clube Excursionista Carioca – CEC e sucessivamente as gerações de Salomith Fernandes, Ricardo Menescal e Tadeuzs Hollup.

Nesta perspectiva corroboro com Waldecy Mathias Lucena que ao retratar as gerações de escaladores dos primórdios da escalada carioca até os anos 40 diz:

Como é comum no montanhismo, uma geração de escaladores dura em torno de uma década. E com esta não foi diferente. Aos poucos, os integrantes desta geração vão saindo do cenário e abrindo espaço para novas gerações. Suas marcas, entretanto, gravadas nas "montanhas impossíveis" através de suas conquistas, jamais serão apagadas. (...) A era da consolidação se estenderia pelos anos 1950. Com a conquista do Paredão Escola, na Urca, em 1955, e da Baden Powell, no morro Dois Irmãos, em 1960, percebe-se uma mudança na forma de se conquistar e escalar uma montanha. Nascia, assim, o "Rochedismo", em que o prazer está no próprio ato de escalar e não apenas de se chegar ao cume. O Paredão Escola foi a primeira via no complexo da Urca onde guia e participante escalavam e não se fazia cume. Já o Paredão Baden Powell foi a primeira via conquistada inteiramente por escalada, sem uso de troncos. Com o Rochedismo nascia a Era Moderna da escalada no Brasil. A hegemonia técnica passa a ser disputada entre o CERJ, já com uma nova geração de escaladores, comandada por Pellegrini, e o CEC. Essa "disputa" perdura por décadas, findando apenas nos anos 1970, juntamente com o declínio técnico dos clubes.

Este declínio técnico dos clubes salientado pelo autor nos anos setenta não corresponde em uma relação objetiva com um declínio técnico da escalada. Pelo contrário, esta galgava cada vez mais avanços, e a figura dos clubes cede espaço a uma nova forma de organização, independente e desburocratizada. Sem o crivo dos regulamentos institucionais, os grupos expandem as fronteiras da escalada. Chegam o magnésio³⁴, as cordas de náilon, os mosquetões³⁵ de duralumínio e o *baudrier*³⁶, as botas com solados de borracha cozida substituem os ‘Kichutes’ e os ‘Congas’ e os primeiros equipamentos de escalada móvel, os ‘Nut’s’³⁷, desembarcam no país. (DAFLON, C. e DAFLON, F. 2007, p. 30-31)

No final da década de 60 o morro da Urca no Rio de Janeiro contava com nove vias de escalada; dez anos depois eram quase cinquenta e na década de oitenta chegavam a cem vias só na Urca. Com a facilidade crescente de acesso tanto às áreas de escalada quanto aos equipamentos, a dependência dos escaladores aos clubes sucumbe. (DAFLON, C. e DAFLON, F. 2007, p. 30-33) Pois, *“o fato de viver em constante tensão tem levado à ‘rebelião dos valores estabelecidos’ por meio de atitudes ditas ‘politeístas’, isto é, viver, ‘em uma harmonia conflituosa, a sinergia de valores totalmente opostos’”*. (MAFFESOLI, 1987, p.121)

Por isso inaugura-se no subcampo esportivo da escala, tal como ocorreu em outros campos e subcampos, o que Maffesoli chamou de ‘socialidade eletiva’, onde os processos de atração e repulsão se fazem por escolhas. No entanto, se este autor considera que estas ligações serão promovidas menos pelo objetivo que se deseja atingir em detrimento do desejo de se estar junto (MAFFESOLI, 1987, p.121), sendo estas escolhas altamente racionalizadas, entendo ser necessário relativizar este determinismo fenomenológico.

Logo, retomo a perspectiva praxiológica deste trabalho, pois entendo que estes agrupamentos podem ser fluídos, por vezes efêmeros, mas também podem através de vínculos de afinidade se transformar em ‘instituições’ não institucionalizadas e até mesmo em verdadeiros ‘guetos’. Esta socialidade eletiva, a

³⁴ O mesmo que carbonato de magnésio, utilizado para absorver o suor (úmida) das mãos.

³⁵ Anel metálico em forma de ‘D’ ou ‘O’. Um dos lados possui um segmento móvel, o gatilho, que se abre para permitir a passagem da corda.

³⁶ Sinônimo de cadeirinha, dispositivo feito com fitas que prende o escalador pelas coxas e pela cintura. É na cadeirinha que é presa a corda de segurança.

³⁷ Equipamento de escalada móvel. Pode ser retirado ao término da escalada, Entalador em forma de cunha.

meu ver e pelas falas dos entrevistados, pode ocorrer pelo desejo de estar simplesmente junto a alguém ou a um grupo pelos vínculos de afetividade,

a gente tem uma comunidade grande, tem um número grande de pessoas que circulam na escalada, e a gente tem acesso de conhecer pessoas que escalam os mais diversos tipos de escaladas, diversos graus de escaladas, mas a gente sempre escolhe algumas pessoas e tem o hábito de estar com elas. Isso também ocorre com você ou não? (...) Vai mais pela amizade, eu sou fã desse pessoal. (...) Acaba que é fascínio mesmo, a amizade se fortaleceu, veio com o tempo. É estranho isso, mas isso também é um fator, nós sempre viajamos juntos, acaba que não tem como dividir esse grupo. (King k.)

Mas também para a realização de um objetivo, seja ele comum ao grupo ou ao indivíduo que se submete a uma violência simbólica por ser necessária ao estabelecimento dos vínculos afetivos para alcançar os objetivos,

[...], ser *brother*, ser companheiro, ser compreensivo principalmente. Porque quando você está escalando o crux de uma parede, uma coisa assim, a pessoa tem que ser muito amiga, porque tem muita desavença, muito conflito de idéias, então tem que ser uma pessoa seu *brother* mesmo, companheiro, que te entenda, compreensivo com as coisas. (...) Está preso ali na parede durante a escalada, na hora que descer somos irmãos, o que tiver que ser resolvido, se resolve ali e depois continua numa boa. Acho que tem que ser assim. (AF)

Na década de 80 alguns agrupamentos foram delineando novos traços do *habitus* no subcampo, e não mais institucionalizados como clubes, acabaram realizando ações autônomas importantíssimas. Um articulador importante deste período certamente foi o escalador André Ilha. Alguns destes feitos penetraram no *habitus* da comunidade escaladora carioca irradiando por todo Brasil, sobretudo na comunidade escaladora de Minas Gerais, que o recebeu de “herança” como veremos à frente.

Antes de chegar a Minas, André Ilha, juntamente com Marcelo Ramos e Marcelo Braga, esteve determinantemente envolvido na descoberta, abertura e divulgação da Parede dos Ácidos no RJ. No documentário ‘Cariocando’ eles relatam este fato transcrito abaixo:

Em 82 eu vim com um amigo nosso, Fabio Xará, pra conquistar uma fenda que tem logo abaixo da ‘Nosferatus’ e pra chegar nesta fenda nós percorremos a base desta parede toda, eu olhei pra cima e falei: caramba que vias espetaculares que dão aqui, umas vias negativas

atléticas com agarras grandes. Contamos pra todo mundo que tinha uma parede cheia de possibilidades e a galera veio toda e começaram a surgir novas vias todas mantendo a brincadeira com nome de ácidos e assim ficou a parede dos ácidos.

Sobre a passagem acima é importante esclarecer que o nome Parede dos Ácidos esta relacionada à conquistada da primeira via, chamada de Ácido Lático e posteriormente como o próprio André diz, permaneceu a brincadeira e várias outras vias foram abertas com nomes sugestivos de outros ácidos. A via Ácido Lático está relacionada ao esforço físico necessário para se fazer a via, na época considerada a via de grau mais alto, um 7ºa E3³⁸,

tinha uma resistência das pessoas mais conservadoras que diziam que o grau só podia ir até 6º, no máximo com exceção 6º Sup., não se admitia um 7º grau, se disse que abriu uma via de 7º o pessoal dizia ser impossível, não existe tão querendo inventar. Essa foi uma época de grandes evoluções técnicas, (...) foi como se um portão tivesse sido escancarado, pois surgiram lances que hoje são 7ºA, 7ºB, 7ºC.. aos montes.

Ainda no documentário ‘Cariocando’, Marcelo Ramos sugere, com concordância de André ilha, que a Parede dos Ácidos *“foi o protótipo da escalada esportiva no Brasil, foi o embrião da história toda”*. Marcelo Braga toma a palavra e relembra que, *“aqui várias vezes a gente subia com segurança de corpo, volta e meia aparecia alguém queimado, com queimadão aqui debaixo do braço e ai a gente sabia que alguém tinha caído e o cara tinha segurado.”*

Fosse pela escassez de equipamentos ou por resquícios das técnicas remotas, ‘dar segurança de corpo’ a que ele se refere é passar a corda pelas costas na altura da cintura. Em caso de queda o peso do escalador em queda-livre provoca a fricção da corda no corpo parando nas axilas e invariavelmente queimando o

³⁸ Estes números e letras correspondem a graduação de dificuldade das vias de escalada. Naquela época era uma via de graduação de dificuldade alta, hoje certamente pelo desenvolvimento técnico e físico dos escaladores seria uma via de dificuldade média. São muitos os aspectos considerados sobre a graduação de vias em qualquer lugar do mundo, isto provoca constantes discussões sobre o assunto. A graduação brasileira teve sua origem na graduação da União Internacional das Associações de Alpinismo – UIAA, e foi através dos anos sendo adaptada pelos escaladores até atingir sua forma de graduação atual. Em 1999, ela foi rediscutida no 1º Seminário de Sistemas de Graduação, que aconteceu no Rio de Janeiro. O grau da via deve ser visto como uma referência, nunca como uma verdade absoluta. O grau das vias segue divisões em números romanos inteiros de I a VI, com subdivisões empregando o termo ‘sup’, a partir do VII grau passa a existir três subdivisões (ex.: VIIa, VIIb e VIIc) assim sucessivamente. (DAFLON, C. e DAFLON, F. 2007, p. 273-279) Também são encontradas em livros e manuais graduações empregando algarismos arábicos.

escalador. Isto se tornou freqüente, pois se inauguravam cada dia mais vias com lances difíceis, quase surreais para a época, o que aumentava a incidência destes pequenos acidentes, como relata Marcelo Braga.

Nestes 'novos tempos', 'novos lugares' se multiplicavam, Antônio Paulo retoma a história do campo escola 2000, que recebe este nome no início dos anos oitenta. Escaladores que caminhavam pela Floresta da Tijuca passavam pela falésia e diziam que talvez por volta do ano 2000, vias pudessem ser abertas ali e ela se tornaria um campo escola. Ledo engano, treze anos antes em 1987 Marcelo Ramos abriu a 1º via do campo escola 2000 e deu o nome de Pedrita (VIIIa). Isto porque era utilizado um pequeno arbusto por onde foram fixados os grampos e este mesmo arbusto era utilizado para armar o *top hope* onde era passada a corda antes da ascensão, protegendo o escalador. (FARIA, 2006, p.108)

Pouco depois 'inovou' fixando agarras artificiais em uma linha que se tornaria uma das vias mais difíceis do Brasil e sabendo que isso provocaria um falatório, colocou o nome da via de 'História Sem Fim'. Anos depois ao serem gradativamente vencidos os lances, as agarras foram retiradas, após uma votação entre os escaladores. Inúmeras histórias deste período sobre a forma de superação dos obstáculos da natureza nos remetem a velhas práticas utilizadas pelas gerações anteriores, não menos criativas, polêmicas e, em certa medida, degradantes para novos tempos. Nas palavras de Antônio Paulo, prevaleceu à ética. (FARIA, 2006, p.108)

É interessante verificar que em certa medida estas estratégias utilizadas para abrir vias e superar desafios naturais, a abertura de vias em falésias, inclusive de cima pra baixo, bem protegidas por uma infinidade de grampos, foram criadas pela própria geração que endossou o 'Manifesto da Escalada Limpa'³⁹.

Este contexto, quase naturalmente provocou o surgimento de modalidades de escalada, jogos ou estilos de escalada como alguns preferem dizer. A escalada Esportiva desenvolveu, em todos os cantos possíveis da cidade do Rio de Janeiro, vias com grande exigência técnica e física e com seus lances bem protegidos. Se

³⁹ O 'Manifesto da Escalada Natural' foi um importante documento produzido e assinado por André Ilha e endossado por um grupo de escaladores que propunham uma forma diferente de pensar a escalada na década de 80.

não fosse possível ir para os campos escola nas falésias, praticava-se o *boulder*⁴⁰ nos blocos espalhados pela cidade, inclusive a beira mar, e se o tempo não permitisse ir para a rocha, multiplicavam as possibilidades de escalada em ambiente artificial em academias *in-door* ou muros. (MARINHO, A., 2001, p.30)

Cada um destes acontecimentos vivenciados na constituição do subcampo esportivo da escalada carioca, posteriormente se apresentaria como parte constituinte do *habitus* da escalada mineira e em especial de Belo Horizonte.

Inovações técnicas, equipamentos, estilos de escalada entre os bens culturais produzido no interior deste subcampo foram transferidos, apreendidos e em certa medida modificados pela comunidade de escaladores mineiros, sem que seus agentes tivessem consciência destes fatos históricos e o porquê das suas respostas práticas aos estímulos cotidianos no âmbito da escalada. A seguir apresento o movimento ‘Maxima Eliminação dos Pontos de Apoio’ – MEPA, buscando ‘encerrar’ este aglomerado de aspectos constituintes do *habitus* da escalada carioca, que chegaria a Belo Horizonte e região como parte constituinte do alicerce desta atividade.

4.5. A geração MEPA

Toda uma geração havia se constituído sobre os alicerces da escalada limpa ou natura. Esta geração de escaladores se encontrava empoderada pelo capital cultural acumulado pelos seus feitos, pelos seus equipamentos, por suas técnicas. Percorreram o caminho dos seus antecessores, mas abriram mão de algumas de suas ‘técnicas’ e ‘ferramentas’ ora ultrapassadas, rebaixando o limiar do intransponível e elevando seus próprios limites, algo outrora inconcebível.

Assim, estavam prontos para dar o golpe final e ‘decapitar o rei’ tomando de assalto o poder ‘absoluto’ do subcampo esportivo da escalada. Este passo pelo acaso do destino ou pela inconsciência por vezes comum a quem exerce a violência simbólica, foi dado em 1983 durante o ‘I Encontro Brasileiro de Montanhismo’ na

⁴⁰ Bloco de pedra com alguns poucos metros de altura. Modalidade de escalada praticada sem corda e sempre próximo ao chão.

sede do Parque Nacional da Serra dos Órgãos em Teresópolis / RJ, onde 60 anos antes aconteceu a primeira ascensão do Dedo de Deus.

Durante o encontro André Ilha leu o texto de sua autoria 'Manifesto da Escalada Limpa', que posteriormente foi distribuído juntamente com o texto 'Pontos de Apoio' – MEPA⁴¹; este último cunha na escalada nacional a expressão 'Máxima Eliminação de Pontos de Apoio' (DAFLON, C. & DAFLON, 2007, p.33) Estes textos tiveram tamanha influência na escalada nacional que foram e ainda hoje são publicados em revistas, boletins de clubes e sites especializados. Entre os entrevistados deste estudo todos assinalaram ter conhecimento destes textos e vários inclusive já haviam lido.

Como foi dito anteriormente, é comum que diante da imposição violenta para aceitação de determinados capitais, os agentes subversivos, no caso uma geração de escaladores tidos como 'conservadores', relutavam em deixar de se agarrar no que fosse necessário para atingir o cume das montanhas ou das vias. Buscando resistir e manter suas posições de poder, este grupo optou contestar através do emprego do humor, pelo sarcasmo. Segundo um dos entrevistados, foi neste contexto que surgiu o 'Máxima Utilização de Pontos de Apoio' instituído como MUPA.

MUPA ("Máxima Utilização de Pontos de Apoio") era uma brincadeira com a MEPA, por quem envergonhadamente não havia passado em livre em um lance qualquer e dizia que escalava com a MUPA, e que "o grampo é a melhor agarra". Mas isso era realmente apenas uma brincadeira, não um "movimento" contrário a nada. (A.I.)

Algumas críticas feitas ao MEPA e ao estilo de escalada limpa que ele preconiza estão presentes no documento lido no encontro. Nele André Ilha rebate as críticas dos opositores com argumentos consistentes e engajados, apresentando na sutileza das entrelinhas uma tendência ao desenvolvimentista sustentável na escalada. O documento defende o crescimento do esporte, mas não se afasta da pauta mundial acerca do meio ambiente; sinaliza que este vem sofrendo grandes prejuízos, por isso a escalada deveria caminhar em consonância com a preservação ambiental.

⁴¹ Estes textos encontram-se na íntegra nos anexos devido à riqueza dos argumentos pertinentes à compreensão deste estudo e de outros que porventura vierem a ser feitos.

Para salvar o esporte, enquanto esporte, de uma estagnação total, impunha-se que a comunidade local de escaladores resolvesse, voluntariamente, limitar os meios empregados em conquistas e ascensões subseqüentes. Tal atitude era inclusive urgente, pois o Rio de Janeiro e seus arredores já haviam sido severamente castigados com milhares de grampos absolutamente desnecessários. Estes desfiguram por completo o caráter natural das paredes rochosas e constituem-se, em termos ecológicos, em uma forma de poluição estética tão indesejável quanto o lixo que por vezes vemos espalhado ao longo de trilhas, acampamentos e mesmo amontoado na base de certas escaladas. (ILHA, 2003, p.2)

Entre os entrevistados da pesquisa, vários relatos caminharam no mesmo sentido, desenvolver a escalada, mas com o mínimo de impacto respeitando os limites que a natureza nos apresenta, buscando estar em sintonia.

(...) respeito com o ambiente, tanto respeito no sentido de saber preservar, saber como o respeito mesmo de saber que você tem que pedir permissão para estar ali naquele lugar presente. Porque às vezes o próprio tempo não vai colaborar com aquela experiência e saber a hora de voltar, a hora de descer, a hora de parar e ficar no lugar, não avançar, esse próprio respeito, acho que é uma questão que você tem que buscar. (ALG)

Tal como no Rio de Janeiro, Minas Gerais e em especial a região metropolitana de Belo Horizonte, apresentou um crescimento descomunal. O crescimento da escalada como esporte provocou uma pressão para abertura de novas áreas e abertura de novas vias nas áreas antigas. Duas importantes áreas de escalada da região metropolitana de Belo Horizonte foram fechadas, Baú localizado em Pedro Leopoldo, MG, e a Lapinha em Lagoa Santa, MG. Se não fosse a mobilização dos escaladores, entidades e a sensibilidade dos gestores do IBAMA o Grupo III no Morro da Pedreira na Serra do Cipó, MG, teria sido fechado. Entre os argumentos está a necessidade de saber quais impactos esta prática provoca na natureza, opinião compartilhada por alguns entrevistados, mas de forma ponderada.

Acho que o fechamento foi necessário para que as atitudes que eu já achava necessárias fossem tomadas. Eu entendo que a alegação é que não se sabia o impacto da escalada, que a escalada gerava impacto, que a escalada fazia sujeira, detonava a fauna, que causava alterações no maciço rochoso, todas elas são verdadeiras, mas antes do fechamento a gente propôs aos órgãos gestores, modelos que a gente tentasse entender isso melhor. Então eles decidiram optar pelo fechamento e tenho bem claro que os principais problemas causados na Gruta da Lapinha no Baú, não foram

causados por escaladores, mas eu entendo também que os escaladores justamente por esse aumento, essa pressão da escalada sobre o ambiente natural onde a gente escala, deveriam começar a tomar algumas posturas mais claras de como seria nossa interferência no meio ambiente. (Krakauer)

No entanto é difícil ou mesmo impossível dizer que esta tendência seja fruto do MEPA, afinal nas últimas três décadas “preservar a natureza” tem estado na pauta mundial. Não resta dúvida que o documento inaugura oficialmente esta lógica no âmbito da escalada brasileira.

Mais que isso, outros argumentos como aspectos técnicos, acessibilidade à tecnologia (equipamentos) e a destreza do escalador têm significativa ênfase no documento. O autor rechaça qualquer iniciativa que não esteja em consonância com esta nova tendência. Embora o documento seja construído a partir de escolhas próprias compartilhadas por seus pares, seus argumentos são extremamente fortes, sobretudo porque ele denuncia estarem atualmente disponível para a toda a comunidade escaladora, novas técnicas e tecnologias.

Novas técnicas foram então criadas e introduzidas em nosso meio, e o equipamento à disposição do escalador foi de tal forma aperfeiçoado que muito cedo chegou-se ao ponto em que, literalmente, qualquer via poderia ser conquistada, mesmo por cordadas sem o menor preparo para tal, através de artificiais fixos. A habilidade cedia lugar à diligência, a criatividade à repetição, a coragem à tecnologia, e a vitória final sobre a escalada tornava-se, assim, um fato inevitável. (...) ao longo do tempo foram surgindo escaladores para os quais subir simplesmente uma parede passou a representar muito pouco, e que viam escaladas não como um mero itinerário na rocha, mas como uma íntima união deste com o estilo empregado durante a sua conquista e mesmo em ascensões posteriores. Para eles, grampos eram apenas o último (e não o único) recurso a ser usado, e as escaladas deveriam ser tentadas o mais em livre possível, ou seja, sem se utilizar dos artefatos de segurança para apoio e progressão, devolvendo-lhes o seu caráter original de proteção no caso de uma eventual queda. Se uma escalada lhes parecesse acima de suas capacidades, treinavam para fazê-la corretamente ou então desistiam da empreitada, respeitando os limites impostos pela montanha. (ILHA, 2003, p.1-2)

Sobre os argumentos do autor seria pertinente questionar a quem estava disponível estas informações técnicas e estas novas tecnologias? Pois, a publicação e divulgação dos textos subsidiários da escalada limpa é datada em período onde celular, internet e cartão de crédito não faziam parte do cotidiano do brasileiro.

As primeiras publicações de guias, revistas e livros nacionais acerca da escalada foram posteriores ao desencadeamento das diretrizes do MEPA, que em suma ocorreram através da informalidade, sobretudo pela oralidade. (DAFLON, & DAFLON, 2007, p.48-50)

Os equipamentos de escalada móvel ainda hoje com toda a expansão do esporte não estão acessíveis às massas escaladoras, seja pelo custo ou pela dificuldade técnica do manuseio, pois um pequeno erro na manipulação destas peças pode provocar um acidente fatal. Isto é efetivamente uma grande barreira para o uso destes equipamentos. Neste sentido, entre outros argumentos apresentados acima para a prática da escalada limpa, a busca de distinção através da ampliação dos elementos inesperados, presentes na aventura pode ter tido papel importante na formulação deste documento e na busca de consolidação dos gostos constituintes deste *habitus* que se reformulava.

A luta para conquistar qualidades singulares além de numerosas. (...) é tentar fugir, brincando com algo que a maioria das pessoas sempre procurou preservar: a vida – ou seja, arriscar a própria vida. Quanto mais o mundo se torna racionalizado e os lugares selvagens se tornam civilizados e transformados em jardins cultivados, mais aumentam as apostas. Se os membros das classes mais baixas agora podem escalar ou embarcar em trens panorâmicos até o topo das montanhas locais, então os que buscam distinção precisam participar de passatempos mais excitantes e perigosos para se sobressair. (FEATHERSTONE, 2000, p.50)

Como todo processo de transição, este foi marcado por processos de distinção muito evidentes. A escalada limpa preconiza a utilização de novas técnicas, novos equipamentos e novas tecnologias. Não se trata de toda e qualquer tecnologia, mas aquela produzida no interior do campo ou fora dele, mas que vem ser apropriado por ele. Um bem para ser colocado e usado no jogo, nas paradas do jogo, dentro das regras deste jogo, ou seja, no certo e no errado, no lícito e no ilícito e, desta nova forma, de escalar, sobretudo esta que se inaugura pós acúmulo de capitais e transição de poder. Featherstone (2000) auxilia-nos nesta compreensão,

Avanços tecnológicos são permitidos somente dentro das regras do jogo. O prestígio é dado àqueles que triunfam com recursos corporais e forças de vontade como, por exemplo, subir o Everest sem garrafas de oxigênio. Escalar como esporte, da mesma forma

que caminhar, está limitado à locomoção humana. Velejar, apesar de estar mais distante do uso do poder muscular direto, como no caso de remar, depende da força do vento. Ambos os esportes recusam-se a permitir dispositivos tecnológicos motorizados. (p.53)

Não resta dúvida que a tendência pela escalada limpa enquanto um estilo de escalar, assim como por outras que a precederam e sucederam, ocorreram e ocorrem por princípios de escolhas entendidas como gosto.

Para que haja gostos, é necessário que haja bens classificados de “bom” ou de “mau” gosto, “distintos” ou “vulgares”, classificados e no mesmo lance classificatórios, hierarquizados e hierarquizantes, e pessoas dotadas de princípios de classificações de gostos, permitindo-lhes determinar entre esses bens aqueles que lhes convêm, os que são “a seu gosto”. (BOURDIEU, 2003, p.169)

O manifesto encerra justamente apontando para estas escolhas que deveriam ser feitas pelos escaladores e caso se optassem pelo caminho do ‘bom gosto’, digo da escalada limpa, o Brasil ocuparia em breve um lugar de destaque na escalada em rocha.

Cabe então a cada um, com base nesses fatos que saltam aos olhos de quem quiser vê-los, escolher o seu caminho. Pode ser o caminho fácil que conduz ao passado, o da despreocupação com estilo e com a integridade física e estética da rocha, onde qualquer dificuldade pode ser imediatamente substituída por um grampo; ou pode ser o caminho muito mais árduo e exigente da escalada natural, onde dedicação – por vezes obstinação – e firmeza de propósitos são requisitos indispensáveis. Um caminho onde insucessos são mais freqüentes, mas que por outro lado, e por este mesmo motivo, as recompensas interiores de uma vitória são incomparavelmente maiores, já que derivam de um encontro justo com a montanha. Se esse rumo for o escolhido por todos, então poderemos afirmar com segurança que a escalada em rocha no Brasil irá ocupar, em breve, o lugar de destaque que merece, tanto dentro quanto fora de nossas fronteiras. (LIHA, 2003, p.6)

Desde a conquista do Dedo de Deus até que a primeira via de escalada fosse aberta na Serra do Cipó, se passaram setenta e quatro anos de lutas, produção, consumo e distribuições de bens culturais próprios deste subcampo esportivo que se constituíra. Muito ‘boa vontade cultural’ e movimentos ‘heréticos’ ocorreram perpetuando e transformando o *habitus* que outrora desembarcaria em Belo

Horizonte carregando sua *doxa*⁴², seu *nomos*, ou seja suas leis gerais invariáveis que o governam e sua *illusio* que “é o encantamento do microcosmo vivido como evidente, o produto não-consciente da adesão à doxa do campo, da cristalização de seus valores (...)”.(THYRY-CHERQUES, 2006, p.37-38)

Não se trata de dizer que o *habitus* da escalada carioca seja invariavelmente o mesmo da escalada mineira, afinal o *habitus* estabelece uma relação direto com o tempo e o espaço, mas com certeza os elementos bibliográficos e empíricos levantados possibilitaram univocamente atribuir uma relação estreita entre elas. Há uma *doxa* comum a elas regida por um *nomos* muito semelhante, comum a este subcampo, pois:

Sempre que se institui um destes universos relativamente autônomos, campo artístico, campo científico ou esta ou aquela das suas especificações o processo histórico aí instaurado desempenha o mesmo papel de abstrator de quinta-essência. Onde a análise da história do campo ser, em si mesma a única forma legítima da análise de essência. (BOURDIEU, 2007, p.71)

A seguir abordarei este ‘desembarque’ do *habitus* em Belo Horizonte associando-o a certas falas dos escaladores pesquisados, demonstrando traços deste *habitus*, semelhanças e eventuais diferenças entre o *habitus* dos escaladores cariocas e o dos escaladores mineiros. O que era e o que veio a ser.

4.6. Nas montanhas de Minas

É necessário que antes mesmo que ocorra o ‘desembarque’, sejam recuperados brevemente alguns elementos que confirmam a existência de um movimento excursionista/montanhista em Minas e especificamente em Belo Horizonte, antes mesmo da “Era do Cipó”.

Em abril de 1961 foi criado o Centro Excursionista Belo Horizonte – CEBH, segundo Eustáquio Junior e Daniel Mariano voltado para a prática do excursionismo,

⁴² A doxa é a opinião por contraste com o saber ou discurso racional. [...] No uso que faz de doxa Pierre Bourdieu entende-a, sobretudo como o domínio do sentido imediato e não refletido que desconhece a sua própria gênese e razão de ser. (Nota do tradutor). A doxa é aquilo que todos os agentes estão de acordo, oposto ao cientificamente estabelecido e também crença (que inclui a suposição, a conjectura e a certeza). THYRY-CHERQUES, 2006, p.37.

proposta semelhante à longa tradição clubista carioca. Gradativamente este grupo se aproximou da escalada através de parcerias com o CERJ e com o Corpo de Bombeiros da capital. As atividades do grupo eram muito diversificadas, realizavam *raider's* BH x Retiro das Pedras, incursões espeleológicas, grandes rapeis, descidas de rios com caiaques e alguns conquistas de vias. (MELO JUNIOR & MARIANO, 1999, p.20-24)

Na década seguinte remanescentes do CEBH reúnem-se com estudantes do Instituto de Geociências - IGC da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG fundam o Centro Excursionista Mineiro – CEM, mas gradativamente, à medida que os estudantes iam se formando o grupo foi se desmembrando. Alguns membros permaneceram ativos e escalando, mas já na década de oitenta não se teve notícia de nenhuma atividade institucionalizada na capital. (MELO JUNIOR & MARIANO, 1999, p.24) Esta realidade foi e é comum aos clubes que não tem sede própria, isto pode ser constatado por todo o Brasil onde o fechamento de clubes segue quase em mesma proporção e velocidade de abertura, visto que a inexistência de um espaço/lugar, ou seja do 'pedaço' pertencente ao grupo dificulta o encontro e a articulação.

É fato a existência destes dois grupos e certamente as contribuições dos mesmos devem ser alvo de estudos históricos mais precisos. No entanto não foi possível apurar, através do levantamento bibliográfico e empírico, contribuições que tenham sido determinantes na constituição de um subcampo esportivo na capital mineira, assim como viria a ocorrer com a abertura da área de escalada anos depois no Cipó.

Destes grupos não há indícios da formação de gerações de escaladores ou da criação de áreas de escalada que impactassem ao ponto de difundir o esporte; suas ações foram pontuais na mesma proporção que seus feitos.

São João Del Rey experimentou com a passagem de André Ilha e Antônio Carlos Magalhães "Tônico" em 1986 este desenvolvimento da escalada. Por lá foi criado o Clube Excursionista Lenheiro – CEL e a escalada natural foi amplamente difundida pelos dois escaladores cariocas e adeptos da cidade, entre eles civis e militares. A área era, e ainda é, utilizada para treinamento militar. Acredita-se que o primeiro 8º grau do país tenha sido aberto por lá. Como veremos a seguir, no final do mesmo ano depois de passar por São João Del Rey, estes desbravadores cariocas

chegariam a Belo Horizonte. André ilha (2002) atribui ao Morro da Pedreira e aos seus cinco grupos,

um substituto mais do que à altura da Serra do Lenheiro, primeiro centro de escalada móvel do país, mas onde as possibilidades de novas vias neste estilo já começavam a escassear, minha atenção se fixou exclusivamente nas suas incontáveis fendas e canaletas, sendo que eu participei da conquista de mais de 60 vias distribuídas pelos seus cinco grupos (descobrimos posteriormente um pequeno afloramento de mármore antes do Grupo 1, que foi batizado de “Grupo Meio”).⁴³

Este registro marca uma transição da Serra do Lenheiro para o Morro da Pedreira na Serra do Cipó, onde a primeira deixa de ostentar lugar de prestigiado no âmbito da escalada natural transferido as atenções para o Morro da Pedreira. Esta expansão de áreas de escalada ocorreu, sobretudo pelas características singulares do Morro da Pedreira.

4.6.1. Senhores passageiros com destino a Belo Horizonte ocupem seus lugares e boa viagem

Enfim o desembarque. A escalada chega a Belo Horizonte através de André Ilha e Tônico Magalhães, inserida em um novo contexto. O subcampo esportivo da escalada havia se constituído no Rio de Janeiro após setenta e quatro anos de produção de bens culturais, lutas e disputas de poder. A escalada natural, proveniente da filosofia do MEPA se difundia rapidamente pelo país carregando consigo os primeiros traços do que viria a ser a escalada esportiva.

Por isso, se fez necessário reescrever esta história, demonstrar onde repousa os alicerces do *habitus* da escalada mineira. Assim, o leitor não deixa de perceber que a constituição do subcampo esportivo da escalada mineira não é uma produção isolada no tempo e espaço. Na verdade ela é um produto de disputas, produção e re-significação dos seus bens culturais que estão diretamente relacionadas indissociavelmente com a história da escalada do Rio de Janeiro e do Brasil.

⁴³ ILHA, André. “A ‘Descoberta’ do Morro da Pedreira”. Revista Headwall nº 3, maio/junho de 2002. A fonte é do próprio autor por isso não consta as páginas correspondentes a publicação da revista. A versão mimeo segue em anexo.

Assim, estes escaladores cariocas e outros que os sucederam, trouxeram na 'bagagem' os capitais produzidos por décadas no interior do subcampo. É compreensível que as disputas de poder desembarcassem juntas, afinal se o Morro da Pedra se tornou a 'Meca' da escalada, sobretudo esportiva no Brasil (DAFLON & DAFLON, F. 2007, p. 41). Logo, alguém buscaria se estabelecer como 'deus' deste templo'.

Em certa medida era necessário se estabelecer como grupo (*establishment*) ou indivíduo (*established*) detentor de poder, a meu ver, à medida que estes escaladores agregavam novos adeptos e seus feitos produziam prestígio e poder, eles se constituíam como "establishment", ou seja:

um grupo que se auto percebe e que é reconhecido como uma "boa sociedade" mais poderosa e melhor, uma identidade social construída a partir de uma combinação singular de tradição, autoridade e influência: os established fundam o seu poder no fato de serem um modelo moral para os outros. (ELIAS, & SCOTSON, 2000, p.7)

É surpreendente a velocidade que este grupo composto por escaladores cariocas e mineiros se estabeleceu. Detentor de um amplo capital simbólico, acumularia ainda mais através dos seus feitos no Morro da Pedreira. Por isso é possível considerar que aos escaladores dissidentes do CEBH e CEM restaria a condição de '*outsiders*', ou seja, "*os não membros da 'boa sociedade', os que estão fora dela. Trata-se de um conjunto heterogêneo e difuso de pessoas unidas por laços sociais menos intensos do que aqueles que unem os establishment.*" (ELIAS & SCOTSON, 2000, p.7) Acredito, em parte, que o estabelecimento deste novo e empoderado grupo pode ter contribuído para o 'ocultamento' histórico dos montanhistas mineiros do CEBH e CEM, porém reafirmo aqui a necessidade de estudos mais precisos acerca deste período histórico e destas instituições.

4.6.2. O Morro da Pedreira

No trato das fontes bibliográficas e da pesquisa empírica a autoria da descoberta do Morro da Pedreira para a escalada, aparece no centro destas

disputas de poder entre André Ilha e Tônico, ambos entrevistados da pesquisa. Eles são reconhecidamente imprescindível para o surgimento e consolidação deste subcampo esportivo da escalada em Minas Gerais e possivelmente para instauração do *habitus* deste subcampo. Observemos a passagem do texto “A “Descoberta” do Morro da Pedreira” publicado na revista *Headwall* de circulação nacional onde André ilha relata este evento:

Novembro de 1986. Eu estava em Belo Horizonte, hospedado na casa de um amigo espeleólogo, o Marco Antônio Cardoso, que ficara de me mostrar algumas áreas naturais bonitas no entorno da capital mineira. No primeiro dia visitamos alguns interessantes pontões de Itabirito, na divisa dos municípios de Igarapé e Sobradinho, que hoje já não devem mais existir devido à fúria da Mineradora Rio Bravo, que já havia roído tudo ao seu redor. No segundo dia visitamos a Gruta da Morena, linda caverna calcária recém-descoberta em Cordisburgo, e no terceiro fui com o Tônico Magalhães, acompanhados por uma tropa de uns 20, escalar na Serra da Piedade, em Caeté, onde conquistamos o Pontão das Orquídeas, (...). O melhor, no entanto, ficara reservado para o último dia: a ainda pouco famosa Serra do Cipó, (...) Na véspera, porém, ele me levou a um barzinho na Savassi, (...) para me apresentar ao André Jack, um entusiasmado nativo daquela região, (...). Na manhã seguinte, com o tempo instável, partimos para o Cipó e, após passarmos pelo camping do Véu da Noiva, começamos a última etapa motorizada, a íngreme subida em direção a Conceição do Mato Dentro. Foi quando eu olhei para a esquerda e meus olhos quase pularam para fora de suas órbitas: lá estavam, pertinho da estrada, as paredes e os pontões do Morro da Pedreira, mais precisamente aqueles dos “Grupos” 1, 2 e 4! Eu fiquei muito agitado, e sugeri que déssemos meia-volta ali mesmo para explorar as óbvias canaletas (...). O problema é que tanto o Jack quanto o Marco Antônio, que ainda não eram escaladores, me prometeram paredes muito maiores e melhores no Travessão, e seria no mínimo uma descortesia de minha parte dizer que não queria seguir adiante. (...) ao chegar lá pude ver um cenário de grande beleza, mas pouco promissor para escaladas. (...) voltamos correndo – correndo mesmo! – para o carro, e às 17h30m, finalmente, estávamos encordados⁴⁴ na base de uma parede maravilhosa, com altura entre 50 e 60 metros, naquilo que viria a ser conhecido como Grupo 1. (ILHA, 2002)

Por sua vez Tônico divulga em seu site⁴⁵ pessoal que “é pioneiro e descobridor de inúmeros famosos centros de escalada do país, com destaque para: Morro da Pedreira (Serra do Cipó – MG), (...)”, através de entrevista por e-mail recebi o seguinte retorno dizendo:

⁴⁴ Estar preso com a cadeirinha devidamente amarrada, presa por um nó à corda.

⁴⁵ Endereço na Web do site pessoal de Antônio Carlos Magalhães: www.tonicomagalhaes.com.br .

Fui escalar na Serra do Cipó (que descobri para a escalada) com membros do NAE (Núcleo de atividades Espeleológicas), que ensinei a escalar para poder me acompanhar. Neste clube então iniciei as minhas atividades de escalada em BH, e, de certa forma, as atividades de escalada na cidade. (André Ilha)⁴⁶

Busquei confirmar e confrontar estas informações através da pesquisa. Em seu site pessoal Tónico disponibiliza a relação completa da conquista de suas vias, com nome, grau e data de abertura das mesmas, assim pude verificar que sua primeira via aberta no Morro da Pedreira é posterior às conquistas feitas por André Ilha. Isto, no entanto não diminui seus méritos, suas contribuições são determinantes para a consolidação da escalada, bem como a formação de grupos de escaladores na cidade de Belo Horizonte.

Na verdade estes fatos históricos são apenas elementos que auxiliam perceber que as disputas no interior do campo antecedem a própria consolidação da prática na cidade de Belo Horizonte. Tais disputas não podem ser compreendidas numa perspectiva maniqueísta, de “certo” ou “errado” do “bom” ou do “mal”; como dito anteriormente elas fazem naturalmente parte do *habitus* de um campo, ocorrem em seu interior e são determinantes para a produção, transformação e consumo de bens culturais produzidos em seu interior ou de fora, mas para ele.

Nesta época T.M. já residia na capital mineira e A.I. viaja do Rio para Minas para realizar suas conquistas. Ambos se envolveram diretamente no movimento de luta pela preservação do Morro da Pedreira. Este fato acrescido da distância ‘espacial’ e o imenso potencial de vias pode ter servido para diluir ou escamotear tais disputas, que ficaram marcadas na história, pela grandeza dos feitos e conquistas destes escaladores e seus discípulos na consolidação do Cipó como a ‘Meca’ da escalada brasileira. Quando o Cipó foi ‘descoberto’ tudo era diferente:

Naquela época era tudo muito diferente: não havia barracas, nem aparelhos de som, nem filas na base das vias – na verdade não havia ninguém, só nós e alguns poucos amigos: minha ex-mulher, Lúcia Duarte, Júlio Cardoso, Tónico e mais alguns novatos locais, como o Rodrigo Tinoco, que viriam a ser o embrião de toda a escalada mineira da atualidade. Escalava-se sem pressa, pois o morro era só nosso, e exercitamos o nosso amor por aquele local

⁴⁶ Entrevista realizada por e-mail no dia 10 de setembro de 2008.

extraordinário através do Movimento Pró-Morro da Pedreira, que depois de um ano e meio de luta e duas grandes manifestações o salvou de virar brita e aguçou a sensibilidade de muitos de nós para outras questões ambientais. (André Ilha, 2002, p.01)

Ainda segundo André Ilha,

(...) estava muito claro para todos nós que, passada esta primeira fase, o Morro da Pedreira experimentaria uma segunda, com a abertura de escaladas atléticas de agarras protegidas por grampos nos espaços existentes entre as fendas pioneiras. Acertamos claro, pois não era preciso ser nenhum profeta para prever que isso aconteceria, e vias esportivas espetaculares foram criadas desde então. Veio o asfalto, a mineradora se retirou, vieram as massas, tudo inevitável. Mas, ah! Como eram bons aqueles primeiros tempos – mais românticos, tranquilos, ingênuos e solidários! (André Ilha, 2002, p.01)

4.6.3. Do Grupo III para a Lapinha

Como protagonistas do movimento da escalada natural (limpa) que na década de oitenta reformularia o *habitus* da escalada carioca e brasileira, André Ilha e Tônico juntamente com seus ‘iniciados’ puderam criar senão o maior, um dos maiores centros de escalada natural em vias móveis do país no Morro da Pedreira. A escalada estava presente em suas vidas como uma possibilidade de lazer, mas suas agendas pessoais não permitiam que militassem e difundissem os preceitos éticos da escalada, amplamente difundidos pelos clubes no Rio de Janeiro.

Nós (eu e T.M.) até passamos bastante destes valores para os primeiros (primeiríssimos) escaladores mineiros pós CEBH, mas como eu quase só escalava com o Jack, não pude acompanhar de perto este desenvolvimento para frente ou para trás da escalada em BH, até porque morava no Rio, e o T.M. nunca teve tanto saco para ser um ativista *full time*. Então... (A.I.)

Este fato contribui de certa maneira para que os novatos iniciados na prática da escalada experimentassem por eles mesmos técnicas e equipamentos. Este processo de experimentação ‘construtivistas’ provocou distorções diante do que preconizava a ética do esporte, sobretudo no Rio de Janeiro. Segundo o entrevistado A.I.,

Em BH, pela ausência de clubes fortes e de tradição, a escalada ficou apenas na mão de alguns escaladores que procuraram se profissionalizar precocemente, levando para escalar um monte de novatos sem que eles próprios tivessem consolidado em si os conceitos éticos e filosóficos básicos do esporte. O resultado foi que o que primeiro se consolidou em BH foi a escalada em muros artificiais e, depois, a escalada esportiva, levando predominantemente para as falésias e, em menor escala, para as montanhas, mureiros sem o menor comprometimento com o meio ambiente, os valores éticos do esporte e mesmo com os demais escaladores. O resultado é o que se vê: muitos playboys e patricinhas que olham para uma falésia como se olhassem para um muro de concreto na cidade: aquilo, para eles, é só um aparelho ao ar livre onde exercitam os músculos e o ego. Além disso, há muita rixa e intriga mesmo entre os escaladores mais sérios e conscientes de BH (vide AME x CMM), o que divide e enfraquece o grupo que poderia fazer uma diferença para melhor.

Fora do Rio de Janeiro e longe da Serra do Lenheiro (São João Del Rey / MG) André Ilha se encontrava distante dos limites da área de abrangência do poder constituído do seu grupo. Talvez por isso se resignasse ao perceber sozinho, distorções do que acreditava ser o estilo de vida (ações práticas, vestuário, pronúncias,...) adequado à escalada moderna. (BOURDIEU, 2007, p.124) Raramente é possível que um agente dominante, um *establishment* consiga exercer seu poder em regiões diferentes do espaço social,

os agentes e grupos de agentes são assim definidos pelas suas posições relativas neste espaço. Cada um deles está acantonado numa posição ou numa classe precisa de posições vizinhas, quer dizer, numa região determinada do espaço [...] (BOURDIEU, 2007, p.134)

O argumento de consolidação da escalada *in-door* em Belo Horizonte, anteriormente à consolidação na rocha é refutado por um dos entrevistado que participava na época deste grupo belorizontino de escaladores,

existia um único muro pequenininho em uma parede da loja Montcamp do Fabinho onde escalávamos. Na época nos reuníamos as quintas-feiras a noite para conversarmos, ver fotos/slides e combinar escaladas; naquele período a escalada não estava consolidada nem em rocha muito menos em muro, não me recordo de encontrar por lá nem o A.I., que morava no Rio, nem o T.M. (E.J.)

Esta percepção acerca da consolidação da escalada *in-door* pode estar associada a alguns fatos. Na época aconteceu em Belo Horizonte o campeonato de escalada *in-door* o “*Adams Hollidays*”.⁴⁷ A loja Montcamp funcionava como um ponto de encontro dos escaladores e interessados, vários cursos foram oferecidos ampliando o conhecimento técnico dos recém introduzidos na prática e formando novos escaladores. Na ocasião o instrutor foi o carioca Luís Cláudio Bittencourt “Pita”, um dos principais escaladores esportivos do momento. (MELO JUNIOR & MARIANO, 1999, p.26-28)

Ainda, sobre a alegação da elitização da escalada, vivenciada em Belo Horizonte, muito pouco se difere da história do esporte no Rio de Janeiro como vimos anteriormente. Talvez, pela própria velocidade de difusão do esporte na cidade e região, Belo Horizonte tenha sido a cidade que mais rápido tenha difundido esta prática para os diferentes grupos sociais. Da mesma forma, sobre “rixas” entre AME x CMM (instituições ligadas ao esporte) é de se esperar que lutas sejam travadas em um campo pelo controle do poder, assim como disputas institucionais marcaram frutiferamente a história do montanhismo/escalada no Rio de Janeiro.

Este primeiro grupo de escaladores desvinculado de instituições experimentou uma autonomia que foi incorporada como característica ao *habitus* da escalada de Belo Horizonte. O processo de tentativas e erros experimentado pelos escaladores belorizontinos levou a acidentes, grampeações desnecessárias e malfeitas.

Estes acontecimentos por vezes levaram as infundáveis reuniões que tinham como pauta a organização do esporte bem como a criação de grupos de resgate. Pouco se avançou na época, mas após um acidente provocado pelo rompimento de um olhal de grampo⁴⁸ as vias passaram a ser equipadas por dois grampos nas paradas e topo de vias; estas alterações foram promovidas pela loja Das Pedras sem permissão prévia dos conquistadores. Embora tal alteração na grampeação original de uma via ferisse a ética da escalada, nenhuma manifestação contrária foi registrada e a partir deste momento a cultura dos dois grampos no topo de vias foi instaurada em Belo horizonte e região. (MELO JUNIOR & MARIANO, 1999, p.26-28)

⁴⁷ Sobre a concepção e realização deste campeonato não obtive maiores informações.

⁴⁸ Peça em formato de ‘P’ que é introduzida em um furo na rocha sobre pressão, o olhal é o anel que fica exposto para ser utilizado pelos escaladores para escalar.

Não se pode desconsiderar que nesta época a escalada carioca colhia frutos de 80 anos de história e esta nova geração de escaladores belorizontinos apenas seis anos. Isto não os exime de responsabilidades enquanto produtores de uma determinada história, mas certamente auxilia a entendermos o contexto em que vivia a escalada na capital mineira. Além disso, temos que considerar que se trata de duas falas vindas de ‘lugares’ distintos, de um lado um ‘estabelecido’ de outro um ‘outsider pretendente’, hoje certamente dois estabelecidos em espaços sociais diferentes.

Retomando a previsão futurística do texto ‘A Descoberta do Morro da Pedreira’ de autoria de André Ilha, o Cipó já não era mais o mesmo e suas previsões de uma segunda fase marcada pela escalada atlética (esportiva), chegou rapidamente. A intensa divulgação deste espaço alvoroçou a comunidade escaladora principalmente do Rio de Janeiro e em pouco menos de um ano, Antônio Paulo Faria já havia aberto a primeira via esportiva, e em cinco anos o grupo três já possuía seu primeiro 9ºb e a ‘Sala da Justiça’ encontrava-se em pleno funcionamento. (FARIA, 2006, p.111)

Ao longo dos anos noventa alastrou-se a febre da escalada esportiva em vários pontos do país. A escalada em parede (tradicional) foi quase colocada de lado. Muitas vias clássicas e longas caíram no esquecimento e foram poucas as escaladas conquistadas, quando se compara com o número de vias esportivas abertas no mesmo período. (FARIA, 2006, p.111)

Em Belo Horizonte não foi diferente, e ao longo do processo de observação no campo de pesquisa pude verificar que o Grupo III do Morro da Pedreira se tornou um grande espaço de difusão desta tendência da escalada, com suas roupas, equipamentos modernos, vocabulários, alimentação, ou seja, tendências de um novo tempo. Belo horizonte começava a experimentar um crescimento significativo do número de escaladores puxado pela abertura de lojas, pela oferta de cursos e circulação de boletins, folhetos e revistas. No entanto, a vaidade pessoal e a busca por distinção estampada pelos méritos dos que abriam mais e melhores vias, foram determinantes para o surgimento de novos redutos de escalada, principalmente, esportiva. Sobre méritos e vaidades ouvi de um dos entrevistados a seguinte passagem:

Conseguir fazer uma via ou estar em lugares que ninguém esteve, motivou muito e motiva a evolução humana, como um engenheiro que faz um prédio de 100 andares e o outro quer fazer um de 110 do lado, mais alto. O desafio é vencer o seu limite e o máximo que você conseguir fazer ontem você vai tentar vencer ele hoje, você vai tentar fazer um pouquinho mais, essa é a primeira competição que tem na escalada Essa é emoção que ela passa pra gente e tem também a competição com o outro e é inevitável, por mais que você esteja escalando sozinho é gostoso, saber quem manda mais, que fez essa montanha, alguém subiu? Isto é gostoso, quem disser que não eu vou dizer que é hipocrisia. (E.J.)

Outro entrevistado menciona a respeito da vaidade e rivalidade surgirem com a escalada esportiva e com a mercadorização da prática,

Sempre tinha uns que tiravam mais onda, mas a gente achava isso natural. É claro que para você ser respeitado dentro da comunidade, quanto mais feitos ou ousadias você fizer, mais você é respeitado logicamente, como escalador e tudo. (...) Depois que começou a rolar grana, virou negócio, as lojas aumentaram e podia rolar de aparecer em revistas, aí começou a rolar. Depois que entrou a escalada esportiva e se firmou os campeonatos começou a ter problemas, mais rixazinhas e tudo, mas acho que é inevitável. (E.J.)

Não obstante, estes aspectos relacionados acima contribuíram para que durante toda a década de noventa houvesse um crescimento descomunal da escalada esportiva, culminando com a abertura de varias áreas como o Sítio do Rod (Lagoa Santa), Baú (Pedro Leopoldo), Pedra Branca (Caeté), Pedra Grande (Igarapé), todas elas estão a menos de 60 km da capital.

No entanto a Lapinha foi a grande precursora, sendo anterior a todas estas. Ela está localizada no município de Lagoa Santa, MG, a 50 km de Belo Horizonte e a 50 km da Serra do Cipó; faz parte do Parque Estadual do Sumidouro que compreende uma extensa área carste⁴⁹ que abrange tanto as formações da gruta do Baú quanto da gruta da Lapinha. Neste período o grupo de escaladores iniciados em Belo Horizonte buscava ampliar suas possibilidades, sobretudo de treino tanto em guiar vias como em abri-las.

⁴⁹ Carste é uma forma de relevo muito especial, formada por rochas carbonáticas que sofrem dissolução ao longo dos anos, sobretudo com o efeito das águas, normalmente é proveniente de fundo de mar. (SILVA RODRIGUES citado por MELO JUNIOR & MARIANO, 1999, p.55).

Acompanhando as “previsões”, o Cipó já havia se tornado um sinônimo para escalada esportiva no Brasil. (DAFLON & DAFLON, 2007, p. 41) A pressão desenvolvimentista do sub-campo e dos indivíduos crescia, foi então que circulou a notícia que entre Belo Horizonte e a Serra do Cipó, bem “*no meio do caminho tinha uma pedra*” era a Lapinha.

Half descobriu através da espeleologia a área da Gruta da Lapinha com grande potencial de escalada e divulgou para a galera, a partir dali nós começamos a abrir algumas vias. O Trio Parada Dura de Sabará, Eustaquio, Emerson e o Fabiano e também o Half e a galera de BH começaram a abertura vias despretensiosamente, vias fáceis de 3º grau. (E.J.)

Esta segunda geração de jovens escaladores de Belo Horizonte dava este importante salto, na verdade um grande ‘*bote*’⁵⁰, criando este importante ponto de encontro para os escaladores esportivos da capital. A Lapinha estava no nível do Grupo III no Morro da Pedreira, mas contava com um grande diferencial, que na verdade eram três.

O primeiro ponto é sua localização na metade do caminho para o Cipó; um segundo aspecto foi que suas vias foram sendo implementadas pela geração que se consolidava, logo elas eram gradativamente abertas na medida em que o nível técnico dos seus precursores ia aumentando. Por isso ela se tornou um excelente campo escola, contando com vias de variados graus de exigência técnica. O terceiro e talvez o mais importante aspecto para este grupo que surgia e se consolidava em Belo Horizonte foi o fato de a área de escalada da Lapinha ter servido como um rito de passagem para toda esta geração de escaladores belorizontinos. Foi determinante para a auto-estima dos escaladores mineiros que assumiam a partir deste feito a condição de detentores de um saber, um determinado capital que possibilita poder ao seu detentor,

é por meio do rito que se podem atualizar estruturas de autoridade, permitindo situar, dramaticamente e lado a lado, quem sabe e quem não sabe, quem tem e quem não tem, quem está em contato com os poderes do alto e quem se situa longe deles. (DAMATTA, 1997, p.31)

⁵⁰ Salto realizado pelo escalador para segurar uma agarra distante.

A Lapinha marca a alforria desta geração, esta área representava e ainda hoje representa para os escaladores mineiros um espaço singular para a prática, pois existe um sentimento de pertencimento simbólico muito grande, devido a esta área ter sido descoberta e aberta sem a ajuda ou interferência de escaladores de 'fora'. Embora a área de escalada esteja fechada, como já foi dito anteriormente, nas entrevistas ela sempre é citada, como pode ser visto nos depoimentos:

eu tenho um fascínio com a Lapinha. Nossa, sou doido com aquele lugar, sempre fui a fim de comprar um lote ali do lado. "Entrevistador" - Você escala lá? Eu escalo, semana passada estive lá. Então, (...) o mato cresceu mais e eu acho que foi uma babaquice precipitada, porque o impacto ambiental que tem lá é dos turistas que ficam escrevendo nas paredes, escalador não faz isso. Eu continuo indo porque gosto demais daquele lugar, é "foda" não ir, até mesmo para entrar nas cavernas, ficar vendo aquele visual, entrar em conduto, dar uma escaladinha. (E.P.)

Em uma outra entrevista como no trecho acima, aparece o sentimento de indignação devido ao fato da área da Lapinha ter sido interdita para a escalada.

Eu acho que como cidadão eu tenho o direito de praticar meu esporte que seja subir em pedra, se algum lugar aquilo vai causar um impacto que vai danificar a pedra, isso tem que ser conversado, mas eu acredito que eu tenho o direito de praticar o meu esporte. (...) é arbitrário a Prefeitura chegar lá e proibir, como ela não proíbe os espeleólogos, os caminhantes que passam por entre as grutas, que passam na base das pedras, mas proíbe os escaladores de subir nas pedras? Ela pode exigir algum tipo de controle, que o escalador faça algum curso se é filiado a algum grupo, se está realmente apto, se está habilitado a fazer a prática desportiva ela tem direito, mas não de proibir. (E.J.)

É interessante perceber nas falas uma compreensão acerca da realidade, tanto da dimensão ambiental, quanto dos direitos e deveres civis, correlacionados aos motivos do fechamento da área. O que poderíamos atribuir ao lazer vivenciado através da escalada uma capacidade de ser veículo de educação, a fruição vivenciada através dela contribui não apenas para o aprendizado dos regramentos correspondentes a sua prática ou do prazer por ela conferido, mas também a percepção e compreensão de uma realidade estrutural das regras e condicionantes sociais. Neste sentido pude verificar que a experiência de lazer via escalada, possibilitou tanto o cumprimento de objetivos consumatórios relacionados ao relaxamento e prazer, quanto aos objetivos instrumentais relacionados à

compreensão da realidade. (MARCELINO, 2002, p.51) Talvez possamos correlacionar esta conduta à internalização de traços do *habitus* remanescente das transformações ocorridas às internalizadas provenientes do movimento do MEPA.

Mais uma vez retomo o argumento que vem perpassando este texto⁵¹ ao qual compartilho com Bourdieu que respostas inconscientes são realizadas na prática cotidiana dos agentes. Pois, “*somos o produto de estruturas profundas, temos, inscritos em nós os princípios geradores e organizadores das nossas práticas e representações, das nossas ações e pensamentos.*” (THIRY-CHERQUES, 2006, p.34)

Estas se dão como produto da relação dialética entre a situação e o *habitus*. (ORTIZ, 1983, p.19) Logo este comportamento e noções incorporadas e externalizadas acerca do respeito com o meio ambiente podem, assim como outros aspectos que tratarei a seguir, estarem diretamente relacionados a esta incorporação de um *habitus*, que se constituiu ao longo da história da escalada que chega em Minas Gerais. Os agentes deste subcampo, no caso os escaladores mineiros, incorporam certas disposições sem se darem conta de sua constituição histórica, pois:

a relação com o mundo não é uma relação de casualidade mecânica que frequentemente se estabelece entre o <<meio>> e a consciência, mas sim uma espécie de cumplicidade ontológica: quando a história que frequenta o *habitus* e o habitat, as atitudes e a posição, o rei e a sua corte, o patrão e a sua empresa, o bispo e a sua diocese, é a mesma, então é a história que comunica de certo modo com ela própria, se reflete nela própria, se reflete ela própria. (BOURDIEU, 2007, p.83)

Assim, a seguir prosseguirei abordando alguns elementos que corroboram com esta tese acerca da externalização das estruturas internalizadas que se manifestam no *habitus* da escalada mineira e que em parte foi herdada da escalada vinda do Rio de Janeiro.

⁵¹ Ao longo do texto os argumentos acerca do conceito *Habitus* e sua articulação com o sub-campo e esportivo da escalada vem sendo gradativamente discutido e aprofundado. Ver páginas: 45, 46, 63, 64, 66 e 67.

4.6.4. A “Mentalidade Suburbana” como manifestação do *Habitus*

Dois exemplos significativos e emblemáticos da incorporação de determinados traços, singulares do *habitus* da escalada carioca partilhada com a comunidade escaladora belorizontina está uso do capacete e na forma de atribuir nomes às vias.

Acerca do uso do capacete, este a meu ver, aparece na pesquisa e contribui ajudando a ilustrar como o *habitus* se manifesta como uma disposição incorporada quase postural (BOURDIEU, 2007a) externalizada inconscientemente sem que o agente se dê conta racionalmente porque ele age ou tem determinada preferência. A citação a seguir subsidia substancialmente meus argumentos.

A ação histórica põe em presença dois estados da história (ou do social): a história do seu estado objetivado, quer dizer, a história que se acumulou ao longo do tempo nas coisas, máquinas, edifícios, monumentos, livros, teorias, costumes, direito, etc., e a história no seu estado incorporado, que se tornou *habitus*. Aquele que tira o chapéu para cumprimentar reativa, sem saber, um sinal convencional herdado da idade média no qual, como relembra Panofsky os homens de armas costumavam tirar o seu elmo para manifestarem as suas intenções pacíficas. Esta atualização histórica é consequência, produto de uma aquisição histórica que permite a apropriação do adquirido histórico. (BOURDIEU, 2007a., p.82)

Durante uma ida ao campo de pesquisa na academia Das Pedras, uma pessoa, o ‘Dr.’, me foi apresentado. Conversamos sobre a idéia da pesquisa e ele me disse: “*não entendo muito bem do que se trata sua pesquisa, mas tenho interesse em saber por que as pessoas mesmo conhecendo os procedimentos de segurança não os utilizam, veja só o capacete, quase ninguém usa.*” (Dr.). O exemplo da passagem do Elmo possibilita-nos inferir acerca do uso do capacete. Não penso que deva ser construída uma relação direta entre o elmo e o capacete, mas argumentar que na mesma medida o não uso do capacete pode estar ligado a apropriação do adquirido histórico, tal qual ao elmo, ou seja, estar relacionado aos primórdios da escalada onde não se usava este apetrecho. Provavelmente uma significativa parcela da comunidade argumentaria que na escalada esportiva não é necessário utilizá-lo, pois não existe o risco de rochas deslocarem porque as vias já estão limpas ou ainda que o uso do mesmo atrapalhe o desempenho, isto esta

diretamente relacionado com o que anteriormente foi explicado como *Doxa*, uma ‘verdade’ em contraste a racionalidade.

Para estes argumentos Bourdieu (2008) atribui o termo “*mentiras piedosas*”, pois embora não enganem ninguém encerram divergências e manifestam reverência pelas crenças do grupo. Tive o cuidado de consultar a relação de acidentes descrita no ‘Guia Escalada de Minas’ e a imensa maioria dos acidentes ocorreu com lesões ou possibilidade de lesões na cabeça, sobretudo com o deslocamento e queda de pedras.

Mas buscando relativizar as explicações para o não uso do capacete como parte deste *habitus*, penso que uma segunda hipótese pode ser levantada por um entrevistado do pesquisador David Le Breton (2006) “*se todos os riscos forem retirados , isso não me interessa mais*”. (p.97)

Um segundo aspecto importante para o entendimento da incorporação de traços ao *habitus* do subcampo da escalada mineira é a nomeação das vias, Antônio Paulo Faria explica que antigamente se conquistavam montanhas, seus cumes e as ascensões posteriores se davam por estas linhas já abertas; a partir de 1974 com a abertura de uma segunda via na face leste no Pico Maior de Friburgo no Estado do Rio de Janeiro, a linha mais antiga passou a se chamar de Silvio Mendes e a mais recente recebeu o nome da face escalada, Via Leste. (FARIA, 2006, p.88) Estava aberto um novo precedente acerca das possibilidades de conquista, pois até então era pouco comum ter mais de um acesso ao cume das montanhas..

Com o advento da escalada esportiva, as vias sequer atingem os cumes e há uma densidade de vias umas ao lado das outras, inclusive em alguns casos perpassando umas pelas outras. Assim era necessário distingui-las e os nomes que outrora estavam relacionados às montanhas ou a suas faces conquistadas, passaram a ser escolhidos por seus conquistadores e seus nomes diretamente associados a algum fato, história, homenagem, deboche que fizesse menção ao momento da conquista.

Alguns poucos escaladores Mineiros da atualidade talvez saibam que o nome da primeira via do Morro da Pedreira seja, ‘Fissura Por do Sol’, que veio inaugurar esta nova fase da escalada no estado. Mais restrito ainda são os escaladores que sabem os motivos da escolha deste nome, que foi dado em função do contexto da conquista ocorrida nos últimos raios de sol do dia em que o Morro da Pedreira se

inscrevia definitivamente na história da escalada nacional. No entanto caso fosse perguntado a algum escalador as razões deste nome a ‘contaminação’ pelo *habitus* certamente levaria a uma resposta satisfatória. Sucessivas conquistas e seus respectivos nomes construíram inconscientemente este traço no *habitus* da escalada mineira perpetuando esta tradição.

Fatos acerca da escolha dos nomes traçam um panorama *sui generis* dos nomes gravados na história da escalada mineira.

“Uma delas a ‘*Bigode Limpo*’ fruto da convivência dos meninos com um pintor carioca que atribuía esta gíria a coisas fáceis, daí o nome. Como existia uma rivalidade entre o grupo do R.L., na época o pessoal da zona sul de Belo Horizonte, eles começaram a criticar a abertura dessa via, uma via fácil demais. O R.L. e seus parceiros foram até a Lapinha e abriram a via ‘*Mentalidade Suburbana*’, que fazia uma crítica ao trio de Sabará, região periférica de Belo Horizonte, esta via que eles abriram era de 7º grau, mostrando toda a capacidade de escalada dos seus conquistadores. E isso na verdade foi extremamente importante, porque a partir daí aumentou todo o potencial de escalada de Minas. Porque toda essa competição de certa forma respeitosa foi elevando o número de vias de escalada. Isso é um ponto importante a ser registrado aqui. AH! Após eles abrirem a ‘*Mentalidade Suburbana*’ de 7º nos fomos lá e abrimos a via ‘*O Império Contra Ataca*’ 7ºc.” (E.J.).

Estes três nomes de vias citadas na passagem acima trazem três importantes aspectos a serem observados na relação do *habitus* advindo do Rio de Janeiro e que viria se transformar e gerar o *habitus* da comunidade escaladora belorizontina. Primeiro o que já havíamos dito sobre a origem e relação dos nomes das vias, esta característica perpassa o vasto acervo de vias em Minas e seus respectivos nomes. Penso ser interessante compartilhar alguns destes como:

- Só Pra Eles 6ºsup e Só Pra Elas 4º - estas duas vias remetem a questões de gênero e a uma relação com o nível de dificuldade das vias, sendo uma apropriada para os homens e outra para as mulheres. Um grande engano, pois como em todos os espaços da vida social na escalada encontramos mulheres disputando vias de igual para igual com os homens.
- A Dor e o Poder – provavelmente a via mais difícil do estado de Minas, recentemente escalada, seu grau de desgaste físico e o mérito de quem chega ao seu cume sugerem os motivos;

- Sedativa, Queimando Tudo, Tapa na Aranha, Estilo Junk, Lamúrias de Um Viciado, Champignon, Morfina, Brenfisema e outras.

Existem outras tantas vias que carregam em seus nomes uma relação com substâncias alucinógenas, seja pelo hábito de estilo de vida ou mesmo pelos efeitos momentâneos produzidos pelo “prazer” da escalada. Não há uma relação direta entre o nome e o consumo de substâncias, alguns escalam para compartilhar em grupo tais experiências e às vezes este aspecto contribui na constituição de vínculos, *“Eu acho que tem que ter uma predisposição, o brilho do olho mesmo, ligando todo mundo que curte. Acaba que a gente se isola um pouco, apesar do preconceito de alguns escaladores.” (Güllich)*. Já existem outros que atribuem a escalada propriamente dita esta sensação quase transcendental

não existe nada mais gostoso e que favoreça o alto conhecimento do que você estar guiando numa ponta de corda, e ali só você e você com a rocha, isso pra mim sempre foi muito forte. Você está no silêncio de uma montanha ligado a outro parceiro por 20 a 30 metros de corda e com aquele desafio da rocha, sua cabeça se limpa de tal forma que você não pensa em mais nada e só você e a rocha o único objetivo é pegar na próxima agarra e na próxima agarra e na próxima agarra, muitas vezes é difícil pra quem não pratica compreender o que é isso. É uma coisa que te faz sentir vivo. (E.J.)

Este sentir-se vivo faz valer a pena jogar o jogo da escalada, faz a escalada valer a pena, com todos os seus riscos prendendo o escalador de tal forma a experiência que faz ele pensar que outra pessoa não escaladora não compreenda o sentido da mesma. Na verdade penso que não saiba mesmo, pois é esta *illusio* que justifica este sentido compreendido pelo escalador. (BOURDIEU, 2008, p.139)

Retomando a questão do *habitus*, um segundo ponto diz respeito a esta nova fase da escalada que chega impregnada pelo aspecto competitivo, embora alguns digam que *“a competição na escalada sempre existe, só que muitas vezes ela não é com o outro, mas consigo mesmo.” (E.J.)* Os escaladores desconsideram que no campo esportivo a existência da competição não necessariamente ocorre através de disputas diretas, mas por superação de marcas como no caso do salto em distância, nos arremessos e etc. Ainda assim esta busca pela superação do feito acompanha toda a história da escalada, como característica deste fenômeno esportivo e que alcança seu ápice nos dias de hoje após o surgimento da escalada esportiva no Rio

de Janeiro na década de oitenta e noventa. Por último, esta outra característica típica do esporte moderno, a racionalização que se consolida na lógica esportiva do subcampo da escalada. Esta última dimensão compartilhada entre o *habitus* da escalada carioca e mineira se manifesta na graduação das vias que passam a ser elemento constituinte deste *habitus*.

Assim, cada escalador passa a ter parâmetros sobre o seu nível de escalada (desempenho) e o nível dos outros, instaurando uma lógica de treinamento para competir e superar seus próprios limites e dos outros escaladores, podendo assim se distinguir em relação aos demais.

Esta racionalização é propagada pela superação de limites, muito semelhante às marcas, tempos e recordes dos demais esportes tradicionais. No caso da escalada, é medida através do grau das vias que o escalador *manda*⁵². Isso foi determinante na propagação dos diferentes estilos de escalada. Surgem subdivisões ou modalidades posteriores à difusão da escalada esportiva em Minas como: o *boulder*, a escalada *in-door*⁵³, a escalada clássica e o *big wall*⁵⁴. Esta ampliação de possibilidades e adeptos pela prática da escalada é descrita por Norbert Elias (1994),

em todas as ondas de expansão que ocorreram quando um modo de conduta de um pequeno grupo se expandiu para classes mais numerosas em ascensão, duas fases poderiam ser claramente distinguidas: uma fase de colonização, ou assimilação, na qual a classe mais baixa e numerosa era ainda claramente inferior e estava pautada pelo exemplo do grupo superior tradicional que, intencionalmente ou não, saturou-a com seu próprio padrão de conduta, e uma segunda fase de repulsão, diferenciação ou emancipação, na qual os grupos em ascensão aumentam perceptivelmente seu poder social e autoconfiança, enquanto o é forçado a uma maior moderação e isolamento e tornam-se maiores os contrastes e tensões na sociedade. (p.252)

Possivelmente a afirmação a seguir deve causar polêmica no interior do subcampo, pois imagino que se multipliquem enfáticas defesas sugerindo ou afirmando que a escalada clássica ou mesmo o *big wall* sejam o berço da escalada

⁵² Mandar é o verbo empregado na escalada para dizer que alguém fez um lance ou toda uma via. Ex.: João mandou o lance do crux da via ou João mandou a via “Heróis da Resistência”.

⁵³ O termo escalada *in-door* não necessariamente corresponde a um lugar fechado, mas aplica-se a uma estrutura construída para escalar. Pode ser a simples fixação de agarras de resina em muros de alvenaria ou uma complexa estrutura metálica revestida de madeira ou resina recoberta de agarras.

⁵⁴ Modalidade de escalada onde é necessário pernoitar na rocha por vários dias, demanda uma complexa logística de equipamentos, mantimentos, roupas e acessórios. Exige-se grande experiência e domínio de inúmeras técnicas verticais.

esportiva e demais modalidades. Na verdade concordo com esta afirmação, desde que a mesma esteja acompanhada de um contexto tempo/espacial. No caso estudado nesta pesquisa, poderia dizer que esta tese se aplica ao Rio de Janeiro, mas não na constituição do subcampo esportivo da escalada em Belo Horizonte.

Este argumento acerca da propagação de modalidades de escalada de maneira inversa entre o Rio de Janeiro e Minas Gerais, sugere elementos que nos possibilitam especular ou mesmo quem sabe afirmar como se operaram determinadas transformações deste *habitus*. Quando a escalada chega a Minas uma longa trajetória histórica já havia transcorrido, a escalada esportiva se projeta rapidamente, em parte pelas suas características bastante peculiares. Vias mais curtas possibilitando várias repetições ao longo do dia, proteções mais próximas diminuindo a percepção do risco pelo escalador, mas exigindo uma maior força explosiva. Tudo isso, associado a menor demanda de equipamentos e conseqüentemente um custo muito inferior aos da escalada natural, clássica e do *big wall*.

Além destes argumentos, podemos deduzir que estas modalidades de escalada demandam mais equipamentos, aumentando na mesma proporção às exigências técnicas, a sensação de risco e o custo. Logo um iniciante não teria seu acesso facilitado a estas modalidades, a não ser em um campo já consolidado. O grupo de escaladores mineiros que compunham esta comunidade no final da década de oitenta era praticamente autodidata, por isso demandou um certo tempo para que estes se apropriassem da produção de bens culturais necessários para enveredar pela escalada natural (móvel), clássica e ou *big wall*. A passagem a seguir corrobora para este entendimento.

Acho que sou um escalador por causa do meu berço que foi escalada esportiva, depois de 3 ou 4 anos escalando esportivamente é que eu fui ter a oportunidade de conviver com o pessoal que se diz mais montanhista, que não tinha muito aquela coisa de escalar uma via de grau alto, era a coisa de conquistar uma montanha ou abrir o acesso que ainda não tinha sido aberto, descobrir novas possibilidades para escalar . (Krakauer)

Acima procurei defender alguns argumentos que distinguem o surgimento e ocorrência das modalidades de escalada em Minas, particularmente em Belo Horizonte. No entanto, verifico que no segundo momento estas diferenças de estilos,

modalidades serviram para distinguir os escaladores detentores de poder, “*O campo esportivo é rico em exemplos de distinção. Um mesmo esporte pode ser praticado e assistido de modos diferentes*” (AZEVEDO, 2003, p.1) Pois envolve o gosto, que “*classifica e distingue; aproxima e afasta aqueles que experimentam os bens culturais*” (ALVEZ, 2008, p.1) de um determinado campo.

Nos mais variados esportes, assim como na escalada, sobretudo no alto rendimento, ocorrem uma tendência pela especialização. Dificilmente alguém se destaca em várias modalidades, tal como no atletismo, onde um atleta de cem metros rasos não disputa a maratona. Na escalada esportiva um escalador que busque se distinguir dos demais deve-se concentrar na repetição extenuante de movimentos, alternando durante a semana o treinamento nas academias *in-door* e nos finais de semana exaustivamente na via que pretende conseguir encadenar.

Em uma das entrevistas, um escalador esportivo que busca reconhecimento neste subcampo, prestou o seguinte depoimento:

Tenho na minha mente que, estou com 26 anos, até os meus 30 anos quero tentar desenvolver o máximo que eu puder meu nível de escalada esportiva. Não que eu não vá praticar montanhismo, com certeza vou praticar, mas não quero isso para a minha vida agora porque quero aproveitar enquanto sou novo, tenho força e ânimo para treinar muito. Então quero fazer esse tipo de escalada que seria montanhismo, umas caminhadas, outro tipo de visão da rocha, mas depois dos 30 anos. (Stone)

A referência ao termo montanhismo na passagem acima, diz respeito a modalidade de escalada clássica ou tradicional, que tem associada o deslocamento com caminhadas, planejamento de logística e maior exposição às forças da natureza. Outro entrevistado confirma esta afirmação acerca do emprego do termo montanhismo como sinônimo de escalada tradicional. “*Montanhista está mais envolvido com o meio ambiente, não só o fato de escalar, gosta mais de fazer caminhada, caminhada longa, penso que isso é escalada tradicional*”. (11B)..⁵⁵ Ele completa mencionado a existência de uma certa rivalidade:

⁵⁵ Este entrevista de codinome “11B” treinava na ocasião para escalar e encadenar o grau 11b até então inatingível por um brasileiro e alcançado apenas por uma seleta elite mundial da escalada. Neste ano de 2009 o escalador atingiu sua meta, se tornando o primeiro escalador brasileiro a escalar o grau 11^ob.

A galera das antigas fazia mais parede, escalada móvel, eles consideram a escalada como algo mais do que ficar se superando fisicamente. Já a nova geração da escalada esportiva e do boulder vê a escalada como projeto de evolução, todo dia se superar ao máximo e com o máximo de graus possíveis superar seus limites. Acho que essas coisas geram uma rivalidade. (11B).

Um entrevistado *estabelecido* ocupante de uma significativa gama de capitais simbólicos faz uma importante constatação entre escolha de modalidades e a motivações por elas no decorrer da vida.

passsei a perceber que o montanhismo seria mais constante enquanto a escalada tem uma fase, um período que você pode se dedicar mais para atingir níveis técnicos mais altos. O montanhismo enquanto uma escalada mais fácil, com vias menos difíceis no aspecto de força física, agilidade, plasticidade, seria uma constante maior. Eu me vejo caminhando com 70 anos de idade, mas eu não me vejo pendurado na 'Via Sombras' com 40 ou 50 anos, não para mim, não que não seja possível com treino com dedicação, não é impossível mas pra mim, depois que você já fez eu tava satisfeito.(E.J.)

O entrevistado afirmar que a escalada esportiva e o caráter competitivo da mesma teriam um tempo de validade, onde os aspectos físicos influenciam nas escolhas, mas com o passar do tempo e a conquista destes feitos que lhe possibilitariam fazer parte do grupo de '*estabelecidos*', dos '*empoderados*' isso não mais seria necessário. Houve uma passagem no campo bastante singular onde a companheira deste entrevistado disse: *"também gostaria de ser cumprimentada pelos caras, pelas pessoas, as vezes estou na base das vias com ele a galera chega, abraça, cumprimenta, baba e sequer falam um oi, ignoram minha presença. O pior é que nem sempre o E.J. sabe quem é."* Esta passagem sugeri este capital simbólico acumulado pelo entrevistado, chega um momento que os feitos promovem uma distinção que transcende o tempo e o espaço social de convívio e é isso que muitos buscam na escalada e na vida. Distinção!

5. Rapelando para a base da via

O que espero, não é um discurso em forma, quer dizer, defensivo e fechado em si mesmo, um discurso que procure antes de esconjurar o medo da crítica, mas uma apresentação simples e modesta do trabalho realizado, das dificuldades encontradas, dos problemas, etc. Nada é mais universal e universalizável do que as dificuldades. Cada um achará uma certa consolação no fato de descobrir que grande número das dificuldades imputadas em especial à sua falta de habilidade ou à sua incompetência, são universalmente partilhadas; e todos tirarão melhor proveito dos conselhos aparentemente pormenorizados que eu poderei dar. (BOURDIEU, 2007a., p.18)

Quando sentei para escrever estas linhas, me dei conta de uma diferença entre a prática da escalada esportiva e das modalidades de escalada clássica e *big wall*. Na primeira, o rapel está associado ao desmonte do *top hope*, ou seja, com a retirada dos equipamentos que estão na via, não existe comemoração no cume, porque normalmente não existe cume a ser alcançado. Diferentemente, na escalada clássica ou no *big wall* na quase totalidade das vezes atinge-se o cume e é comum comemorar este fato, no entanto, entre os escaladores existe sempre um para recordar que a escalada só termina na base da via, afinal o grande índice de acidentes ocorre neste momento, quando a emoção da conquista do cume, por vezes diminui o nível de atenção.

Procurarei manter-me atento a estas considerações sem perder de vista que o verdadeiro retorno à base só estará concluído após o momento em que este trabalho é apresentado à Banca Avaliadora e público ouvinte. Mesmo assim, se faz necessário registrar a grandeza deste percurso, os encontros e desencontros, ora escolhendo vias aquém ora além do meu nível de escalada. Mas assimilando de ambos o aprendizado necessário.

Posso dividir este percurso em três enfiadas, tal qual em uma escalada, a primeira seria a produção da dissertação, o segundo momento a defesa e

acolhimento das contribuições e por fim o terceiro momento, retomando o texto revisando e incorporando as contribuições da banca.

Incluo na primeira parte desta ‘escalada’ a apresentação do projeto e o recebimento dos pareceres feitos pela banca no momento da análise do projeto. Elas foram imprescindíveis nesta caminhada, mas somente após a aproximação a obra de Pierre Bourdieu me dei conta das entrelinhas dos pareceristas e do orientador.

Optar pelo caminho do conhecimento praxiológico, sem dúvida foi a escolha mais difícil e concomitantemente enriquecedora. Mas se o objetivo era compreender a constituição do subcampo esportivo da escalada de Belo Horizonte e as transformações ocorridas na constituição do seu habitus, tal escolha se fazia necessária. Assim, entenderia como as estruturas e suas disposições estruturantes se atualizam reproduzindo um duplo processo de interiorização da exterioridade e exterioridade das internalizações, constituindo o habitus da escalada de Belo Horizonte.

Percebi o quão necessário era produzir um estranhamento sobre sinais outrora familiares. Provocando por vezes rupturas com crenças fundamentais que até então compartilhava com um grupo. (BOURDIEU, 2007a, p.38-39)

Sem querer ostentar presunção acerca desta pesquisa, acredito que em alguns momentos estive próximo do que Bourdieu chama de “objetivação participante”⁵⁶ um exercício deverás difícil por requer,

a ruptura das aderências e das adesões mais profundas e mais inconscientes, justamente aquelas que, muitas vezes, constituem o <<interesse>> do próprio objeto estudado para aquele que estuda, tudo aquilo que ele menos pretende conhecer na sua relação com o objeto que ele procura conhecer. (BOURDIEU, 2007a., p.51)

Por vezes, e não foram poucas, pensei se deveria ou não abordar determinados aspectos e temas, se utilizaria ou não algumas passagens das entrevistas. Tais escolhas poderiam produzir uma desaprovação diante do grupo, levando-me a sofrer os efeitos da violência simbólica ocasionalmente estudada.

⁵⁶ Grifo do autor: não confundi-la com observação participante, análise de uma – falsa – participação num grupo estranho.

Neste momento em que reviso o texto, após o momento da defesa e das considerações da banca, relato o quão sutil são os efeitos desta violência ou do aceite da autoridade dos 'estabelecidos'.

A banca observou que eu havia permitido que os dominantes deste subcampo influenciassem na decisão de explicitar a autoria das falas dos entrevistados. Cheguei a citar os nomes de determinados entrevistados sem me dar conta que a solicitação deles e o meu aceite, passavam pelo exercício do poder simbólico e pela minha 'boa vontade cultural', aceitando o exercício deste poder.

Abordar a violência simbólica e as disputas por acesso e ou manutenção dos postos de poder, fosse entre os pretendentes (escaladores novatos) ou dominantes (escaladores veteranos detentores do poder) causava-me desconforto, pois percebi que às vezes sofria e às vezes exercia tal violência. Estas lutas travadas no interior do subcampo esportivo da comunidade escaladora belorizontina, demonstraram traços bastante semelhantes aos da comunidade carioca, nas disputas entre veteranos e novatos ou para minha surpresa entre veteranos e veteranos detentores de postos de poder. O exemplo mais explícito pôde ser verificado no caso da autoria do 'descobrimento' da área de escalada do Morro da Pedreira.

Acerca das reproduções e transformações ocorridas no *habitus* da comunidade de escaladores de Belo Horizonte no decorrer do processo de constituição do seu subcampo, pude observar a grande influência carioca sobre a escalada local. A instauração de uma cultura da escalada começa fortemente influência pelo movimento da escalada natural e da escalada esportiva que se consolidava no Rio de Janeiro em detrimento da escalada clássica de parede. Inversamente ao que havia ocorrido no Rio de Janeiro, Belo Horizonte inicialmente experimenta a escalada natural seguida da escalada esportiva. Somente com sua primeira geração de escaladores locais constituída e sobretudo empoderada é que vai iniciar uma fase de desenvolvimento da escalada clássica de parede.

Considero que no decorrer desta caminhada algumas verdades provisórias foram relativamente bem defendidas. A escalada esportiva foi no decorrer da pesquisa classificada enquanto esporte, produto de processos históricos produzidos ao longo da constituição do seu subcampo esportivo. Como dito acima, diferentemente do que ocorreu no Rio de Janeiro, onde a escalada foi sendo gradativamente dissociada do excursionismo (berço do montanhismo e da escalada

brasileira). Em Belo Horizonte acontece de forma antagonicamente, pois ela experimentou uma autonomia no subcampo bastante evidenciada pela prática da escalada natural e esportiva.

Isso contribuiu para a produção de uma geração esportivista fortemente vinculada às academias, “os valores de competição, de rendimento tanto no lazer quanto fora dele, desenvolvem-se a passos largos, (...) deseja-se o risco, mas sem o risco.” (Le Breton, 2006, p.96) Por isso, os autores do texto “*Entre Amigos*” alegam que algo haveria se perdido. Tal sensação de perda pode ser provocada pela alternância dos postos de poder, da diluição ou partilha deste, sendo impossível garantir que seus desejos, gostos e preferências por estilos sejam mantidos. Pois,

A montanha que forjava os homens e fortalecia as amizades ainda existe, mas ela perde cada vez mais seu terreno em proveito da busca pessoal de proeza, às vezes, com um profundo desconhecimento das condições geográficas ou meteorológicas, uma vez que ela tornou-se um estádio onde o importante é fazer uma demonstração pessoal de excelência, sem perder muito tempo para chegar aos lugares. (LE BRETON, 2006, p.96-97)

Estas perdas, ou melhor, transformações, vêm produzindo novos agrupamentos motivados pela ‘boa vontade’ cultural, mas estes não garantem que não haja novos movimentos heréticos produzindo lutas no interior do campo.

Um sinal da busca de retomada de poder, vem se delineando pelo movimento institucional construído através da Associação Mineira de Escalada – AME e pelo Centro Excursionista Mineiro – CEM. Estes, gradativamente, vêm tentando capitalizar cada vez mais integrantes, formando um capital simbólico significativo, capaz de efetivar a fundação da Federação de Escalada e Montanhismo de Minas Gerais. A efetivação desta instituição pode contribuir para que novas alternâncias e transformações ocorram no subcampo da escalada de Belo Horizonte.

Esta dissertação bem como outros trabalhos produzidos por professores de educação física escaladores ou não, são produto do estreitamento desta área de concentração com as atividades e esportes de aventura. Esta aproximação da educação física com estas atividades e esportes não tradicionais vêm contribuindo para a legitimação destas práticas culturalmente produzidas e que por um longo tempo não compunha o rol de saberes legitimado pela área.

Penso que esta pesquisa deixa como contribuição um legado, não de respostas, mas uma porta aberta para novas e velhas perguntas a espera de serem respondidas. Sobretudo, se observadas as possibilidades de aproximação através do campo do lazer. Este, pela sua característica multidisciplinar, pode contribuir para desvelar, a partir das diferentes propostas e abordagem de pesquisa, comportamentos, sentimentos, escolhas individuais e ou sociais, mídia e mercado, esporte e espetáculo, ou seja, um universo a ser percorrido.

Confesso que somente nas linhas finais deste trabalho é que chego amadurecido para discorrer acerca da não utilização do termo “Atividades Físicas de Aventura na Natureza – AFAN”, compreendendo que o emprego desta terminologia não atende ao processo histórico que as diversas atividades passaram e sobretudo na atualidade passam se esportivizando. Não é satisfatório chamar a escalada esportiva, bem como o *mountain bike*, o vôo livre, o paraquedismo, o *wind surf* e outros tantos esportes de atividades, seria a negação da constituição histórica e cultura desta tendência moderna de esportização. Ainda, não seria razoável utilizar a palavra natureza para atividades e esportes que soma utilizam esta apenas como um grande cenário para seus espetáculos. Por isso penso que o emprego da expressão Esportes e Atividades de Aventura seja mais apropriado, pois abarcaria o conjunto destas práticas da cultura corporal de movimento, ditas não tradicionais.

Mas, confesso que este ponto acerca das AFAN's e ou dos esportes e atividades de aventura entre outras perguntas desta pesquisa ainda precisam ser melhor trabalhados, sejam em novas pesquisas e na produção de artigos.

Dáí, quem sabe suprimir as lacunas deixadas por este estudo, como possibilidades de novos ou diferentes caminhos.

Referências

ALVEZ, Emiliano Rivello. Pierre Bourdieu: a distinção de um legado de práticas e valores culturais. **Sociedade e Estado**, volume 23, nº1, Brasília Jan./Apr. 2008. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69922008000100009&script=sci_arttext Acesso em: 10/06/09.

AZEVEDO, Mário Luiz Neves de. Espaço Social, Campo Social, Habitus e Conceito de Classe Social em Pierre Bourdieu. **Revista Espaço Acadêmica** ano III, nº 24 – Maio de 2003.

BATESON, G. (apud BERNARDI, BERNADO) **Introdução aos Estudos Etno-Antropológicos**. Lisboa – Portugal: Edições 70, 1974.

BETRÁN, Javier O. Las Actividades Físicas de Aventura en la Naturaleza: análisis sociocultural. In: Apunts. **Educación Física y Deportes**. Barcelona, n. 41, 1995, p.5-8.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Campinas, SP, Leituras/SME, Nº19 Jan/Fev/Mar/Abr, 2002, p.25. Tradução: João Wanderley Geraldi.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BOURDIEU, Pierre. **Meditações Pascalianas**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Lisboa, Portugal, Fim de Século Edições, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2007a.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo, SP, Editora Perspectiva, 2007b.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas, SP, Papyrus Editora, 2008a.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo, SP, EDUSP e Porto Alegre, RS, Editora Zouk, 2008.

BRANDÃO, Zaia e ALTMANN, Helena. **Algumas hipóteses sobre as transformações do habitus**. <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/acessoConteudo.php?nrseqoco=16344> Acesso em: 17/03/09.

BURGESS, Robert G. **A Pesquisa de Terreno: Uma introdução**. Oeiras, Celta Editora, 1997.

CATANI, Afranio M.. A SOCIOLOGIA DE PIERRE BOURDIEU (ou como um autor se torna indispensável ao nosso regime de leituras). **Educação e Sociedade**. vol.23 no.78 Campinas Apr. 2002.
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010173302002000200005
Acesso em: 27/05/2009.

DAFLON, Flavio e DAFLON, Cíntia. **Escale Melhor e Com Mais Segurança**. Rio de Janeiro, C. A. A. Daflon e F. H. A. Daflon, 2007.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.

DIAS, Cleber A. Gonçalves. **Urbanidades da Natureza: os esportes e a cidade do Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, IFCS, Rio de Janeiro: 2007.

DIAS, Cleber A. Gonçalves. Esporte, Cidade e Natureza: Um Estudo de Caso. In: **Licere**. Belo Horizonte (MG), v. 9, n. 1, p.37-53, 2006.

DIAS, Cleber A. Gonçalves.; JUNIOR, Edmundo de D. A.. **Entre o mar e a montanha: esporte, aventura e natureza no Rio de Janeiro**. Niterói, EdUFF, 2007.

DIAS, Cleber A. Gonçalves. Montanhismo e urbanismo no Rio de Janeiro: um desejo de natureza. In: MELO, Victor A. de. (Org.). **História Comparada do Esporte**. Rio de Janeiro, Shape, 2007.

DUMAZEDIER, Joffre. **Valores e Conteúdos Culturais do Lazer**. São Paulo, SESC, 1980.

FARIA, Antônio P. **Montanhismo Brasileiro: paixão e aventura**. Rio de Janeiro, Publit, 2006.

FEATHERSTONE, Mike, A globalização da mobilidade: experiência, sociabilidade e velocidade nas culturas tecnológicas. In: GARCIA, Erivelto B.; LOBO, Francis (eds). **Lazer numa sociedade globalizada**. São Paulo: SESC/WLRA, 2000.

ELIAS, N. **O Processo Civilizador**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2v. 1994.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1994.

ELIAS, N.; DUNNIG, E. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1995.

ELIAS, N.; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2000.

FEIXA, Carlos. La aventura imaginaria. Uma visão antropológica de lâs actividades físicas de aventura em lá natureza. **Educacion Física y Deportes**. Nº 41, 1995, p.36.

GALLIANO, A. Guilherme. **Introdução à Sociologia**. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1981.

GEBARA, Ademir. História do esporte: novas abordagens In: PRONI, Marcelo; LUCENA, Ricardo. (Orgs.). **Esporte: história e sociedade**. Campinas, SP, Autores Associados, 2002.

GEERTZ, clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, 1989.

GIRARDI Jr., Liráucio, “Pierre Bourdieu: Questões de Sociologia e Comunicação”. São Paulo, SP, Annablume Editora, 2007.

GOMES, Christianne Luce. “Lazer – Concepções”. In: GOMES, Christianne Luce (org.) **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p.119-125, 2004.

ILHA, André.; DUARTE, Lúcia. **Catálogo de escalada do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, RJ: Flumitur – Cia. de Turismo do Estado do Rio de Janeiro, 1983.

ILHA, André. **Manifesto da escalada Natural**. Mimeo, Rio de Janeiro, RJ, 1983a.

ILHA, André. **A ‘Descoberta’ do Morro da Pedreira**. Revista Headwall nº 3, maio/junho de 2002.

ILHA, André. **Pontos de Apoio**. Mimeo, Rio de Janeiro, RJ, 1983b.

JUNIOR, Wanderley M.. Bourdieu e a teoria do campo esportivo. In: PRONI, Marcelo; LUCENA, Ricardo. (Orgs.). **Esporte: história e sociedade**. Campinas, SP, Autores Associados, 2002.

KRAKAUER, Jon. **No ar rarefeito**. São Paulo, Companhia das Letras, 2006.

LE BRETON, David. Risco e Lazer na Natureza In: MARINHO, Alcyane e BRUHNS, Heloisa T.. **Viagens, Lazer e Esporte: o espaço da natureza**. Barueri, SP, Manole. 2006.

LIMA, Roberto C. A. **O Clã da Lagartixa: Uma Visão Antropológica da Escalada no Paraná**. Monografia (Monografia em Antropologia) – Universidade Nacional de Brasília – DAN, Brasília – DF, 1993.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda, 1986.

LUCENA, Waldecy M.. **Historia do Montanhismo no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, s.n., 2006.

LUCENA, Ricardo. Elias: individualização e mimesis no esporte. In: PRONI, Marcelo; LUCENA, Ricardo. (Orgs.). **Esporte: história e sociedade**. Campinas, SP, Autores Associados, 2002.

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos**. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1987.

MAGNANI, Jorge G. Cantor. **Festa no Pedraço**. São Paulo, Brasiliense, 1984.

MARCASSA, Luciana. Lazer – Educação. In: GOMES, Christianne Luce (org.) **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte, Autentica Editora, p.119-125, 2004.

MARCELLINO, Nelson C.; **Lazer: Concepções e Significados**. In: Licere. Belo Horizonte (MG), v. 1, n. 1, p.37-43, 1998.

MARCELLINO, Nelson C.; Subsídios para uma Política de Lazer: o Papel da Administração Municipal. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. CBCE, v. 3, n. 11, 1990.

MARCELLINO, Nelson C.; **Estudos do Lazer: Uma Introdução**. Campinas, SP, Editora Autores Associados, 2002.

MARINHO, Alcyane. **Da busca da natureza aos ambientes artificiais: Reflexões sobre a escalada esportiva**. Campinas - SP, 2001.

MARINHO, Alcyane. (Orgs.). **Turismo e Lazer na Natureza**. Barueri, SP, Manole, 2003.

MASCARENHAS, Fernando. **O Lazer como Prática da Liberdade**. Goiânia, GO, Editora da UFG, 2003.

MELO, Victor A. de. **A cidade esportiva**. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1999.

MELO, Victor A. de. (Org.). **História Comparada do Esporte**. Rio de Janeiro, Shape, 2007.

MUMFORD, Lewis. **A Cidade na História: Suas Origens, Transformações e Perspectivas**. São Paulo, SP, Ed. Martins Fontes, 2001.

NOGUEIRA, M^a. A.; NOGUEIRA, Cláudio M. M.. **Bourdieu e a Educação**. Belo Horizonte, MG, Autêntica Editora, 2006.

OLIVEIRA, Isabel C. Eiras de. **Estatuto da Cidade**. Para Compreender 15 ed. Rio de Janeiro: IBAM/DUMA, 2001.

ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu: Sociologia**. São Paulo, SP, Editora Ática, 1983.

PELLEGRIN, Ana O espaço de Lazer na Cidade e a Administração Municipal. In: MARCELLINO, Nelson C. (Org.) **Políticas Públicas Setoriais de Lazer: O Papel das prefeituras**. Campinas, SP, Autores Associados, 1996.

PEREIRA, L. **Foot-ball mania**. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1998.

PEREIRA, Dimitri Wuo. **Escalada**. São Paulo, Odysseus Editora, 2007.

PILATTI, Luiz A.. Guttman e o tipo ideal do esporte. In: PRONI, Marcelo; LUCENA, Ricardo. (Orgs.). **Esporte: história e sociedade**. Campinas, SP, Autores Associados, 2002.

PIMENTEL, Giuliano G. de A.. **Risco, corpo e socialidade no vôo livre**. Campinas, SP, [s.n.], 2006.

PRONI, Marcelo W. **Esporte-espetáculo e futebol-empresa**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1998, p.26-27.

PRONI, Marcelo W.. Brohm e a organização capitalista do esporte. In: PRONI, Marcelo; LUCENA, Ricardo. (Orgs.). **Esporte: história e sociedade**. Campinas, SP, Autores Associados, 2002.

SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão**. São Paulo, Hucitec, 1987.

SCHETINO, André M.. **Pedalando na Modernidade: a bicicleta e o ciclismo na transição do século XIX para o XX**. Rio de Janeiro, Apicuri, 2008.

SCHWARTZ, Gisele. (Org.) **Aventuras na Natureza: Consolidando Significados**. Jundiaí, SP, Fontoura Editora, 2006.

THIRY-CHERQUES, hermano R.. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. In: **RAP**, Rio de Janeiro, RJ, 40(1):27-55, Jan./Fev. 2006.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo. SP: Atlas, 1995.

UVINHA, Ricardo Ricci. **Turismo de Aventura: Reflexões e Tendências**. São Paulo, SP, Aleph, 2005.

WERNECK, Christianne L. G.; STOPPA, Edmur A.; YSAYAMA, Helder F. **Lazer e Mercado**. Campinas, SP, Papirus, 2001.

WHITAKER, Francisco. **Redes: uma estrutura alternativa de organização**. www.lead.org.br/filemanager/download/378/Rede-uma_estrutura_alternativa_de_organizacao.pdf Acesso em: 20/03/07.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **O Fenômeno Urbano**. 4 ed. Rio de Janeiro 1967.

WEID, Jean Pierre Von Der. **Horizontes verticais**. Rio de Janeiro, J. P. Weid, 2006.

ZANCANARO, André.

<http://paginas.terra.com.br/esporte/campodealtitude/textos/textomontanhismo.htm>

Acesso em 12/10/07

XIMENES, Sergio. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo, SP, Ediouro, 2000.

ANEXOS

Anexo 1 – Entre Amigos

Anexo 2 – Manifesto da Escalada Natural

Anexo 3 – Pontos de Apoio

Anexo 4 – A “Descoberta” do Morro da Pedreira

Entre Amigos

Eustáquio Macedo de Melo Júnior⁵⁷

Daniel Ferreira Mariano

“Há algum tempo, numa época não muito distante, era comum ao chegarmos às montanhas darmos um grito: Hêooo!!!

Rapidamente este grito se repetia em várias bases de vias por todo o vale. Este grito, uma saudação entre os escaladores, alegrava-nos e enchia de entusiasmo a nossa alma, pois nos fazia sentir parte de uma grande família: a família dos amigos das montanhas.

Pois é, o tempo passou, o esporte cresceu e contamos hoje com muito mais escaladores do que havia há alguns anos; mas sentimos que alguma coisa se perdeu.

Onde está aquela grande família?

Nós gritamos mas hoje não ouvimos mais respostas.

Muitas pessoas novas entraram para nossa família, mas não sabem ou não foram informados dos nossos valores mais importantes: nossa amizade, nosso respeito.

Amizade, pois quando se esta na montanha é importante ser amigo, mesmo daquela pessoa que você nunca viu.

Respeito, pois apesar das diferenças entre estilos e pessoas.

Nós escaladores somos Exemplos de coragem, perseverança, garra e determinação. Valores sem os quais não se é montanhista, seja nos Andes, nos Alpes, ou em qualquer outra montanha, em qualquer lugar do mundo.

Raramente escutamos aquele grito hoje em dia e isto nos deixa tristes.

Nós nos preocupamos com o amanhã, com o estado em que vamos deixar as montanhas para a pessoas de nossa família que ainda estão por vir para as outras gerações que ainda vão conhecer o esporte e tirar dele exemplos de vida, de conduta e de responsabilidade.

Ainda hoje quando vamos a uma montanha costumamos gritar: Hêooo!!!!

Quem sabe alguém da nossa grande família responderá...”

⁵⁷ Texto publicado na serie “Escalada de Minas: o guia e a história das áreas de escalada de minas Gerais”.

Manifesto da escalada natural⁵⁸

André Ilha

Quando em 9 de abril de 1912 cinco jovens de Teresópolis pisaram pela primeira vez o cume do Dedo de Deus, começava em nosso país a prática de um novo esporte já bastante popular em outras partes do mundo, o Montanhismo.

Ganhando de imediato novos adeptos, o Montanhismo desenvolveu-se tendo como óbvio objetivo inicial a conquista de inúmeros picos ainda virgens no Rio de Janeiro e em seus arredores e, à medida em que estes escasseavam, a de novas vias de acesso a montanhas já escaladas anteriormente.

O equipamento e as técnicas empregados por esses pioneiros eram evidentemente bastante primitivos, parte devido à própria época em que essas ascensões se deram, parte pela falta quase que absoluta de contato com outras regiões nas quais a escalada em rocha se encontrava mais desenvolvida.

O uso de troncos e escadas como auxílio direto na progressão do escalador era a regra, e a proteção inteiramente baseada em grampos, artefatos de segurança que, uma vez aplicados, marcam irreversivelmente a rocha. Cabos de aço eram considerados uma técnica refinada, e o expoente máximo no uso deste artifício foi o infatigável escalador Sílvio Joaquim Mendes, que ao longo da década de 40 produziu diversas escaladas, algumas notáveis, com este recurso.

Não havia qualquer preocupação com estilo pois então, muito compreensivelmente, o importante era completar a escalada e atingir de qualquer maneira o cume visado. Os fins justificavam os meios. Pouco importava como a via era feita, já que escaladas eram encaradas como simples itinerários na rocha a serem vencidos com o auxílio de todos os recursos disponíveis.

Novas técnicas foram então criadas e introduzidas em nosso meio, e o equipamento à disposição do escalador foi de tal forma aperfeiçoado que muito cedo chegou-se ao ponto em que, literalmente, qualquer via poderia ser conquistada, mesmo por cordadas sem o menor preparo para tal, através de artificiais fixos. A habilidade cedia lugar à diligência, a criatividade à repetição, a coragem à tecnologia, e a vitória final sobre a escalada tornava-se, assim, um fato inevitável.

⁵⁸ Texto lido durante o I Encontro Brasileiro de Montanhismo, ocorrido em setembro de 1983 na cidade de Teresópolis, na sede do Parque Nacional da Serra dos Órgãos, e depois distribuído amplamente em versão impressa com um texto subsidiário, cujo título é "Pontos de Apoio".

Além disso, muitas dessas conquistas eram coletivas, ou seja, aquelas nas quais o sentimento maior de descoberta e criação de uma nova via é substituído por um trabalho de grupo que, embora gratificante sob certos aspectos, reduz o escalador de condição de um verdadeiro artista para a de simples operário. Resulta daí que a montanha terá que ceder, necessariamente, diante de um assalto que conte com tantos esforços alocados de forma sistemática. Isso rouba da escalada em rocha o sabor de aventura e a incerteza do resultado, sensações próprias de ascensões executadas com meios limitados e que, certamente, são dois de seus maiores atrativos. A experiência única que é a abertura de um novo traçado por uma cordada pioneira cede lugar a um avançar repetitivo, quase monótono, com o uso maciço de recursos materiais e humanos visando apenas completar a via, e não extrair dela experiências enriquecedoras.

Para salvar o esporte, enquanto esporte, de uma estagnação total, impunha-se que a comunidade local de escaladores resolvesse, voluntariamente, limitar os meios empregados em conquistas e ascensões subseqüentes. Tal atitude era inclusive urgente, pois o Rio de Janeiro e seus arredores já haviam sido severamente castigados com milhares de grampos absolutamente desnecessários. Estes desfiguram por completo o caráter natural das paredes rochosas e constituem-se, em termos ecológicos, em uma forma de poluição estética tão indesejável quanto o lixo que por vezes vemos espalhado ao longo de trilhas, acampamentos e mesmo amontoado na base de certas escaladas.

De fato, ao longo do tempo foram surgindo escaladores para os quais subir simplesmente uma parede passou a representar muito pouco, e que viam escaladas não como um mero itinerário na rocha, mas como uma íntima união deste com o estilo empregado durante a sua conquista e mesmo em ascensões posteriores. Para eles, grampos eram apenas o último (e não o único) recurso a ser usado, e escaladas deveriam ser tentadas o mais em livre possível, ou seja, sem se utilizar dos artefatos de segurança para apoio e progressão, devolvendo-lhes o seu caráter original de proteção no caso de uma eventual queda. Se uma escalada lhes parecesse acima de suas capacidades, treinavam para fazê-la corretamente ou então desistiam da empreitada, respeitando os limites impostos pela montanha.

Um dos mais remotos e brilhantes exemplos dessa nova mentalidade foi a conquista da Face Leste do Dedo de Deus, em 1944 – e portanto em plena era do

cabo de aço –, por três associados do Centro Excursionista Brasileiro, sem o uso de um grampo sequer. O CEB foi o pioneiro e desde então, até há poucos anos atrás, essa linda escalada pôde ser desfrutada em seu estado original por centenas, talvez milhares, de escaladores.

Exemplos como esse, de escaladas naturais, se multiplicaram ao longo dos anos, mas como a toda ação corresponde uma reação, logo se levantaram algumas vozes e críticas contra esse processo, que começava em nosso país já com considerável atraso em relação aos demais locais no mundo onde o esporte era praticado com seriedade. Essas críticas partiam de indivíduos ou grupos inconformados com o progresso e a evolução da escalada em rocha em nosso país, por razões para mim obscuras, mas eram a princípio discretas, já que não foi senão muito lentamente que o conceito de “escalada limpa” foi se estabelecendo em nosso meio e, portanto, não se constituía ainda em ameaça maior ao arcaico status quo vigente.

Ocorre que o número de adeptos do purismo em nosso esporte cresceu consideravelmente em número e habilidade, graças à natural evolução que acompanha o desenvolvimento de qualquer atividade, e sua capacidade técnica foi em muito ampliada devido à determinação de se explorar novos limites de dificuldade com uma auto-imposta redução de meios.

Dentro desse espírito, notáveis conquistas foram realizadas; afinal, a escalada em livre pode ser comparada a uma dança de rara elegância executada em um cenário vertical, e certamente é uma das mais belas e gratificantes formas de expressão do corpo humano em movimento. Nela, cada parte do corpo, assim como os sentidos e as emoções, são convocados a cada instante a terem um desempenho preciso para que se possa vencer o obstáculo proposto. Além disso, se a competição em nível interpessoal e intergrupar é um elemento inteiramente estranho e condenável em nosso esporte, pode haver uma competição velada do escalador com ele mesmo, no sentido de estabelecer os seus próprios limites e, se possível, alargá-los.

Para isso, por vezes, é necessário um grande treino e dedicação, como de resto em qualquer outra atividade humana. Mas que mal há nisso? A esse respeito, seria interessante ouvirmos o parágrafo final do editorial da revista inglesa Mountain, em sua edição de janeiro/fevereiro deste ano (1983): “Não devemos nos preocupar

quando os escaladores se tornam mais atléticos e usam sua própria força para conquistar a montanha, mas sim quando abusam no uso de artifícios para reduzir a montanha ao seu próprio nível. A reabertura aos olhos do mundo ao longo dos dez últimos anos da noção de escalada em livre pura pôde assegurar a continuidade da saúde do esporte”.

Aliás, o nivelamento por baixo do esporte parece ser o objetivo dos mais exaltados opositores de seu progresso nos dias atuais, gente que em plena década de 80 ainda conquista com cabos de aço, escadas de madeira, artificiais fixos inúteis etc., e que altera profunda e irreversivelmente as características originais de ótimas vias criadas no passado e assim repetidas por anos – ou décadas –, freqüentemente sem comunicar o fato aos conquistadores. Estas pessoas acusam a nova geração e seus feitos como obra de acrobatas e elitistas. Acrobatas porque muitos escaladores de hoje sentem prazer em enfrentar obstáculos muito acima dos acanhados limites que a estreita visão daqueles permite enxergar. E elitistas porque, em sua determinação de desenvolvimento, encaram e tentam dominar os seus próprios medos, e porque têm a suprema coragem de admitir a derrota frente às dificuldades naturais, sem recorrer a marretadas como uma solução rápida e fácil para os problemas que se apresentem.

Diz-se também que não está havendo respeito pelas tradições do Montanhismo, e que as atividades dos escaladores de hoje são conflitantes com o espírito dos clubes, dos quais se estaria tentando, inclusive, subverter a ordem normal. Nada mais falso. Os clubes sempre foram o principal centro de prática e difusão do esporte em nosso país, e seu papel é insubstituível nesse aspecto. Aqueles que se modernizam nada têm a temer; pelo contrário, só têm a lucrar com a efervescência que a introdução de novas idéias, técnicas e equipamentos trazem. Além disso, tradições só fazem sentido quando não interferem com o progresso, pois se não ainda estaríamos escalando com cordas de sisal na cintura e botas cardadas, a ainda seriam exigidos ao novato dois anos de experiência comprovada para participar de uma simples ascensão à Agulha do Diabo.

Os clubes devem ser fortalecidos, desde que não se desviem de sua finalidade original: ponto de encontro de montanhistas, centro de divulgação e estímulo à prática do esporte e arquivo da memória excursionista. Quando um clube

passa a dar maior importância à sua vida social do que ao Montanhismo em si incorre em grave distorção, que fere o próprio ideal que motivou a sua criação.

Finalmente, a última crítica que pesa sobre os defensores das escaladas naturais a merecer consideração é a que diz respeito às vias por eles criadas, que seriam perigosas, inseguras, e que se estaria tentando torná-las propositalmente difíceis e inacessíveis ao escalador comum. Nota-se aí, novamente, o conceito de elitismo sendo usado como arma improvisada para suprir a falta de argumentos mais consistentes sobre o assunto, e para disfarçar sentimentos inconfessáveis.

Um exemplo concreto de que qualidade não é sinônimo de dificuldade novamente pôde nos ser dado por associados do CEB, ao conquistarem recentemente duas pequenas e fáceis escaladas de 2o grau no Rio de Janeiro, os Paredões São Pedro e Yosemite. Ambas são vias que, apesar de clássicas em sua concepção, foram conquistadas dentro de um estilo impecável, ou seja, inteiramente em livre e com grampos em número suficiente para torná-las seguras, e nada mais.

É evidente que sempre poderá haver alguma discordância quanto ao tamanho de alguns lances, mas tais discussões devem ser levadas a termo civilizadamente sob o signo do bom-senso, e há de se respeitar, em última instância, a concepção original dos conquistadores. De qualquer forma, a questão poderia ser resumida nas palavras de um alpinista austríaco (Reinhold Messner), comentando a respeito dos que insistem em reduzir a dificuldade da montanha por meio de artifícios: “Esses escaladores carregam a sua coragem na mochila”.

Quanto à proteção móvel – ou natural, já que não danifica a rocha –, tal como nuts, friends, bicos de pedra, afirmo que ela é absolutamente segura quando corretamente empregada, e seu uso é a regra, e não a exceção, em todo o mundo. Há quem diga que nuts não deveriam ser usados, pois nem todos sabem lidar com eles ou mesmo não os possuem. Ora, qualquer técnica só pode ser posta em prática se houver um aprendizado prévio, e o uso de nuts, como qualquer outra em escalada, deve ter o seu ensino difundido para todos. Bater grampos ao lado de boas fendas, visando torná-las acessíveis para todos, seria como se o Comitê Organizador das Corridas de Fórmula I franqueasse suas provas a carros de passeio, para que todos nelas pudessem tomar parte. As únicas diferenças correm por conta da natureza competitiva daquele esporte, estranha ao Montanhismo, e

pelo fato de que qualquer um com vontade e disposição reais pode repetir as vias em nuts.

E quanto à alegação de que poucos possuem jogos de nuts, esta é improcedente, pois já vai longe o tempo em que estes eram uma raridade, e atualmente já existem até alguns de fabricação nacional, e todos sabemos como obtê-los.

Para concluir, gostaria de lembrar a todos os montanhistas presentes, mas especialmente aos mais novos que, no momento atual, estamos diante de uma encruzilhada que decidirá qual o futuro de nosso esporte. Está em jogo o nosso maior patrimônio, ou seja, o conjunto de paredes rochosas que nos circundam, e que serão legadas àqueles que nos sucederem.

Cabe então a cada um, com base nesses fatos que saltam aos olhos de quem quiser vê-los, escolher o seu caminho. Pode ser o caminho fácil que conduz ao passado, o da despreocupação com estilo e com a integridade física e estética da rocha, onde qualquer dificuldade pode ser imediatamente substituída por um grampo; ou pode ser o caminho muito mais árduo e exigente da escalada natural, onde dedicação – por vezes obstinação – e firmeza de propósitos são requisitos indispensáveis. Um caminho onde insucessos são mais freqüentes, mas que por outro lado, e por este mesmo motivo, as recompensas interiores de uma vitória são incomparavelmente maiores, já que derivam de um encontro justo com a montanha.

Se esse rumo for o escolhido por todos, então poderemos afirmar com segurança que a escalada em rocha no Brasil irá ocupar, em breve, o lugar de destaque que merece, tanto dentro quanto fora de nossas fronteiras.

Pontos de Apoio⁵⁹

André Ilha

Evitar o uso de pontos de apoio artificiais tem sido um constante tema de debates em nosso círculo de escaladores, uma vez que a escalada em livre é um dos objetivos mais evidentes contidos no conceito de escalada natural. Mas o que realmente vem a ser “escalar sem pontos de apoio”? Ou, em outras palavras, como poderíamos definir com precisão o que é escalada livre?

Na moderna concepção do esporte significa não se utilizar, de forma alguma, dos pontos de segurança (grampos, pitons, nuts, cunhas etc.) para auxílio direto na progressão do escalador, reservando-os apenas para proteção caso uma queda venha a ocorrer. Isso implica não pisar nem segurar neles, tanto para impulso quanto para equilíbrio, em ascensões que se digam como sendo em livre.

Dentro desse conceito, descansar em um grampo também é uma forma de usá-lo como apoio, pois assim a continuidade de dificuldades, sem a presença de locais naturais de repouso – platôs, lacas, depressões e saliências de porte na rocha –, estará sendo quebrada, e esse é um dos fatores preponderantes na determinação do grau de uma via, a ser assumido por quem se dispuser a fazê-la em livre.

Mesmo que após descansar o escalador retome a sua posição original no lance para o reinício da ascensão, ainda assim estará usando um ponto de apoio, pois terá se valido de um artifício para dividir uma seqüência de dificuldades em “n” partes, tornando-a obviamente mais fácil enquanto menos extenuante. Em outros países isso é chamado de aid-rest (descanso com apoio), e as passagens assim executadas são classificadas como sendo de A-0, pois encontram-se a meio caminho entre ascensões em livre puras e os artificiais convencionais.

A exceção evidente a esta regra corre por conta das paradas no final das enfiadas de corda onde não hajam locais naturais de repouso, ou no-hands rests, se usarmos uma vez mais a terminologia empregada no exterior. Mas a prática nos mostra que tais casos são raros, e que a negativa a esta afirmação decorre do fato de que o nosso sistema usual de proteção, centrado em grampos fixos de altíssima resistência, permite a parada em virtualmente qualquer ponto da escalada, sem que

⁵⁹ Texto distribuído juntamente com o “Manifesto da escalada natural”, de setembro de 1983.

se tenha que buscar, necessariamente, um desses locais naturais de repouso para descansar e trazer o participante.

Um exemplo concreto: há uma seqüência de lances no Paredão Soleil, entre o seu primeiro platô e um óbvio buraco (locais de parada naturais) que, se feita em livre de forma contínua, terá uma dificuldade. No entanto, se for repetida descansando-se em cada grampo, ou dividida em duas ou mais enfiadas de corda por meio de paradas forçadas, então sua dificuldade será inteiramente diferente daquela.

E quando o escalador cai? Ao voltar à sua última costura para se recompor não estará ele usando um ponto de apoio artificial para descanso? Sim, pois a queda significa que ele falhou em sua tentativa de subir em livre aquele trecho. Deriva diretamente deste fato um estilo de ascensão muito popular em todo o mundo conhecido como “iô-iô”, onde o escalador, após cada queda, retorna ao seu último no-hands rest (literalmente, ponto de descanso sem as mãos) e daí recomeça toda aquela seqüência de lances, visando fazê-la de forma contínua. Conhece-se casos de cordadas que consumiram mais de um mês de tentativas em iô-iô até conseguiram, finalmente, fazer em livre uma determinada enfiada de corda de dificuldade extrema. A opção para este fanatismo seria usar os apoios e assumir que não foi possível fazer em livre aquela via.

Outra dúvida que constantemente surge é se o escalador está usando um ponto de apoio quando segura em um grampo apenas para costurá-lo. Certamente que sim, pois isso além de ser uma forma de descanso, especialmente após lances de agarrinhas, freqüentemente serve como meio de se recuperar o equilíbrio perdido ou abalado após um lance difícil.

Repetir escaladas evitando o uso de pontos de apoio artificiais é um caminho rápido, seguro e eficiente para aprimoramento técnico individual. Permite também que velhas vias conquistadas total ou parcialmente em artificial subitamente voltem a despertar interesse, para ver se é possível se “eliminar” (evitar) os pontos de apoio até então existentes. Essa prática tem como conseqüência direta uma elevação substancial no nível geral de habilidade dos escaladores, e faz com que certas vias sofram drásticas mudanças de dificuldade. Por exemplo: o Paredão Baden Powell, de acordo com a concepção tradicional, é classificado como 4o IVsup, mais um pequeno cabo de aço (C). Se feito inteiramente em livre (cabo de aço inclusive) no

entanto, seu grau pula para 5o VIsup se os mesmos parâmetros de avaliação forem utilizados, no caso os propostos pela Federação de Montanhismo do Estado do Rio de Janeiro – FMERJ em 1975.

Isso em absoluto não significa que todos devam escalar dessa forma, pois a total liberdade de ação, fruto da escolha pessoal, é uma das principais características de nosso esporte, desde que terceiros não sejam prejudicados como no caso de grampos instalados para substituir dificuldades. Mas não é demais pedir que relatos de conquistas e repetições de vias já estabelecidas sejam precisos nesse aspecto, para que se possa avaliar corretamente a dificuldade de cada via e haver uma padronização da nomenclatura específica, reservando o termo “escalada livre” para aquelas que realmente o forem.

A “Descoberta” do Morro da Pedreira⁶⁰

André Ilha

Novembro de 1986. Eu estava em Belo Horizonte, hospedado na casa de um amigo espeleólogo, o Marco Antônio Cardoso, que ficara de me mostrar algumas áreas naturais bonitas no entorno da capital mineira. No primeiro dia visitamos alguns interessantes pontões de itabirito, na divisa dos municípios de Igarapé e Sobradinho, que hoje já não devem mais existir devido à fúria da Mineradora Rio Bravo, que já havia roído tudo ao seu redor. No segundo dia visitamos a Gruta da Morena, linda caverna calcária recém-descoberta em Cordisburgo, e no terceiro fui com o Tônico Magalhães, acompanhados por uma tropa de uns 20, escalar na Serra da Piedade, em Caeté, onde conquistamos o Pontão das Orquídeas, uma pequena agulha também de itabirito, por uma via toda em móvel de cerca de 25 m de extensão.

O melhor, no entanto, ficara reservado para o último dia: a ainda pouco famosa Serra do Cipó, parque estadual que acabara de ser transformado em parque nacional, no paupérrimo município de Santana do Riacho, lugar então só acessível por estrada de terra, que ficava em péssimo estado na época das chuvas. Na véspera, porém, ele me levou a um barzinho na Savassi, bairro chique de BH, para me apresentar ao André Jack, um entusiasmado nativo daquela região, que seria o nosso guia até o “Travessão”, o divisor de águas de duas importantes bacias hidrográficas, a do Rio Doce e a do Rio São Francisco. Após alguns minutos de conversa com o Jack, parecia que a gente se conhecia desde criancinha, tal a afinidade; e, de fato, ele é, até hoje, um de meus melhores amigos, ainda que desenvolvendo uma carreira de paisagista na distante Irlanda.

Na manhã seguinte, com o tempo instável, partimos para o Cipó e, após passarmos pelo camping do Véu da Noiva, começamos a última etapa motorizada, a íngreme subida em direção a Conceição do Mato Dentro. Foi quando eu olhei para a esquerda e meus olhos quase pularam para fora de suas órbitas: lá estavam, pertinho da estrada, as paredes e os pontões do Morro da Pedreira, mais precisamente aqueles dos “Grupos” 1, 2 e 4! Eu fiquei muito agitado, e sugeri que déssemos meia-volta ali mesmo para explorar as óbvias canaletas que escorriam do

⁶⁰ Publicado na revista *Headwall* nº 3 (maio/junho de 2002).

topo das paredes e às vezes vinham até o chão, às vezes não, todas porém em um mármore (calcário) que provou ser de muito boa qualidade.

O problema é que tanto o Jack quanto o Marco Antônio, que ainda não eram escaladores, me prometeram paredes muito maiores e melhores no Travessão, e seria no mínimo uma descortesia de minha parte dizer que não queria seguir adiante. Assim, fomos em frente, deixamos o carro no sopé da Serra do Palácio – uma das diversas sub-serras do Cipó, que por sua vez não passa de um braço da majestosa Serra do Espinhaço – e fizemos a caminhada até o Travessão, arriados com o peso de todo o material de conquista. Pegamos sol e chuva, e ao chegar lá pude ver um cenário de grande beleza, mas pouco promissor para escaladas. As paredes, na direção do Rio dos Peixes, que deságua no Doce, eram de fato muito maiores, mas pouco inclinadas e, portanto, cheias de vegetação, um ótimo lugar para caminhar mas nem tanto para escalar. Na outra direção, as paredes do vale do Rio Gavião, que desemboca no Rio das Velhas, e este no Velho Chico, eram ainda menos promissoras.

Tomamos um rápido banho de rio e voltamos correndo – correndo mesmo! – para o carro, e às 17h30m, finalmente, estávamos encordados na base de uma parede maravilhosa, com altura entre 50 e 60 metros, naquilo que viria a ser conhecido como Grupo 1, prestes a subir uma fenda larga e contínua que me pareceu a mais indicada para quem só dispunha de uma hora de luz. Na verdade, ela me parecera menor quando vista de baixo, e foi com alguma surpresa que me vi forçado a fazer uma parada a cerca de 40 metros do chão, algo que não estava no script. Como o Marco Antônio só possuía vagas noções de escalada, devido à sua prática de espeleólogo, e o Jack nem isso, a escalada transcorreu lentamente, só tendo terminado após o anoitecer. Nascia, desta forma, a Fissura do Pôr-do-Sol (2º III, 55m), a primeira via de escalada do Morro da Pedreira e de toda a Serra do Cipó!

A partir daí eu fiquei verdadeiramente viciado pelo Morro da Pedreira, onde passei incontáveis e inesquecíveis dias escalando com muitos amigos mas, principalmente, com o André Jack. Juntos, varremos o morro para cima e para baixo, explorando vales, grutas e abrindo vias onde nos apetecia. O Grupo 3, em especial, atraiu muito a nossa atenção, sendo que eu conquistei, de forma sistemática, quase todas as inúmeras fendas que sulcam as suas paredes, muitas delas ainda não repetidas. Porta para o Infinito, Mandala, Viagem Através da Loucura, Bicho-de-

Sete-Cabeças, La Pata, Taj Mahal, O Presente da Águia... Foram muitas, cada qual com suas emoções peculiares, já que a proteção nem sempre era confiável...

Naquela época era tudo muito diferente: não havia barracas, nem aparelhos de som, nem filas na base das vias – na verdade não havia ninguém, só nós e alguns poucos amigos: minha ex-mulher, Lúcia Duarte, Júlio Cardoso, Tonico e mais alguns novatos locais, como o Rodrigo Tinoco, que viriam a ser o embrião de toda a escalada mineira da atualidade. Escalava-se sem pressa, pois o morro era só nosso, e exercitamos o nosso amor por aquele local extraordinário através do Movimento Pró-Morro da Pedreira, que depois de um ano e meio de luta e duas grandes manifestações o salvou de virar brita e aguçou a sensibilidade de muitos de nós para outras questões ambientais. Não satisfeitos, descobrimos, redescobrimos e exploramos diversas grutas calcárias, uma delas, a Gruta da Viola, no Grupo 4, ostentando mais de mil metros de salões e galerias.

Como o Morro da Pedreira representasse para mim um substituto mais do que à altura da Serra do Lenheiro, primeiro centro de escalada móvel do país, mas onde as possibilidades de novas vias neste estilo já começavam a escassear, minha atenção se fixou exclusivamente nas suas incontáveis fendas e canaletas, sendo que eu participei da conquista de mais de 60 vias distribuídas pelos seus cinco grupos (descobrimos posteriormente um pequeno afloramento de mármore antes do Grupo 1, que foi batizado de “Grupo Meio”). Mas estava muito claro para todos nós que, passada esta primeira fase, o Morro da Pedreira experimentaria uma segunda, com a abertura de escaladas atléticas de agarras protegidas por grampos nos espaços existentes entre as fendas pioneiras.

Acertamos, claro, pois não era preciso ser nenhum profeta para prever que isso aconteceria, e vias esportivas espetaculares foram criadas desde então. Veio o asfalto, a mineradora se retirou, vieram as massas, tudo inevitável. Mas, ah!, como eram bons aqueles primeiros tempos – mais românticos, tranquilos, ingênuos e solidários!